



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ARACELI STRASSACAPA

**PROVÉRBIOS NA ESCOLA E NA VIDA:
UMA VISÃO DISCURSIVA**

Londrina
2015

ARACELI STRASSACAPA

**PROVÉRBIOS NA ESCOLA E NA VIDA:
UMA VISÃO DISCURSIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profletras, em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Suzete Silva

Londrina
2015

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S897p Strassacapa, Araceli.
Provérbios na escola e na vida : uma visão discursiva / Araceli Strassacapa. –
Londrina, 2015.
144 f. : il.

Orientador: Suzete Silva.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade
Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2015.

Inclui bibliografia.

1. Provérbios – Teses. 2. Gêneros discursivos – Teses. 3. Sequência didática
– Teses. 4. Linguagem – Estudo e ensino – Teses. I. Silva, Suzete. II. Universidade
Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 801

ARACELI STRASSACAPA

**PROVÉRBIOS NA ESCOLA E NA VIDA:
UMA VISÃO DISCURSIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação ProFletras, em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Suzete Silva
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^a. Dr^a. Maria Carolina de Godoy
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Otávio Goes de Andrade
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 20 de agosto de 2015.

Dedico este trabalho a todos que se preocupam com uma educação de qualidade e buscam aprimorar seus conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

À Suzete Silva, minha orientadora, mulher de fibra, batalhadora, sempre busca seus sonhos e estimula seus alunos a lutarem por seus objetivos.

Ao meu marido que sempre me apoiou para que meus sonhos se realizassem.

Aos meus familiares que são minha fortaleza, onde encontro equilíbrio em minha vida.

Ao meu filho que esteve presente em todos os momentos deste estudo.

A todos os meus colegas de sala, juntos compartilhamos dificuldades e alegrias.

Enfim, a Deus, que sempre conduz meu caminho, minhas decisões, dando-me sabedoria e discernimento.

Programados para aprender e impossibilitados de viver sem a referência de um amanhã, onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender.

(FREIRE, 1996, p. 33).

STRASSACAPA, Araceli. **Provérbios na escola e na vida**: uma visão discursiva. 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

RESUMO

É muito importante ao educador conceber a linguagem com o um significado amplo e dinâmico que se relaciona plenamente com a participação social. Nesse sentido, pode-se trabalhar qualquer gênero discursivo favorecendo reflexões variadas, pois o gênero inclui o discurso e a sociedade. Este trabalho objetivou analisar como se constituem os sentidos dos enunciados proverbiais, inseridos no ambiente escolar como metodologia de ensino por meio do gênero discursivo e de uma pesquisa-ação realizando, concomitantemente, um processo educativo para o enfrentamento da realidade escolar em sala de aula com alunos do nono ano da rede pública de ensino. A pesquisa teve como base teórica a concepção interacionista de linguagem e a vertente Bakhtiniana de gêneros discursivos. Foi desenvolvido um trabalho direcionado por meio de uma sequência didática ambicionando promover ação – reflexão – ação. Desta forma, os alunos puderam adentrar em situações de comunicação mais próximas da sua realidade sócio-cultural, a fim de compreenderem a função discursiva da linguagem e, desse modo, consolidar as habilidades de leitura, de compreensão, de interpretação e de escrita.

Palavras-chave: Provérbios. Gênero discursivo. Sequência didática. Ensino e aprendizagem.

STRASSACAPA, Araceli. **Proverbs at school and in life: a discursive view**. 2015. 140 p. Thesis (Masters Degree in Language Studies) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ABSTRACT

It is very important that the educator conceives language as a broad and dynamic meaning which fully relates to social participation. In this sense, one can work any discourse genre favouring varied reflections, as genre includes discursive and society. This paper aimed at analysing how the meanings of proverbial statements are put together, inserted in the school environment as a teaching methodology through discourse genre and an action research, performing concomitantly an educational process to cope with the school reality in a classroom of ninth graders of state schools. The research had as a theoretical basis the interactionist conception of language and Bakhtin's perspective of discourse genres. We developed a work directed by a didactic sequence aspiring to promote action - reflection - action. This way, the students were able to come into communication situations closer to their sociocultural reality in order to understand the discursive function of language and thus consolidate reading, comprehension, interpreting and writing skills.

Keywords: Proverbs. Discourse genre. Didactic sequence. Teaching and learning.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Esquema da linguagem	17
Quadro 2 -	Reflexão sobre o ensino de gramática.....	21
Quadro 3 -	Agrupamento dos gêneros discursivos conforme Dolz e Schneuwly	38
Quadro 4 -	Esquema da sequência didática	58

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Depois da tempestade sempre vem o Wolverine	64
Figura 2 -	Amor com amor se paga	65
Figura 3 -	Uma gotinha de água só não faz verão.....	65
Figura 4 -	Quem tem boca vai a Roma	65
Figura 5 -	Toma que o BB é seu	66
Figura 6 -	Na descida todo santo é Judas	66
Figura 7 -	Zíper	66
Figura 8 -	Antes chegar um pouco tarde, do que nunca ter feito nada de bom pelo mundo	67
Figura 9 -	Quem tem pressa como cru	67
Figura 10 -	Quem tem filho barbado é gato	67
Figura 11 -	Não há rosa sem espinho	70
Figura 12 -	Se queres ser um bom juiz, ouça o que cada um diz.....	71
Figura 13 -	Notícia ruim cria asa / Nem tudo que reluz é ouro	71
Figura 14 -	João e a praça	72
Figura 15 -	O mundo dá voltas	73
Figura 16 -	Filho de peixe peixinho é / Não adianta chorar pelo leite derramado.....	74
Figura 17 -	A união faz a força / Quem espera sempre alcança	75
Figura 18 -	All-Star	76
Figura 19 -	Caneta Bic	76

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E ENSINO	15
2.1 A	LINGUAGEM COMO FORMA DE INTERAÇÃO	15
2.2 A	CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR	18
2.3 E	ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	23
2.3.1	Oralidade	25
2.3.2	Leitura	27
2.3.3	Escrita	30
2.4 A	ANÁLISE LINGUÍSTICA E AS PRÁTICAS DISCURSIVAS	32
2.5 G	GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS	35
2.5.1	Gêneros na Vertente Bakhtiniana.....	41
3	PROVÉRBIOS	44
3.1 O	QUE É PROVÉRBIO	44
3.2 R	REVISÃO HISTÓRICO DOS PROVÉRBIOS	46
3.3 O	PROVÉRBIO NO MEIO SOCIAL NOS DIAS ATUAIS	47
3.4 O	PROVÉRBIO NA SALA DE AULA	49
3.5 O	PROVÉRBIO EM TEXTO PUBLICITÁRIO	50
3.5.1	Texto publicitário – gênero discursivo.....	50
3.5.2	Linguagem: instrumento de poder	52
3.5.3	Provérbio em texto publicitário.....	53
4	DESENVOLVIMENTO	55
4.1 A	PESQUISA-AÇÃO	55
4.2 S	SEQUÊNCIA DIDÁTICA	57
4.3 M	METODOLOGIA	60
4.4 A	ANÁLISE E RESULTADOS	68
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
	REFERÊNCIAS	82

APÊNDICES	89
APÊNDICE A – Cronograma	90
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	91
APÊNDICE C – Sequência didática aplicada em sala de aula	93
ANEXOS	96
ANEXO A – Atividades realizadas pelos alunos em sala de aula	97
ANEXO B – Sugestões de atividades com provérbios para futuros trabalhos	101

1 INTRODUÇÃO

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.”

(FREIRE, 2008, p. 90)

A linha de pesquisa deste trabalho discute o espaço e o tratamento dos provérbios enquanto gênero discursivo, nas aulas de Língua Portuguesa nos anos finais do ensino fundamental (9º ano) de um colégio da rede pública de ensino. O gênero proverbial será abordado por meio de uma sequência didática de acordo com a proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), com o intuito de refletir sobre o uso da língua materna em diversos contextos comunicativos.

O trabalho com os gêneros discursivos em sala de aula, principalmente na disciplina de Língua Portuguesa, é muito importante para a compreensão da circulação dos diversos textos na esfera social e significativo para tratar das questões de linguagem estabelecendo relações dialógicas. Para teorizar sobre os gêneros do discurso, Bakhtin (2003), levou em conta, principalmente, o seu processo de produção e sua intrínseca relação com as atividades humanas realizadas dentro das esferas de comunicação, constituindo, assim, os mais variados processos de interação.

Existe uma grande diversidade de gêneros encontrados nos livros didáticos para serem trabalhados em sala de aula, são formas comunicativas que devem ser tratadas como processos interativos. Se os gêneros são produzidos dentro das esferas sociais de comunicação, então é importante considerar que eles se determinam de acordo com as condições de produção de cada esfera, refletem suas especificidades e suas finalidades. Contudo, esses enunciados não são estanques, isto é, esgotados em si mesmos, presos a formas. Ao contrário, os gêneros do discurso são entidades maleáveis, plásticas, heterogêneas, *relativamente estáveis*, que são compostos por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional (BAKHTIN, 2003).

Os provérbios pertencem ao gênero oral, raramente são encontrados nos livros didáticos como proposta de atividades ou unidades de ensino. Eles apresentam propósitos comunicativos pelas situações de interação em que são usados, incorporam valores sociais, subjetivos, abordam diversos assuntos de uma determinada relação social na comunidade discursiva. Observamos, frequentemente, o uso de provérbios em anúncios publicitários, revistas, mídias, propagandas, entre outros, mas, no âmbito escolar, ainda são

pouco explorados. Por isso, acreditamos, os provérbios devem ser inseridos como gênero discursivo nas aulas de Língua Portuguesa.

O aluno irá adentrar nos conhecimentos linguísticos com maior propriedade se a ele for dada a oportunidade de buscar os conhecimentos, nas práticas de leitura, escrita e oralidade, o caráter dinâmico dos gêneros discursivos. Assim, podemos concluir que a língua é um instrumento de poder e os provérbios apresentam traços culturais fortes, características peculiares para tal reflexão. As Diretrizes Curriculares da Educação Básica (PARANÁ, 2008, p. 38) propõem que “é nos processos educativos, e notadamente nas aulas de Língua Materna, que o estudante brasileiro tem a oportunidade de aprimoramento de sua competência linguística, de forma a garantir uma inserção ativa e crítica na sociedade”.

Esta pesquisa fundamenta-se na teoria de Bakhtin (2003), Dolz e Shneuwly (2004); e nos estudos sobre o gênero proverbial em Silva (2011), Xatara e Succi (2015). No que tange às discussões em relação ao ensino e aprendizagem há reflexões de autores como: Antunes (2007), Barbier (2007), Cavalcante (2012), Geraldi (1993), Kleiman (1996 a ou b), Marcuschi (2006), Orlandi (2001), Severino (2007), entre outros.

Adentrando nos estudos dos teóricos acima, verificamos que o gênero discursivo está presente nas diferentes esferas sociais e também como centro do ensino de Língua Portuguesa, em relação ao exposto, as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (PARANÁ, 2008, p. 53) ressaltam que “o aprimoramento da competência linguística do aluno acontecerá com maior propriedade se lhe for dado conhecer, nas práticas de leitura, escrita e oralidade, o caráter dinâmico dos gêneros discursivos”.

O objetivo desta pesquisa é analisar os sentidos do gênero proverbial como metodologia de ensino numa perspectiva discursiva, instigando o aluno a refletir criticamente sobre o uso da língua enquanto meio de interação e comunicação. Os objetivos específicos para estudar o gênero proverbial, foram os seguintes:

- a) compreender o que é um provérbio;
- b) analisar a relação entre provérbios e sabedoria popular;
- c) analisar a função da linguagem como meio de comunicação;
- d) desenvolver comportamentos leitores e escritores a linguagem oral e se familiarizar com o gênero em questão;
- e) refletir sobre temáticas atuais apresentadas por meio dos provérbios, encontrados em textos publicitários.

Para tanto, a metodologia deste estudo foi fundamentada na realização de uma sequência didática de acordo com a proposta de Dolz e Shneuwly (2004), aplicada em

alunos do 9º ano da rede pública de ensino, composta pela apresentação da situação, produção inicial, quatro módulos com atividades envolvendo o gênero proverbial e a produção final. Para levantamento dos dados a pesquisa-ação foi utilizada como instrumento, baseada nos estudos de Severino (2007) e Barbier (2007).

No primeiro capítulo encontra-se uma abordagem sobre os estudos da linguagem, baseada no panorâmico histórico sobre as concepções de linguagem, algumas ideias sobre autores da concepção interacionista e sua importância para o ensino da Língua Portuguesa nas instituições de ensino, enquanto meio de interação e comunicação.

O segundo capítulo discorre sobre a fundamentação dos gêneros discursivos, traz um breve histórico, ressalta a importância dos gêneros orais e escritos enquanto objeto de ensino e aprendizagem e aborda os gêneros na visão bakhtiniana, de acordo com a teoria interacionista, dialógica.

O terceiro capítulo aborda um histórico sobre o provérbio, bem como a descrição deste e seu emprego no meio social nos dias atuais e uma breve discussão sobre o uso do provérbio em sala de aula enquanto gênero discursivo, assim como seu poder persuasivo encontrado nos textos publicitários.

No quarto capítulo, encontra-se os encaminhamentos teórico-metodológicos, constituído pela pesquisa-ação, investigando a realidade a ser estudada e propondo uma ação educativa para o enfrentamento dessa realidade. Em seguida, temos a sistematização da sequência didática e o desenvolvimento de suas etapas de acordo com os módulos propostos, logo após, a análise e os resultados da aplicação da sequência didática de acordo com os dados coletados.

Em suma, esta pesquisa ressalta que o ensino da Língua Portuguesa, por meio dos gêneros discurso, aprimora a formação do aluno tornando-o crítico e reflexivo capaz de interagir de forma autônoma na sociedade.

2 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E ENSINO

A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não conhecemos por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam.

(BAKHTIN, 2003, p. 268).

2.1 A LINGUAGEM COMO FORMA DE INTERAÇÃO

A importância da linguagem está relacionada com o ato da comunicação em suas diversas formas na fala e na escrita, levando os indivíduos a serem sujeitos interativos dentro de um contexto social. É relevante pensar em linguagem nas suas diversas concepções: social, histórica e científica, cabendo à educação dar condições aos educandos para fazerem uso dos diferentes discursos nas esferas sociais, aprimorando a aquisição da oralidade e da escrita, pois o mundo que nos cerca exige cada vez mais um conhecimento amplo dos usos das linguagens em suas diversas práticas sociais.

No entanto, a linguagem constitui nosso meio de comunicação e assume várias funções de acordo com o contexto em que se insere. Conforme Saussure (1996, p. 34-35):

A linguagem é multiforme e heteróclita; cavalcando sobre diferentes domínios, ao mesmo tempo físico, fisiológico e psíquico, ela pertence ainda ao domínio individual e ao domínio social; ela não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, e é por isso que não sabemos como determinar sua unidade.

A língua escrita não é apenas a representação da língua falada, mas um sistema mais disciplinado e rígido. Os conhecimentos adquiridos na prática da linguagem devem possibilitar a ampliação da capacidade de análise crítica e reflexiva. Afirma Bakhtin (2003, p. 310):

Portanto, por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema correspondem no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (a sua intenção em prol da qual ele foi criado). É aquilo que nele tem relação com a verdade, com a bondade, com a beleza, com a história.

Com a evolução da humanidade e dos avanços de estudos sobre a linguagem, foram formuladas algumas concepções, de acordo com alguns estudiosos sobre o

assunto (CARDOSO, 1999b; GERALDI, 1984; TRAVAGLIA, 1985), podemos classificar as concepções de linguagem em três grupos: como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como forma de interação.

A concepção de linguagem como expressão do pensamento teve origem na gramática tradicional, na qual o conceito do “certo e errado” era imprescindível para a distinção do ser falante, sendo entendida como expressão direta do pensamento, produzida no interior da mente de cada indivíduo. Pensando no ensino da língua, valorizava-se as formas gramaticais pré-estabelecidas, o ensino prescritivo sem espaços para as variações linguísticas, ressaltando as regras a serem seguidas.

É um princípio sustentado pela tradição gramatical grega, passando pelos latinos, pela Idade Média e pela Idade Moderna, teoricamente, somente rompida no início do século XX com Saussure (1996).

Enfatizando princípios gerais e racionais norteadores da expressão do pensamento e da linguagem, as regras seguidas passam a ser do “bem falar e do bem escrever”, exigindo-se por parte dos falantes precisão e clareza em relação à linguagem.

Neste sentido, o ensino de língua se volta para a gramática teórico-normativa com o propósito de conceituar e classificar para compreender a concordância, regência, acentuação, pontuação e ortografia, ou seja, no eixo curricular estuda-se somente os eixos gramaticais. Em relação à interpretação, são válidas somente as ideias dos autores dos textos, muitas vezes fornecidas pelos professores.

De acordo com Perfeito (2005), a concepção de linguagem como expressão do pensamento, focando a gramática normativa, orientou o ensino de língua materna no Brasil até a década de sessenta sendo possível observar sua influência nos dias atuais.

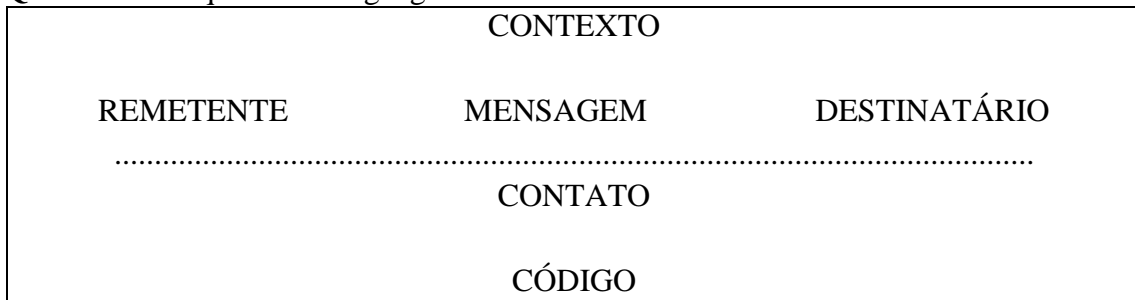
Na concepção da linguagem como instrumento de comunicação a língua é entendida como um código que transmite uma mensagem entre um emissor e um receptor. Saussure (1996) rompe o paradigma da concepção da linguagem como expressão do pensamento estabelecendo a dicotomia *langue* (língua)/*parole* (fala), estabelecendo uma abordagem estrutural acerca da língua.

Saussure (1996, p. 22) afirma:

A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação [...]. A fala é, ao contrário um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações.

Para Jakobson (1973), que amplia a visão saussureana e a perspectiva estruturalista, os fatores da comunicação são responsáveis em conduzir as mensagens e demonstrar como a linguagem funciona. O estudioso resalta seis fatores fundamentais da comunicação: remetente (emissor) o qual envia uma mensagem e um destinatário (ouvinte, receptor) por meio de um canal. Esta mensagem que é construída por um código e comum aos envolvidos na comunicação, refere-se a um determinado contexto ou referente e pode ser esquematizada, de acordo com Jakobson (1973, p. 123) da seguinte forma:

Quadro 1 – Esquema da linguagem



Fonte: Jakobson (1973, p. 123).

A partir da análise do quadro acima, para que haja comunicação não basta que um remetente envie uma simples mensagem a um destinatário, para essa mensagem ser compreendida é necessário que ela preencha algumas condições como: um determinado contexto, um código compreensível e um canal entre o remetente e o destinatário. No entanto, cada mensagem apresenta uma finalidade na comunicação, então, Jakobson (1973) atribui seis funções à linguagem: função referencial, função expressiva ou emotiva, função conativa, função fática, função metalinguística e função poética.

Hoje, as atividades com leitura e produção textual começam a ganhar um novo olhar, como afirma Perfeito (2005, p. 34) “a leitura e a produção textual começam a ganhar relevância na escola, ao lado dos elementos da teoria da comunicação”.

Por fim, temos a linguagem como forma da interação, proporcionando um ensino mais eficaz e capaz de desenvolver melhores caminhos para se observar a funcionalidade da língua, assim, na escola, a linguagem passa a ser vista e analisada em seu contexto de uso e produção, se constituindo e se modificando historicamente na interação social.

A linguagem como forma de interação foi desenvolvida no Círculo de Bakhtin com foco na linguagem, a interação entre os sujeitos, entendidos como agentes sociais que trocam experiências e conhecimentos por meio de diálogos. O Círculo criticava a

reflexão linguística de carácter formal-sistemático por considerar tal concepção incompatível com uma abordagem histórica e viva da língua, uma vez que “a língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza mediante a interação verbal social dos locutores” (BAKHTIN, 1999, p. 127).

O aluno passa a ter um aprendizado mais ativo, conseguindo perceber a língua em seu uso real, de forma mais clara e presente em seu cotidiano, adquirindo a capacidade de discernir as diversas utilizações da língua e o seu emprego adequado nas diversas situações comunicativas, reduzindo, dessa forma, a prioridade dos métodos tradicionalistas.

As DCEs de Língua Portuguesa (PARANÁ, 2008, p. 30), afirmam:

A contextualização na linguagem é um elemento constitutivo da contextualização sócio-histórica e, nestas diretrizes, vem marcada por uma concepção teórica fundamentada em Mikhail Bakhtin. Para ele, o contexto sócio-histórico estrutura o interior do diálogo da corrente da comunicação verbal entre os sujeitos históricos e os objetos do conhecimento. Trata-se de um dialogismo que se articula à construção dos acontecimentos e das estruturas sociais, construindo a linguagem de uma comunidade historicamente situada. Nesse sentido, as ações dos sujeitos históricos produzem linguagens que podem levar à compreensão dos confrontos entre conceitos e valores de uma sociedade.

No âmbito educacional, o contexto passa a ser entendido como um elemento fundamental das estruturas sócio-históricas, deixando de ser o entorno contemporâneo e espacial de um objeto ou fato, passando a ser compreendido por métodos que fazem uso, necessariamente, de conceitos teóricos precisos e claros, voltados à abordagem das experiências sociais dos sujeitos históricos produtores do conhecimento.

A linguagem entendida como meio de comunicação, ou como interação verbal, remete a uma reflexão sobre a língua, pois o indivíduo desenvolve uma independência intelectual e passa a ter várias compreensões daquilo que a ele é apresentado, atribuindo valores e significados de acordo com sua própria visão de mundo.

2.2 A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

Considerando que o desenvolvimento intelectual do homem está intimamente ligado às relações sociais produtoras de cultura e do conhecimento, a linguagem passa a ser um sistema simbólico fundamental de mediação entre os homens e o mundo concreto.

No ambiente educacional, a linguagem deve ser tratada como um processo de interação social entre os indivíduos. A respeito da linguagem Bakhtin (1999, p. 123) afirma:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

A sociedade está cada vez mais exigente, não basta seguir somente as normas linguísticas sem deixar espaço para o desenvolvimento do aluno enquanto sujeito crítico capaz de expressar suas ideias e lutar pelos seus objetivos. Assim, a escola passa a ser um espaço voltado à reflexão e o professor assume o papel de mediador da aprendizagem, respeitando e interagindo com as diferenças étnicas, culturais, sociais e econômicas do educando. Afirma Signorini (2002, p. 76-77):

A língua se relaciona com a sociedade porque é a expressão das necessidades humanas de se congregarem socialmente, de construir e desenvolver o mundo. A língua não é somente a expressão da alma, ou do íntimo, ou do que quer que seja, do indivíduo; é acima de tudo, a maneira pela qual a sociedade se expressa como se fosse a sua boca.

Considerando a língua como algo vivo, dinâmico, em constante mudança, é preciso compreender realmente o que é língua e o que é gramática. Antunes (2007) coloca que a língua não pode ser vista simplesmente como erros e acertos de gramática, e as mudanças da língua não podem ser percebidas como erros. Todos os problemas relacionados ao ensino e aprendizagem da língua são atribuídos à gramática, Antunes (2007) retrata vários equívocos sobre o ensino de gramática, os quais vão desde a crença de que para se garantir eficiência nas atividades de falar, ler e escrever, basta estudar gramática, até a crença de que não é para se ensinar gramática. Segundo Antunes (2007, p. 22):

Está evidente, pois, o caráter da gramática como uma área de grandes conflitos. Conflitos internos, oriundos da própria natureza dos fatos linguísticos. Conflitos externos, oriundos de fatores históricos que concorrem para a constituição dos fatos sociais (a língua é um deles; não esqueçamos).

Existem vários tipos de gramáticas elencadas por Antunes (2007):

- a) gramática como “regras que definem o funcionamento de determinada língua, como em gramática do português”; é o saber linguístico que todo falante de uma língua possui intuitivamente – *gramática internalizada*.

- b) gramática normativa: “regras que definem o funcionamento da norma culta”.
- c) “uma perspectiva de estudo, como em: ‘gramática gerativa’, ‘a gramática estruturalista’ [...]”, refere-se à abordagem histórica de uma tendência.
- d) Pode se tratar, também, “de uma disciplina estudo, como em ‘aulas de gramática’”. Tempos de aula destinados ao ensino e aprendizagem da estrutura da língua.
- e) Um compêndio descritivo-normativo sobre a língua – os manuais.

Contudo, o educador deve conhecer a gramática da norma culta, a variação e a modalidade utilizada pelos alunos e saber como cada variedade é usada em determinados conceitos. O foco é o equilíbrio: boas ideias com bom uso gramatical, ou seja, bom conteúdo com a boa apresentação do conteúdo. Logo, o ensino válido se faz quando o aluno pensa na língua que está usando, quando interage e reflete sobre ela. Desse modo, a prescrição não pode ser considerada uma boa tática para o ensino, uma vez que restringe o aluno a apenas um uso; ao contrário da descrição e reflexão, que mostram a ele quais são as diferentes opções que podem ser escolhidas e o permite pensar nessas escolhas.

Com este enfoque, observamos que as Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa (PARANÁ, 2008) já vêm propondo uma reflexão sobre o ensino de gramática em sala de aula, explorando as diferenças entre o ensino de gramática normativa e a prática de análise linguística, conforme quadro produzido por Mendonça (2006). Este quadro explicita a relação do sentido, ênfase às situações de uso, influência do contexto de produção, associando-se atividades metalinguísticas.

Quadro 2 - Reflexão sobre o ensino de gramática

ENSINO DE GRAMÁTICA	PRÁTICA DE ANÁLISE LINGÜÍSTICA
Concepção de língua como sistema, estrutura inflexível e invariável.	Concepção de língua como ação interlocutiva situada, sujeita às interferências dos falantes.
Fragmentação entre os eixos de ensino: as aulas de gramática não se relacionam necessariamente com as de leitura e de produção textual.	Integração entre os eixos de ensino: a AL é ferramenta para a leitura e a produção de textos.
Metodologia transmissiva, baseada na exposição dedutiva (do geral para o particular, isto é, das regras para o exemplo) + treinamento.	Metodologia reflexiva, baseada na indução (observação dos casos particulares para conclusão das regularidades/regras).
Privilégio das habilidades metalinguísticas.	Trabalho paralelo com habilidades metalinguísticas e epilinguísticas.
Ênfase nos conteúdos gramaticais como objetos de ensino, abordados isoladamente e em sequência mais ou menos fixa.	Ênfase nos usos como objetos de ensino (habilidades de leitura e escrita), que remetem a vários outros objetos de ensino (estruturais, textuais, discursivos, normativos), apresentados e retomados sempre que necessário.
Centralidade na norma-padrão.	Centralidade nos efeitos de sentido.
Ausência de relação com as especificidades dos gêneros, uma vez que a análise é mais de cunho estrutural e, quando normativa, desconsidera o funcionamento desses gêneros nos contextos de interação verbal.	Fusão do trabalho com os gêneros, na medida em que contempla justamente a intersecção das condições de produção dos textos e as escolhas linguísticas.
Unidade privilegiada: a palavra, a frase e o período.	Unidade privilegiada: o texto.
Preferência pelos exercícios estruturais, de identificação e classificação de unidades/funções morfosintáticas e correção.	Preferência por questões abertas e atividades de pesquisa, que exigem comparação e reflexão sobre adequação e efeitos de sentido.

Fonte: Diretrizes Curriculares da Educação Básica (PARANÁ, 2008, p. 61-62).

Ao propor um estudo referente ao quadro acima, observamos a junção das três gramáticas citadas por Antunes (2007), a saber: (i) Gramática normativa que estuda os fatos da língua culta, em especial da língua escrita. Considera a língua uma série de regras que devem ser seguidas e obedecidas, regras essas do falar bem; (ii) a Gramática descritiva: descreve qualquer variante linguística a partir do seu uso, não apenas a variedade culta. Dá preferência à manifestação oral da língua; (iii) a Gramática internalizada: é o conjunto de regras dominadas pelo falante, é o próprio “mecanismo”; já a Gramática reflexiva: volta-se para as atividades de observação e reflexão da língua. Essa gramática preocupa-se mais com o processo do que com o resultado, está relacionada, também, com as atividades epilinguísticas.

Devemos, enquanto educadores, saber como desenvolver um trabalho com equilíbrio e ponderação em relação aos conteúdos e o ensino da língua portuguesa e, em particular, ao utilizar o livro didático como recurso na sala de aula. Assim, a linguagem, com a qual o homem se comunica, adquire importância primordial nas relações

professor/aluno/escola/relações sociais, pois a educação como prática social é uma atividade ligada às relações entre as classes e se constitui como forma concreta dessas relações.

Bakhtin (1999, p. 90) destaca que o valor de qualquer enunciado não é determinado pela língua como sistema puramente linguístico, mas pelas diversas formas de interação que a língua estabelece com a realidade, com sujeitos falantes, ou com outros enunciados. Todo enunciado é um diálogo e faz parte de um enunciado ininterrupto. Nesse sentido, a linguagem é vista como fenômeno social, tornando-se a língua inseparável do fluxo da comunicação verbal.

Para Bakhtin (1999, p. 109):

Na verdade, a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar.

Nesta perspectiva, temos a visão de língua inserida em um processo contínuo intermediado pela interação social da linguagem, revelando o sujeito como parte integrante do discurso. Devemos conceber a linguagem como trabalho, como produção, linguisticamente falando, como “mediação”, “interação” em sua materialidade social de comunicação. Sendo assim, o que está em julgamento não é a língua do falante em si, mas os falantes que dela se utilizam.

Desta forma, objetivamos que o ensino focalize esta interação com a língua para que haja o aprimoramento dos conhecimentos linguísticos e discursivos dos alunos, aprendendo e compreendendo os discursos que os cercam.

A concepção de linguagem no contexto escolar deve adentrar na busca de um equilíbrio entre linguagem, sociedade e ensino, pois a escola é o lugar de interseção entre o saber erudito e o senso comum e deve ser empregado em favor do aluno para auxiliá-lo na busca e na construção autônoma de conhecimento.

Podemos salientar, então, que em toda prática pedagógica há uma concepção de linguagem por parte do educador. Esta concepção irá direcionar seu trabalho, sua metodologia, os conteúdos de ensino e a forma de avaliação.

Na concepção interacionista da linguagem, o educador busca, nos estudos linguísticos, proporcionar ao aluno a reflexão e a interação com a linguagem, vinculados ao contexto e as finalidades das práticas sociais do seu meio.

De acordo com as DCEs (PARANÁ, 2008, p.54), de Língua Portuguesa:

A concepção de linguagem como discurso que se efetiva nas diferentes práticas sociais, o processo de ensino-aprendizagem na disciplina de língua busca:

- Empregar a língua oral em diferentes situações de uso, saber adequá-la a cada contexto e interlocutor, reconhecer as intenções implícitas nos discursos do cotidiano e propiciar a possibilidade de um posicionamento diante deles;
- Desenvolver o uso da língua escrita em situações discursivas por meio de práticas sociais que considerem os interlocutores, seus objetivos, o assunto tratado, além do contexto de produção;
- Analisar os textos produzidos, lidos e/ou ouvidos, possibilitando que o aluno amplie seus conhecimentos linguístico-discursivos;
- Aprofundar por meio da leitura de textos literários, a capacidade de pensamento crítico e a sensibilidade estética, permitindo a expansão lúdica da oralidade, da leitura e da escrita;
- Aprimorar os conhecimentos linguísticos, de maneira a propiciar acesso às ferramentas de expressão e compreensão de processos discursivos, proporcionando ao aluno condições para adequar a linguagem aos diferentes contextos sociais, apropriando-se, também, da norma padrão.

Concluimos que atividades sobre as práticas de leitura, escrita, comunicação oral para estudar os gêneros de discurso, atividades de análise e reflexão sobre a língua, devem estar presentes no cotidiano escolar, especificamente nas aulas de língua portuguesa, para que os alunos desenvolvam habilidades de leitura e de escrita vinculadas ao contexto social. Marcuschi (2006) afirma que os gêneros são “rotinas sociais de nosso dia-a-dia”, e, logo, “formas culturais e cognitivas de ação social”. Concordamos com o autor e assumimos também que, adotar gêneros discursivos para o ensino de língua é um desafio que consiste em ensinar novas práticas sociais e de linguagem, novos modos de comportamento e de atuação sociodiscursiva e cultural.

2.3 ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

O ensino de Língua Portuguesa passou por uma série de mudanças e transformações no decorrer da história até os dias atuais. Até a década de 40, o ensino de Língua Portuguesa manteve a tradição do ensino de gramática ao lado da retórica e da poética, pois a clientela que atendia se restringia àqueles pertencentes aos considerados grupos da elite.

Nas décadas de 50 e 60, ocorreu uma mudança no ensino e ampliação da clientela “como consequência da crescente reivindicação, pelas classes populares, do direito à escolarização. Democratiza-se a escola e já não são apenas os filhos-família, os filhos da burguesia, que povoam as salas de aula, são também os filhos dos trabalhadores” (SOARES, 2002, p. 166-167). No entanto, foram necessárias reformulações no que diz respeito ao

ensino, pois esta nova clientela trazia uma variedade linguística ainda não estudada. Mas ainda permaneceu a concepção de linguagem como sistema.

Na década de 70, a linguagem passou a ser concebida como instrumento de comunicação, com objetivos pragmáticos e utilitários. Citelli (1991, p. 15) afirma:

[...] a língua é um instrumento de comunicação. A palavra constrói a relação entre o socialmente dado e a criação individual revelando-se um fato criador. É essa animação criadora que se deseja opor à visão do ensino de língua como parametrado pela ideia de instrumentação [da língua materna na escola].

A partir dos anos 80, há uma intensificação dos estudos acerca de uma concepção de linguagem para nortear a prática pedagógica. Neste sentido, percebe-se uma eclosão de diversos estudos da linguística, sociolinguística, psicolinguística, linguística textual, pragmática e Análise do Discurso. Todos esses estudos ocasionaram mudanças significativas nos parâmetros norteadores do ensino dessa disciplina e também na prática pedagógica do Ensino de Língua Portuguesa. "Passou-se, assim, a prescrever que a aprendizagem da leitura e da escrita deveria ocorrer em condições concretas de produção textual. Desloca-se o eixo do ensino voltado para a memorização de regras da gramática de prestígio e nomenclaturas." (SANTOS, 2002b, p. 30-31).

A pragmática, a teoria da enunciação e a análise do discurso apresentam novos enfoques para o ensino de Língua Portuguesa, apresentando a concepção de língua como enunciação. A linguagem passa a ser concebida como “uma atividade constitutiva, cujo lócus de realização é a interação verbal.” (GERALDI, 1996, p. 67).

Podemos afirmar que a partir da década de 70 houve uma transformação conceitual que modificou as práticas escolares. A linguagem deixou de ser entendida meramente como expressão do pensamento para ser vista como um instrumento de comunicação, envolvendo um interlocutor e um discurso.

Com o avanço dos estudos bakhtinianos (1999) houve uma nova concepção de linguagem, a enunciativo-discursiva, que considera o discurso uma prática social e uma forma de interação - tese que vigora até hoje. A relação interpessoal, o contexto de produção dos textos, as diferentes situações de comunicação, os gêneros, a interpretação e a intenção de quem o produz passaram a ser peças-chave no trabalho educativo. Neste sentido, é importante desenvolver um trabalho visando à melhoria da leitura e da produção escrita por meio das diversas possibilidades de uso da linguagem.

Atualmente, o ensino da língua materna é tido como fenômeno social, advinda da necessidade de interação entre os indivíduos. O ensino passa a priorizar os

aspectos sociais e históricos em que o sujeito está inserido e também o contexto de produção do enunciado.

No processo de ensino e aprendizagem, o contato com a linguagem nas diversas esferas sociais possibilita melhor entendimento do texto em seus vários sentidos. A prática pedagógica referente aos estudos da língua deve pautar-se na interlocução, proporcionando ao aluno a leitura, produção oral e escrita e a reflexão sobre a língua em diferentes contextos e situações.

Ressaltamos um trabalho educacional de Língua Portuguesa que priorize as práticas sociais e que o educando se constitua como sujeito do processo interativo. As Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa (PARANÁ, 2008, p. 55), enfatizam que “no processo de ensino-aprendizagem, é importante ter claro que quanto maior o contato com a linguagem, nas diferentes esferas sociais, mais possibilidades se tem de entender o texto, seus sentidos, suas intenções e visões de mundo”.

2.3.1 Oralidade

A linguagem oral é um meio de comunicação presente no dia a dia das pessoas, é uma forma de socialização, de construção de conhecimentos, de organizar o pensamento possibilitando a participação nas práticas sociais. A partir da perspectiva interacionista, reforçamos os pressupostos que defendem um ensino de Língua Portuguesa voltado a pensar – levando em conta uma sociedade cheia de contradições – na relação entre os sujeitos, na ação dos sujeitos, na participação dos sujeitos.

Segundo Araújo (1965, p. 11), “o homem está na permanente dependência dos símbolos verbais e, por esse motivo, o desenvolvimento da linguagem é elemento essencial à sua perfeita realização na sociedade em que vive.” Dessa forma, todos precisam saber se expressar e usar a linguagem em variadas situações comunicativas: conversas, entrevistas, seminários, ao telefone, falar em público, entre tantas outras.

A criança quando chega à escola já domina a fala, então, o trabalho com a oralidade em sala de aula deve ser primordial e respeitar a variedade linguística. Este trabalho deve ser contínuo com o objetivo de aprimorar a fala do aluno, o educador deve mostrar ao aluno que existem variações linguísticas e é importante respeitá-las, mas é imprescindível que reconheçam a norma culta e saibam em quais situações devem utilizá-las. Em conformidade com Dias (2001, p. 36), “Não se trata, simplesmente, de se ensinar a criança a falar, mas de desenvolver sua oralidade e saber lidar com ela nas mais diversas situações.” Sendo assim, a

organização que o professor dá aos conteúdos deve oportunizar o trabalho sistemático com a linguagem oral.

Nesta perspectiva, o papel da escola é ensinar o aluno utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas e, igualmente, em situações mais formais. O aluno passa a compreender que o gênero da fala tem aplicação direta em vários campos da vida social e passa a entender que não há certo nem errado e sim diferentes situações em que a fala deve se adequar. Para Araújo (1965, p. 25):

A linguagem evolui dentro das possibilidades de cada aluno, em situações ricas de estímulo e satisfação, num clima emocional e convidativo. Quando o ambiente escolar favorece a expressão espontânea, a criança manifesta-se livremente sem problemas e sem constrangimento.

A língua falada está em foco, tanto no uso quanto na reflexão, assim, é fundamental no âmbito educacional, conceber a oralidade como prática social e discursiva na modalidade falada da língua. A oralidade é um valioso instrumento interdisciplinar e a primeira modalidade linguística a ser adquirida pelo indivíduo, faz-se necessário que a escola ponha em relevância o seu papel no processo ensino-aprendizado.

Discorrendo sobre a temática, Câmara Júnior (1977, p. 12) pontua que: “[...] cada um de nós tem de saber usar uma boa linguagem para desempenhar o seu papel de indivíduo humano, e membro de uma sociedade humana. Não se pode admitir que um instrumento tão essencial seja mal conhecido e mal manejado [...]”

No entanto, conceber a oralidade como prática social na modalidade falada da língua significa, para o ensino, usar os gêneros textuais orais, selecionados a partir das reflexões do corpo docente, contemplando, de fato, uma proposta de prática social e discursiva. Em se tratando de propostas pedagógicas, o ensino sistematizado da oralidade envolve a interação com textos por meio de escuta, produção oral e análise ou reflexão linguística.

Portanto, trabalhar a oralidade é observar a importância de cada indivíduo, apresentar ao aluno o mundo linguístico para sua sobrevivência, é aceitar as diferenças para as quais, muitas vezes, cobrimos os ouvidos ou julgamos antes de conhecer.

2.3.2 Leitura

Atualmente, não é mais suficiente apenas saber ler, é preciso fazer uso desta leitura no cotidiano, apropriar-se da função social desta prática, pois em uma sociedade letrada, saber ler e escrever é uma garantia de cidadania. A leitura é uma atividade indispensável para a formação do educando e se constitui como fonte de informação, conhecimento e aprendizado, indispensável na formação cultural e na promoção de descobertas do mundo.

Ao aluno, não basta decodificar o que se lê e, sim, compreender o que lê, tornando-se um cidadão capaz de ler o que *não* está escrito, identificando elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e outros textos já lidos, ter consciência de que um texto pode ser interpretado de diferentes formas, dependendo da visão e conhecimento de cada pessoa.

Desse modo, o professor precisa trabalhar estratégias de leitura para que o aluno possa compreender os textos e encará-los como algo interessante e desafiador; atribuindo sentido ao texto e relacionando-o com o contexto e com as experiências prévias do leitor. Nunes (1994, p. 14) diz:

A leitura é uma atividade ao mesmo tempo individual e social. É individual porque nela se manifestam particularidades do leitor: suas características intelectuais, sua memória, sua história; é social porque está sujeita às convenções linguísticas, ao contexto social, à política.

Nesta perspectiva, a leitura é uma prática de interação entre os indivíduos, vista como um ato dialógico, interlocutivo e o leitor uma peça fundamental, em seu papel ativo no processo da leitura.

Diante desta constatação, torna-se desafio na sala de aula materializar a leitura como construção ativa do aluno: interação do leitor com o que diz o autor sobre determinado assunto e o professor como mediador desse processo, priorizando um leitor competente, crítico e capaz de interagir com o mundo.

Em outras palavras, assumir a leitura e a compreensão leitora como práticas que necessitam ser ensinadas, conforme orienta Solé (1998, p. 70):

Se estratégias de leitura são procedimentos e os procedimentos são conteúdos de ensino, então é preciso ensinar estratégias para a compreensão dos textos. [...] no ensino elas não podem ser tratadas como técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas. [...] por isso ao ensinar estratégias de compreensão leitora,

entre os alunos deve predominar a construção e o uso de procedimentos de tipo geral, que possam ser transferidos sem maiores dificuldades para situações de leitura múltiplas e variadas.

Estas estratégias de leitura possibilitam direcionamentos com atividades antes, durante e depois da leitura, por isso estas estratégias utilizadas de forma adequada, podem tornar-se uma prática enriquecedora para o aluno na construção do seu conhecimento. Solé (1998) propõe que leitura se ensina, por meio das estratégias e propõe uma metodologia para realizar essa mediação em sala de aula, muito útil nos dias atuais em que a leitura está deixando de ser protagonista do ensino de língua portuguesa para fazer papel coadjuvante.

As estratégias de leitura são ferramentas necessárias para o desenvolvimento da leitura proficiente, sua utilização permitirá compreender e interpretar de forma autônoma os textos lidos. Para isso, é necessário desenvolver um trabalho efetivo no sentido da formação do leitor independente, crítico e reflexivo. Para que isso ocorra, o ensino de leitura deve estar voltado à reflexão, à compreensão e não somente à decodificação dos textos.

De acordo com Kleiman (1996b), a escola ainda prioriza a leitura como mera decodificação, pressupondo um leitor passivo, cuja participação volta-se primordialmente para a superfície do texto. Na medida em que as leituras são impostas, objetivando o cumprimento de tarefas puramente escolarizadas, o ato de ler passa a ser compreendido pelos alunos como uma obrigação e as escolhas pessoais dos leitores não são privilegiadas. Essa concepção autoritária da leitura promove um apagamento da voz do aluno enquanto leitor e produtor de textos.

Segundo Kleiman (1996b, p. 24), "é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto." Isto é, a troca de experiências acarreta em interação entre textos e leitores. Neste intuito, a função da escola é formar leitores competentes que gostem de ler, que leiam para estudar e adquirir conhecimentos ou para obter informações para as mais diversas finalidades é formar as bases para que as pessoas continuem a aprender durante a vida toda.

Nesta perspectiva, Magda Soares (2002) acrescenta ser preciso democratizar o acesso e ampliar o convívio com múltiplas situações e intenções de leituras, porque o leitor é diferente a cada prática leitora. São inúmeros os gestos, os modos de ler, sempre atrelados ao objetivo da leitura, cabe à escola o desafio de conduzir estes alunos a ler e a melhorar seu desenvolvimento cognitivo por meio da formação de leitores competentes.

Esta competência de leitura ou a compreensão leitora envolve aspectos além do plano geral do texto, porque um texto veicula os aspectos históricos, culturais, ideológicos que precisam ser captados pelo leitor (competente), por isto, Foucambert (1994, p. 78-79) esclarece que ler é compreender:

A leitura não é em princípio uma atividade de transcodificação de um sistema para outro para ter acesso à significação, mas um trabalho direto sobre o código escrito, uma abordagem da informação visual para interpretá-la, dar-lhe um sentido, um valor. Ler não é traduzir, mas sim compreender. Aprender a ler é, portanto, desenvolver os recursos para essa relação direta da escrita com o significado. Ter controle sobre a leitura é assegurar-se de que o texto seja percebido em suas intenções e em suas possibilidades e em relação com outros numa rede, é assegurar-se de que ele seja interpretado e não simplesmente pronunciado.

A imersão neste excerto conduz ao entendimento de que para ler é necessário dominar as habilidades de decodificação, no entanto não se pode limitar a isto. É preciso aprender as distintas estratégias que levam à compreensão. Também se supõe que o leitor seja um processador ativo do texto e que a leitura seja um processo constante de emissão e verificação de hipóteses que levam à construção da compreensão do texto e do controle desta compreensão.

Ao conceber a leitura como uma esfera para o ensino que supera a decodificação, os processos metacognitivos também precisam ser considerados. A metacognição acena para os aspectos maturacionais, mas releva também os sociais. Neste particular, as teorias de Tomasello (2003) e Mary Kato (1993) podem ser retomadas, pois a aprendizagem e as habilidades cognitivas humanas seriam resultados do legado biológico e da interação social, de modo que o aluno transforma habilidades básicas em habilidades complexas e sofisticadas. Nos estudos de Kato acerca da leitura, esta vertente é sintetizada como um processo consciente, em que o leitor (inicialmente imaturo e centrado na visão local) pensa e analisa até chegar à compreensão do texto, atingindo o plano global deste texto.

A leitura, portanto, como processo conduzido, mediado pela escola projeta o ensino para uma perspectiva interativa da leitura, que envolve as experiências do leitor, sua capacidade de decodificação do plano geral do texto o professor deve atuar como mediador, condutor entre as percepções do aluno (leitor) e as esferas abordadas no texto. Dito pelas palavras de Solé (1998, p. 23):

É o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos

objetivos, ideias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas.

Ler, assim, é compreender e interpretar textos de diversos tipos, com diferentes intenções e objetivos, contribuindo para autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para ações em uma sociedade letrada. A leitura não pode ser desconsiderada nas práticas escolares e sim concebida como uma proposta de ensino, o ensino das estratégias de leitura.

2.3.3 Escrita

A escrita é uma forma de interagir com o meio social, é uma forma de se posicionar sobre algo e agir sobre o mundo. Geraldi (1993, p. 135) considera a produção de textos “como ponto de partida de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua [pois] é no texto que a língua se revela em sua totalidade”.

Para Kato (1990, p. 99):

Os componentes teóricos para uma boa formação didática na área da linguagem são, pois: um conhecimento de natureza da linguagem escrita; um conhecimento da natureza dos processos envolvidos na leitura e na escrita; e um conhecimento da natureza da aprendizagem tanto desses processos quanto da própria linguagem escrita.

O ato de escrever necessita de um objetivo, de um trabalho que proporcione base, fundamentação em relação ao que irá produzir, a escrita tem uma função comunicativa, é preciso pensar no destinatário e na finalidade, ou seja, no contexto de produção. Antunes (2006) ressalta a importância do professor desenvolver uma prática de escrita escolar que considere o leitor, uma escrita que tenha um destinatário e finalidades, para então se decidir sobre o que será escrito.

O texto é um elemento indispensável no processo de ensino e aprendizagem da escrita e da interpretação. O avanço da escrita ocorre por meio da produção de diferentes gêneros. Essa diversidade de gêneros discursivos precisa circular na sala de aula para que o educando compreenda cada especificidade e inferências com as esferas de circulação e as práticas sociais.

De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (PARANÁ 2008, p. 56):

O aperfeiçoamento da escrita se faz a partir da produção de diferentes gêneros, por meio das experiências sociais, tanto singular quanto coletivamente vividas. O que se sugere, sobretudo, é a noção de uma escrita como formadora de subjetividades, podendo ter um papel de resistência aos valores prescritos socialmente. A possibilidade da criação, no exercício desta prática, permite ao educando ampliar o próprio conceito de gênero discursivo.

A leitura e a escrita devem caminhar juntas na prática educativa, pois segundo Lener (2002, p. 17-18):

O necessário é fazer da escola uma comunidade de leitores que recorrem aos textos buscando resposta para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo que é o objeto de suas preocupações, buscando argumentos para defender uma posição com a qual estão comprometidos, ou para combater outra que consideram perigosa ou injusta, desejando conhecer outros modos de vida, identificar-se com outros autores e personagens ou se diferenciar deles, viver outras aventuras, inteirar-se de outras histórias, descobrir outras formas de utilizar a linguagem para criar novos sentidos...

Pressupomos que a escola seja o local onde o educando pratique a leitura e a escrita como algo vivo, repensando e organizando o próprio pensamento, produzindo textos para demonstrar suas ideias com criticidade e argumentação.

Ler e escrever é um direito de todos e é na escola que o aluno amplia seus conhecimentos, é preciso que o aluno se envolva com os textos que produz e assuma a autoria do que escreve, pois ele é um sujeito que tem o que dizer. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 34), ressalta que ensinar a escrever textos é tarefa muito difícil fora do convívio com textos verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicação que os tornem necessários. Antunes (2006, p. 54) complementa:

[...] elaborar um texto é uma tarefa cujo sucesso não se completa, simplesmente, pela codificação das ideias ou das informações, através de sinais gráficos. Ou seja, produzir um texto não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever. Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos papel e lápis. Supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e intercomplementares, que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da escrita.

A leitura desenvolve a imaginação, a criatividade facilitando a aquisição dos conhecimentos e valores. O aluno precisa compreender a importância da escrita e onde ela é utilizada na sociedade, para então, mediante as práticas da leitura e produção, inseri-la em seu universo, trabalhando a escrita em suas diferentes funções. Com base em Kleiman (1997), pode-se afirmar que a leitura precisa permitir com que o leitor aprenda o sentido do texto, no entanto, a leitura não deve se tornar uma mera decodificação, sem a atribuição de sentidos ao

texto, ou seja, na leitura deve-se alcançar a compreensão do que se lê, pois diversos tipos de conhecimentos são construídos mediante a atribuição de sentidos ao texto.

Tal atividade implica a tarefa não somente de levar para reflexão em sala de aula textos de diferentes gêneros (informativos, lúdicos, literários...), mas encaminhar a produção dentro desses parâmetros. A leitura completa a escrita, uma favorecendo a outra. Na concepção de Antunes (2006, p. 70):

[...] para escrever bem, é preciso, antes de tudo, ter o que dizer, conhecer o objeto o qual vai discorrer. O grande tempo destinado à procura de dígrafos, dos encontros consonantais, à classificação das funções do QUE e outras questões semelhantes (pobres questões!) poderia ser muito mais aproveitadas com a leitura e análise (diária!) de textos interessantes, ricos em ideias ou imagens, sejam eles literários ou não.

A escrita é uma forma de poder que influencia e tem importância em nosso cotidiano, no entanto, a produção escrita possibilita que o aluno se posicione, expondo voz em seu texto, seu ponto de vista, interagindo com as práticas de linguagem da sociedade.

A educação em língua materna não é sinônima de um ensino exclusivo de uma única modalidade e anti-intuitiva. “Educar em língua materna é permitir o acesso dos aprendizes ao maior número possível de modalidades faladas e escritas de sua língua, modalidades que só se realizam empiricamente, concretamente, na forma de gêneros textuais” (BAGNO, 2012, p. 31)

Esta discussão teórica repercute diretamente na prática docente, durante a qual o professor necessita articular os pressupostos teóricos à sua realidade de trabalho. Neste sentido, a abordagem gramatical precisa guiar pelo equilíbrio, de modo a conduzir o aluno à compreensão das variantes, inclusive a variante padrão, ao mesmo tempo em que conduza este aluno a adotar uma posição reflexiva diante dos usos da língua.

2.4 ANÁLISE LINGUÍSTICA E AS PRÁTICAS DISCURSIVAS

A Análise do Discurso começou a ganhar respaldo na década de 60, na França, com Michel Pêcheux, o qual se preocupou em problematizar as relações do discurso e seus dispositivos de análise, objetivando a noção de sujeito e de ideologia.

A linguagem como forma de interação foi desenvolvida no Círculo de Bakhtin, enfatizando interação entre os sujeitos, estes são entendidos como agentes sociais que trocam experiências e conhecimentos por meio de diálogos. O Círculo criticava a reflexão

linguística de caráter formal-sistemático por considerar tal concepção incompatível com uma abordagem histórica e viva da língua, uma vez que “a língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores” (BAKHTIN, 1999, p.127).

De acordo com Travaglia (2005, p. 23):

A linguagem é, pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e “falam” e “ouvem” desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais.

A boa prática discursiva compreende que a linguagem não pode ser estudada independentemente de seu contexto sócio-histórico-ideológico, porque traz em si os valores e a história social de diferentes grupos. Então, temos como objeto de estudo da Análise do Discurso, o discurso, que se refere a uma construção linguística atrelada ao contexto social no qual é desenvolvido. Ou seja, as ideologias presentes em um discurso são diretamente determinadas pelo contexto político-social em que vive o seu autor. Mais que uma análise textual, a análise do Discurso é uma análise contextual da estrutura discursiva em questão.

De acordo com Orlandi (2001, p. 15):

A análise do discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessam. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: como estudo do discurso observa-se o homem falando.

O discurso passa a ser interpretado com efeito de sentido entre os interlocutores havendo mediação entre sujeito e realidade natural. Desta forma, a linguagem passa a adquirir uma interação entre o homem com o seu meio.

Partimos então, para a noção de sujeito na Análise do Discurso, pois este sujeito não será concebido como um ser totalmente livre, uma vez que, seu discurso sempre estará repleto do discurso do “outro”, e é a partir desse “outro” que o sujeito constituirá sua identidade.

Podemos entender a noção de sujeito “como um objeto construído por processos que lhe são exteriores” (FERNANDES, 2012, p. 96), o sujeito é, portanto, heterogêneo e disperso, constituído historicamente, seu dizer é perpassado por outros dizeres

que, conseqüentemente, revelam o lugar de que se fala, a sua posição social, histórica e ideológica.

Dessa maneira, o sujeito é afetado pelo inconsciente, pela ideologia e o que determina o sentido de seu discurso são a historicidade e as condições de produção do discurso no qual o sujeito está imerso, logo ele [sujeito] não é dono do discurso que produz.

Orlandi (2001, p. 50) afirma:

A forma sujeito histórico que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento.

No entanto, o processo de produção do discurso ocorre por meio das chamadas condições de produção, as quais levam em conta o lugar de onde o sujeito pronuncia seu discurso, ou o papel social que o sujeito representa. Nesse âmbito, o sujeito é capaz de criar representações do outro e de si mesmo, baseando-se no lugar que estes ocupam no interior das condições de produção.

Em relação ao exposto, as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (PARANÁ, 2008, p. 60) acrescentam:

O estudo da língua que se ancora no texto extrapola o tradicional horizonte da palavra e da frase. Busca-se, na análise linguística, verificar como os elementos verbais (os recursos disponíveis da língua), e os elementos extraverbais (as condições e situações de produção) atuam na construção de sentido do texto.

Considerando a língua como meio de comunicação, interação, em sua dimensão linguístico-discursiva, cria-se oportunidades para o aluno refletir, construir, considerar hipóteses a partir da leitura e da escrita de diferentes textos, fazendo inferências da sua leitura de mundo, chegando à compreensão de como a língua funciona e à decorrente competência textual.

Como diz Travaglia (2005, p.236):

[...] trabalhando a gramática na perspectiva da interação comunicativa e do funcionamento textual-discursivo dos elementos da língua, o professor consegue fazer uma real integração entre os diferentes aspectos do ensino/aprendizagem de língua materna: ensino de gramática, leitura (compreensão de textos), redação (produção de textos orais ou escritos) e vocabulário, ao contrário da prática não textual em que eles são quase sempre estanques, sem qualquer inter-relação.

A criança chega à escola conhecendo a língua materna, “[...] opera sobre a linguagem, reflete sobre os meios de expressão usados em suas diferentes interações, em função dos interlocutores com quem interage, em função de seus objetivos nesta ação.” (GERALDI, 1993, p. 189). A linguagem, nesta perspectiva, torna-se objeto de reflexão em textos orais e escritos. O texto deixa de ser pretexto para se estudar nomenclatura gramatical e sua construção passa a ser o objeto de ensino.

Em suma, entendemos a análise linguística como uma prática que complementa as práticas de leitura, escrita e oralidade. O aluno precisa adentrar e conhecer os diferentes gêneros discursivos (orais e escritos) para compreender as regularidades que determinam o uso da língua nas esferas sociais, construindo com autonomia seu conhecimento a partir da leitura e da escrita de diferentes textos.

2.5 GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS

Segundo Maingueneau (2001, p. 59), “todo texto pertence a uma categoria de discurso, a um gênero de discurso”, seja ele uma propaganda, uma carta, um romance, um seminário, um discurso político, uma conversa.

Os gêneros discursivos podem ser orais ou escritos, primários (simples) ou secundários (complexos) e “se realizam em condições e com finalidades específicas nas diferentes situações de interação social” (LOPES-ROSSI, 2003b).

Para o estudo e a caracterização de cada gênero discursivo, Lopes-Rossi (2004 apud BATISTA, 2007, p. 50) propõe etapas de estudo para apreensão das características discursivas, composicionais, linguísticas e de estilo do gênero escolhido:

1. seleção de um corpus representativo para análise;
2. identificação da função do gênero na sociedade;
3. determinação das condições de produção e de circulação do gênero;
4. observação dos elementos composicionais – verbais ou não-verbais – do gênero;
5. observação das características do(s) suporte(s) possível(is);
6. observação das características de organização do texto verbal e não-verbal: verificar se segue um padrão geral ou se permite variações; quais são os temas possíveis; como o texto começa, se desenvolve e termina;
7. observação de características linguísticas e de estilo: observação do nível de formalidade do texto, vocabulário empregado e aspectos microestruturais;
8. identificação das marcas enunciativas (discursivas) com base em alguns fundamentos da Análise do Discurso, reveladoras do imaginário e da ideologia do locutor.

Para conhecimento e posterior produção de um gênero, os alunos precisam ter contato com ele. Ainda que sejam feitas cópias para que todos os alunos tenham em mãos

o texto, deve-se ter o original, como por exemplo, uma notícia de jornal , que deve ser levada no próprio jornal.

“É fundamental que o aluno tenha contato com o portador daquele gênero, que pode ser um jornal, uma revista, uma embalagem, uma folha de papel. Ainda que o professor reproduza o texto para todos, deve levar o original para a sala de aula.” (LOPES-ROSSI, 2003a, p. 5)

Os conhecimentos básicos para a produção dos gêneros conforme Lopes-Rossi (2003a, p. 3):

A organização textual típica do gênero discursivo a ser produzido e as condições que determinam sua produção e circulação são dois níveis de conhecimento básicos ao domínio da escrita de textos para que o aluno saiba onde buscar informações necessárias para sua produção escrita e quais informações selecionar para seu texto.

Marcuschi (2006, p. 32) ressalta a importância do estudo dos gêneros discursivos (ou gêneros textuais) na escola, desde que a escolha dos gêneros a serem estudados siga a critérios de relevância para a vida do aluno: “o ensino com base em gêneros deveria orientar-se mais para aspectos da realidade do aluno do que para os gêneros mais poderosos, pelo menos como ponto de partida”. Nessa mesma obra, o autor destaca o caráter interdisciplinar do estudo dos gêneros:

Na realidade, o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, temos de ver os gêneros como entidades dinâmicas (MARCUSCHI, 2006, p. 18).

A interação dos indivíduos em qualquer sociedade é um fato indispensável, interagem para se comunicar de várias formas e com diversos objetivos: reclamar, informar, anunciar, contar histórias, ensinar, relatar, persuadir, solicitar, entre outros. Nestas condições que encontramos os diversos gêneros discursivos, ou seja, nas múltiplas possibilidades de interação linguística que possibilitam a eficácia na comunicação.

Na concepção de Cavalcante (2012, p. 44):

É nessa perspectiva que se inserem aos gêneros discursivos, ou seja, toda interação se dá por algum gênero discursivo que se realiza por algum texto. E o que são gêneros discursivos, afinal? São padrões sociocomunicativos que se manifestam por meio de textos de acordo com necessidades enunciativas específicas. Trata-se de artefatos constituídos sociocognitivamente para atender aos objetivos de situações sociais diversas.

O trabalho com gêneros do discurso vai ao encontro da concepção da linguagem como forma de interação. Por esta visão, o indivíduo usa a língua para realizar ações, agir e atuar sobre o interlocutor, existindo uma intencionalidade no ato discursivo. O sujeito tem uma participação ativa no uso da linguagem e esta se situa no tempo-espaço. Nas palavras de Koch (2003, p. 49), pela linguagem como interação, o sujeito é entendido como:

Entidade psicossocial, sublinhando-se o caráter ativo dos sujeitos na produção mesma do social e da interação e defendendo-se a posição de que os sujeitos (re)produzem o social na medida em que participam ativamente da definição da situação da qual se acham engajados, e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir.

A linguagem torna-se o espaço de interação humana situando-se como “lugar de constituição das relações sociais, onde os falantes tornam-se sujeitos” (GERALDI, 1990 p. 41), ou seja, na linguagem o homem constitui-se e manifesta sua ideologia.

Na vertente interacionista, a linguagem é situada historicamente, moldada por ideologias que se entrecruzam e dialogam, resultante, como postulou Bakhtin (2003), de um processo criativo dos usuários, materializado pelas enunciações efetivadas entre os falantes. Nestas enunciações, consideram-se os interlocutores, os objetivos pretendidos e o momento da produção, buscando adequar as operações discursivas ao contexto e ao ouvinte/leitor. Nesse sentido, os PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998, p. 21) preconizam que:

[...] as escolhas feitas ao produzir um discurso não são aleatórias – ainda que possam ser inconscientes-, mas decorrentes das condições e que o discurso é realizado. Quer dizer; quando um sujeito interage verbalmente com outro, o discurso se organiza a partir das finalidades e intenções do locutor, dos conhecimentos que acredita que, o interlocutor possui sobre o assunto, do que supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que têm, da posição hierárquica que ocupam [...].

Pedagogicamente, os PCN (BRASIL, 1998) recomendam o trabalho pela perspectiva do gênero veiculado socialmente, pois configuram intenções comunicativas, como parte das condições de produção do discurso, as quais geram usos sociais que os determinam, também são geradas de diferentes formas, o que supõe o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino.

A alternativa do trabalho focado nos gêneros discursivos, sugerida pelos PCN (BRASIL, 1998), como já foi posto, é baseada nas teorias de Bakhtin (2003), que

classifica os gêneros discursivos em primários (simples), relacionados às situações de comunicação verbal espontânea e secundários (complexos), relacionados às circunstâncias de comunicação mais complexas, por isso, associados à escrita, como os literários, os científicos e os ideológicos.

Para fins didáticos, Dolz e Schneuwly (2004) propuseram agrupamentos dos gêneros discursivos, de acordo com a esfera de comunicação, as situações de produção, aos aspectos composicional e temático. Barbosa (2000) salienta que esses agrupamentos possuem a vantagem de tematizar o contexto social e histórico e de considerar aspectos relativos à linguagem. No entanto, salienta que essa não é a única possibilidade de conceber agrupamentos. O quadro abaixo reproduz os agrupamentos de Dolz e Schneuwly (2004):

Quadro 3 - Agrupamento dos gêneros discursivos conforme Dolz e Schneuwly

<p>gêneros da ordem do narrar – cujo domínio de comunicação social é o da cultura literária ficcional, enquanto manifestação estética e ideológica que necessita de instrumentos específicos para sua compreensão e apreciação (exemplo destes gêneros seriam: contos de fada, fábulas, lendas, narrativas de aventura, narrativa de ficção científica, romance policial, crônica literária, etc.) Envolvem a capacidade de mimesis de ação através da criação de uma intriga no domínio do verossímil;</p>
<p>gêneros da ordem do relatar – cujo domínio de comunicação social é o da memória e o da documentação das experiências humanas vivenciadas (exemplos destes gêneros seriam: relatos de experiências vividas, diários, testemunhos, autobiografia, notícia, reportagem, crônicas jornalísticas, relato histórico, biografia, etc.) Envolvem a capacidade de representação pelo discurso de experiências vividas e situadas no tempo;</p>
<p>gêneros da ordem do argumentar: cujo domínio de comunicação social é o da discussão de assuntos sociais controversos, visando um entendimento e um posicionamento perante eles (seriam exemplos destes gêneros: textos de opinião, diálogo argumentativo, carta ao leitor, carta de reclamação, carta de solicitação, debate regrado, editorial, requerimento, ensaio, resenhas críticas, artigo assinado, etc.) Envolvem as capacidades de sustentar, refutar e negociar posições;</p>
<p>gêneros da ordem do expor: que veiculam o conhecimento mais sistematizado que é transmitido culturalmente – conhecimento científico e afins (exemplo de gêneros; seminários, conferência, verbete de enciclopédia, texto explicativo, tomada de notas, resumos de textos explicativos, resumos de textos expositivos, resenhas, relato de experiência científica, etc.) Envolvem a capacidade de apresentação textual de diferentes formas dos saberes;</p>
<p>gêneros da ordem do instruir ou do prescrever – que englobariam textos variados de instrução, regras e normas e que pretendem, em diferentes domínios, a prescrição ou a regulação de ações (exemplos de gêneros: receitas, instruções de uso, instruções de montagem, bulas, regulamentos, regimentos, estatutos, constituições, regras de jogos, etc.) Exigem a regulação mútua de comportamentos.</p>

Fonte: Barbosa (2000, p. 170-171).

A análise e a reflexão dessas teorias orientam para uma prática de ensino que integre a análise linguística, atividades de leitura e de produção textual. Pela vertente interacionista, a linguagem é um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores em uma dada situação de comunicação e em um dado contexto sócio-histórico.

De acordo com Geraldi (1990), não podemos pensar o ensino de Língua Portuguesa a partir de atividades desconexas, atividades mecânicas de repetição e

reconhecimento de estruturas, pois os sujeitos estão no centro da linguagem e a significação só se constitui no discurso.

A partir deste pressuposto, o ensino de Língua portuguesa deve centrar-se no tripé: leitura, produção textual e análise linguística (GERALDI, 1990), de modo que o texto constitui-se como mote principal do processo pedagógico do ensino de língua, como está ratificado nos próprios PCN (BRASIL, 1998, p. 35-36):

[...] não é possível tomar como unidade básica de ensino nem a letra, nem a sílaba, nem a palavra, nem a frase que, descontextualizadas, pouco têm a ver com a competência discursiva, que é questão central. Dentro desse marco, a unidade básica de ensino só pode ser o texto, mas isso não significa que não se enfoquem palavras ou frases nas situações didáticas específicas que o exijam [...]

Neste viés, os gêneros tornam-se objeto de ensino, o texto unidade de ensino e a análise linguística devem permitir a reflexão sobre os aspectos envolvidos na escrita, leitura e produção de textos, envolvendo os diferentes modos de dizer, determinados por diferentes situações comunicativas, já que os gêneros são formas procedentes de diferentes esferas de comunicação (BAKHTIN, 2003), o que acarreta na reorganização das concepções de leitura, escrita e análise linguística.

No âmbito educacional, o objeto de ensino e aprendizagem está direcionado ao conhecimento linguístico e discursivo inserindo o discente em situações que possam participar de práticas sociais mediadas pela linguagem. Sendo assim, o docente deve trilhar suas práticas pedagógicas visando direcionar seus alunos à reflexão, e à criticidade, garantindo a efetiva aprendizagem. “Todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto natural saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto.” (FARACO, 2009, p. 25), portanto, ensinar língua por meio de gêneros nada tem a ver com ensinar formas, estruturas rígidas ou “receitas” para se escrever ou falar nesta ou naquela situação.

Ressaltamos que a aprendizagem da língua não diz respeito apenas às primeiras séries escolares, constitui-se como uma atividade contínua e crescente que se estende por toda a vida. Fiorin (2008) afirma que os gêneros são modos de apreender a realidade. Conforme a realidade muda, se altera e se molda, os gêneros também sofrem modificações e alterações, ou ainda, novos gêneros podem surgir para suprir as novas necessidades de determinada esfera social. Ao mesmo tempo em que os gêneros são necessários para atender as novas práticas sociais, eles também ocasionam novos modos de ver a realidade, isto é, podem provocar mudanças nos contextos sociais.

Segundo as diretrizes de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (PARANÁ, 2008), é função da escola possibilitar ao educando o contato direto com os diferentes gêneros discursivos, ensinando-o a produzir estes diferentes textos e também a compreendê-los. Quando se fala em gêneros discursivos, pode-se dizer que há uma grande variedade deles, que circulam em jornais, revistas e mesmo na internet. São contos, piadas, notícias, tiras, crônicas, poemas, entre outros. Eles são meio de comunicação e estão ligados às diversas esferas sociais e culturais. Cavalcante (2012, p. 20) afirma:

O texto é um evento comunicativo em que estão presentes os elementos linguísticos, visuais e sonoros, os fatores cognitivos e vários aspectos. É, também, um evento de interação entre locutor e interlocutor, os quais se encontram em um diálogo constante.

Os gêneros orais e escritos passam a ser o objeto de estudo e ensino na sala de aula. Encontramos uma infinidade de textos a serem abordados, basta priorizar o gênero a ser enfocado estudo. De acordo com os PCN (BRASIL, 1998, p. 24), observamos que:

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.

O trabalho com as diversas tipologias discursivas possibilita ao discente que seja um usuário competente da linguagem e consiga fazer uma relação significativa com o meio em que está inserido. Além disso, o uso dos gêneros discursivos faz com que os alunos compreendam as características específicas de cada texto e as condições sociais que levam ao funcionamento e ao bom êxito de seu uso. “Mesmo que alguém domine bem uma língua, sentirá dificuldade de participar de determinada esfera de comunicação se não tiver controle do(s) gênero(s) que ela requer.” (FIORIN, 2008, p. 69), mais um motivo para entender porque aprender a falar e a escrever implica sempre em aprender com base nos gêneros discursivos.

Em muitos casos, o aluno começa a ter contato com textos escritos somente quando ingressam na escola, porém necessitam da mediação do professor para a apropriação do conhecimento. É neste sentido que adentramos na importância dos gêneros discursivos em sala de aula, para que este aluno conheça cada especificidade de cada um dos gêneros, que o ajudará nas práticas sociais, pois inseridos em uma sociedade, na qual o hábito pela leitura é restrito, muitos alunos têm o seu primeiro contato com a leitura dentro da escola, devemos,

enquanto educadores, insistir em um trabalho árduo, constante, de leitura e escrita na sala de aula, explorando os gêneros discursivos.

O estudo com gêneros torna-se, então, a base dos trabalhos para o interacionismo sócio-discursivo, que os reconhece como ferramenta para o ensino da Língua Portuguesa, a fim de mediar e materializar o enunciado. O aluno está interligado em todo momento com uma variedade de gêneros. Ao se comunicar, faz uso de um gênero textual mais adequado para aquele momento e ocasião, visto que a língua está inserida em contextos reais de uso. Assim, como aponta Schneuwly e Dolz (2004, p. 75), gêneros do discurso “são um termo de referência intermediário para a aprendizagem”, pois estão situados entre as práticas e as atividades de linguagem, oferecendo suporte para as atividades de linguagem nas mais variadas situações de comunicação oral ou escrita.

2.5.1 Gêneros na Vertente Bakhtiniana

Os gêneros do discurso, conforme Bakhtin (1999), diferenciam-se de forma essencial em dois aspectos: o simples e o complexo. Os gêneros de aspecto simples são os de discurso primário e os de aspecto complexo são os de discurso secundário.

Sobre os gêneros primários, Bakhtin (1992) expõe que eles se formaram em situações de uma comunicação verbal espontânea e servem de componentes aos gêneros secundários. Esses gêneros primários estão ligados ao diálogo oral. Entre outros, alguns dos gêneros primários são: a linguagem filosófica, a cotidiana, a familiar etc.

Com base nos aspectos de diálogo oral e comunicação verbal espontânea, um exemplo de linguagem cotidiana se faz visível nas 'frases feitas' como os ditos populares. Nessa perspectiva, alguém que durante uma conversa usa um dito como: “*O tiro saiu pela culatra*”, está fazendo uso da linguagem cotidiana, de acordo com Serraine (1959, p. 83) o dito, se assemelha à linguagem popular corrente: “A propósito do meio ou camada social em que circula o termo, quando anotamos que pertence ele à linguagem popular corrente, é por ser o mesmo usado comumente.” (SERRAINE apud BORGES NETO, 2013).

Os gêneros secundários do discurso são os que aparecem em situações de uma comunicação culturalmente complexa e evoluída, transmutando e absorvendo, em seu processo de formação, os gêneros primários. O teatro, o romance, o discurso ideológico, o discurso científico, são alguns dos gêneros tidos como secundários.

De acordo com Moisés (SERRAINE apud BORGES NETO, 2013), o romance consiste em um texto em prosa, dotado de complexidades em relação à linguagem, a

começar pelo fato de que o romancista pode fazer uso de todas as formas conhecidas de diálogo (desde discurso direto até o monólogo interior) e ainda articular essas formas conforme a sua pretensão. Com isso, a linguagem em um romance pode se apresentar de diversas maneiras inclusive mesclada entre os modos formais e coloquiais que manifestam diversas funções: emotiva, apelativa, referencial etc.

Para o autor, o romance é um gênero que absorve tudo o que existe, porque todas as formas de conhecimento cabem dentro do perímetro do romance. Fato este que o transforma em uma espécie de síntese do mundo, ou seja, um suporte que reflete a totalidade do mundo. Estruturalmente, o romance se caracteriza pela pluralidade de ação e se apresenta por critérios como: um enredo que diz respeito a tudo o que acontece na estória, revelando começo, meio e fim com a participação de personagens que podem vivenciar diversos conflitos. Geralmente, o romance possui um tempo e um espaço onde se desencadeiam os fatos da estória, possui também mais de uma célula dramática, um narrador, um clímax em que os conflitos se aproximam de uma solução e um desfecho em que são solucionados ou não são solucionados os conflitos que fazem parte da estória. Esses são alguns dos critérios estruturais que fazem do romance um gênero complexo do discurso literário, o qual se diferencia de tantos outros gêneros.

De acordo com Machado (2005), quanto maior for o conhecimento das formas discursivas maior será a liberdade de usar os gêneros e isso é um fato de manifestação de uma conduta ativa do usuário da língua para produzir efeitos comunicativos e expressivos. É importante frisar que, em termos de efeitos expressivos, a própria entonação expressiva é específica do enunciado e não pode ser pensada fora do enunciado. De certa maneira, esse fato confere ao gênero discursivo uma forma enunciativa que não é independente do contexto comunicativo e da cultura, mas, sim, dependente de ambos (SERRAINE apud BORGES NETO, 2013)

Conforme Borges Neto (2013), o gênero discursivo considerado como o uso de finalidades comunicativas e expressivas deve ser colocado como manifestação da cultura. Nessa acepção, os gêneros discursivos não são entendidos como uma modalidade de composição nem como uma espécie de discurso, mas como um dispositivo de organização, de divulgação, de armazenamento, de troca, de transmissão e, além de tudo, de criação de mensagens em contextos culturais determinados. Com isso, o gênero não deve ser refletido fora de uma esfera espaço-temporal, porque as formas de representação que nele se abrigam são orientadas pelo tempo e pelo espaço.

O gênero, então, na teoria dialógica, acaba sendo inserido na cultura em relação a qual ele se manifesta como sendo uma memória criativa em que estão depositadas as conquistas das civilizações e as descobertas significativas sobre os homens e suas ações no espaço e no tempo. Assim, na cultura a experiência e a representação são manifestações marcadas pela temporalidade. Com relação a uma existência, o gênero discursivo ganha uma existência cultural que elimina, por sua vez, o pensamento da origem dele e também do seu fim, pois os gêneros se constituem a partir de situações particulares e recorrentes e por esse motivo são tão antigos quanto as organizações sociais.

Para Bakhtin (1979 apud MACHADO 2005), a cultura é concebida como unidade aberta e dessa forma ela é atravessada por deslocamentos e transformações. Nessa ótica, as formas de discurso podem sofrer modificações.

De acordo com Borges Neto (2013), podemos dizer que os gêneros discursivos indicam possibilidades de combinação entre os modos de comunicação oral imediatos e as formas escritas de comunicação. Portanto, os gêneros secundários e primários são misturas, o que nos permite pensar nos gêneros discursivos como realizações das interações geradas na esfera da comunicação verbal. Assim, é possível acompanhar a expansão deles, para outras esferas de comunicação, realizada pela versatilidade de outros códigos culturais que se constituem em relação à palavra.

3 PROVÉRBIOS

É preciso ir além. Não apenas estudamos mal o sentido de um texto se nos atemos a uma abordagem interna estrita, enquanto as obras existem sempre dentro e em diálogo com um contexto.

(TODOROV, 2009, p. 32)

3.1 O QUE É PROVÉRBIO

No dicionário Aurélio, encontra-se a seguinte definição de provérbio:

s.m. Máxima expressa em poucas palavras e que se tornou popular; rifão, anexim, adágio.&151;O rifão tem estilo vulgar, às vezes com termos baixos; o anexim, sentencioso, contém ironia ou chiste. O adágio, o rifão e o anexim são chamados pelo povo de ditados. Todas as línguas têm seus provérbios. Com frequência os mesmos provérbios com formas diferentes ocorrem entre muitos povos e em épocas diferentes. Às vezes, provérbios semelhantes têm a mesma origem. Em outros casos não têm provavelmente nenhuma conexão. A Bíblia contém um livro inteiro de provérbios. Estes provérbios são até hoje de uso comum, especialmente em países de maioria protestante (FERREIRA, 2001).

Esta definição é semelhante em diversos dicionários da Língua Portuguesa, de uma forma global, pode-se dizer que os provérbios representam uma matriz conceitual dos diversos pensamentos das pessoas.

Succi (2006, p. 31) define provérbio como:

Uma UL [Unidade Linguística] fraseológica relativamente fixa, consagrada por determinada comunidade linguística que recolhe experiências vivenciadas em comum e as fórmulas em enunciados conotativos, sucintos e completos, empregando-os como um discurso polifônico de autoridade por encerrar um valor moral atemporal ou verdades ditas universais e por representar uma tradição popular transmitida até milenarmente entre as gerações.

A palavra provérbio origina-se do latim *proverbium*, no entanto, são frases que flutuam, que perduram no tempo e circulam no meio da sociedade informatizada do século XXI. Podemos considerar os provérbios como um ditado popular em determinadas situações, com a finalidade de aconselhar, demonstrar as maneiras pelas quais as pessoas enfrentam a realidade e realizam as suas tarefas.

Costa (2009) define provérbio como “frase curta, geralmente de origem popular, com rima e ritmo, rica em imagens, que sintetiza um conceito a respeito da realidade ou uma regra social ou moral”. Esta é uma definição centrada mais na forma, já a definição de Obelkevich (1997, p.45 apud SANTOS, 2013), está mais de acordo com a teoria de gêneros da Nova Retórica:

O que define o provérbio não é sua forma interna, mas sua função externa, e esta, comumente, é moral e didática: as pessoas usam os provérbios para dizer a outras o que fazer ou que atitude tomar em relação a uma determinada situação. Assim, os provérbios são “estratégias para situações”, mas estratégias com autoridade, que formulam uma parte do bom senso de uma sociedade, seus valores e a maneira de fazer as coisas.

Neste contexto, os provérbios são confundidos com as expressões idiomáticas, sempre constituídas por uma ou mais palavras, são unidades fraseológicas com características próprias que as diferenciam de outras unidades. Apresentam um sentido único de acordo com o contexto popular de cada comunidade. As expressões idiomáticas são indecomponíveis e não há possibilidade de substituição.

Existem algumas características que definem o provérbio. Segundo Câmara Júnior (1974 apud SANTOS, 2013, p. 11):

As principais características que definem o que é provérbio são: concisão; tempo no presente, sugerindo atemporalidade; podem ser tomados metaforicamente ou literalmente; simetria evidente (paralelismos, repetições, lemas, estruturas bimembres); uso frequente da cópula, dos pronomes pessoais, dos substantivos, de formas imperativas; e recursos estilísticos - aliteração, assonância, rima, metáfora, metonímia, etc.

Os provérbios possibilitam uma reflexão por meio de conteúdos implícitos favorecendo o leitor a compreendê-los melhor e relacioná-los ao contexto histórico e fatos de cotidiano.

Para Wagner (2009, p. 26):

Também conhecido como adágio, anexim, dito popular, ditado, rifão, máxima – numa estrutura frasal concisa -, o provérbio traz uma filosofia de vida e carrega em si uma fonte de sabedoria, apresentando concisão e elegância. Assim como as cantigas trovadoresca, a vida e a energia dos provérbios estão na oralidade, sendo sintéticos, facilitam a memorização; sendo anônimos, representam a cultura de um povo e, sendo normalmente figurativos, trazem uma tematização implícita.

Por fim, os provérbios podem ser definidos como expressões fixas e consagradas pelo uso, sendo caracterizados por sua origem na sabedoria popular e pela grande circulação social. O emprego do gênero proverbial pode ser uma estratégia do enunciador para persuadir o interlocutor.

3.2 RESGATE HISTÓRICO DOS PROVÉRBIOS

No início da civilização, a maior parte das pessoas não sabia escrever e os provérbios já circulavam entre estes povos para transmitir ensinamentos, conselhos para a vida social. Quando os antropólogos passaram a estudar a fala por meio de suas formas e gêneros, encontramos os provérbios, um gênero de origem oral, antigo e amplamente usado, retratando atitudes populares.

Conforme Xatara e Succi (2015), a origem da palavra provérbio vem do latim *proverbium*. De acordo com Xatara e Oliveira (2002, p. 13), “o provérbio aparece pela primeira vez em textos do século XII, e o mais antigo estudo, assinado por Henri Estienne, data de 1579 – embora a mais antiga coleção de provérbios seja a do inglês John Heywood, de 1562.” Entretanto, a existência dos provérbios tem origem muito mais remota, e só não é atestada antes porque não puderam ser arquivados, ou porque pertenciam a uma tradição oral, ou porque se perderam tais documentações por meio do tempo. Sabe-se que faziam parte da filosofia dos gregos, romanos, egípcios, presentes tanto no ocidente, como no oriente, perpetuando-se na Idade Média e chegando até nós.

Albuquerque (1989, p. 35) ressalta:

Os ‘sebayts’ (ensinamentos), equivalentes aos provérbios atuais são citados desde o terceiro milênio a.C. Entre os hebreus e os aramaicos o provérbio representava a palavra de um sábio. No século VI a.C. aparecem as Palavras de Ahiqar e no século IV a.C. os Provérbios de Salomão. Entre os gregos, ‘gnômê’ (pensamento) e ‘paroemia’ (instrução) cobrem as noções de provérbio, sentença, máxima, adágio, preceito etc., aparecendo em obras de Platão, Aristóteles e Ésquilo [...].

A origem da palavra provérbio pode ser religiosa. Segundo Xatara e Succi (2009, p. 37):

Provavelmente a origem da palavra provérbio seja até religiosa e não seria de se estranhar, ao se decompor “provérbio”, como alguns autores acreditam, que ele tenha derivado de *pro* (em vez de, no lugar de) + *verbo* (palavra de Deus), ou seja, no lugar da palavra de Deus, já que nele sempre se encerra um conselho, uma admoestação.

Presume-se que os provérbios, inicialmente, religiosos, foram criados por autores conhecidos e acabaram caindo no domínio público. Por muitos séculos, na área educacional, o provérbio também se destacava, para aprender uma língua estrangeira estudava-se os provérbios junto com sua gramática e vocabulário. Os provérbios apareciam

diretamente nos dicionários e os alunos escreviam sobre eles como uma das figuras básicas de retórica.

Um fato marcante da história dos provérbios ocorreu no início do século XVII, quando as classes mais instruídas, as classes educadas perdem o interesse por este gênero, o qual passa a ser associado ao homem vulgar, como expressão deselegante, apenas os provérbios bíblicos são respeitados. Surgem, então, novos modelos estilísticos de prosa literária, preceituada pelo Iluminismo.

De acordo com Côrtes (2008 apud FERREIRA; VIEIRA, 2013):

Os provérbios apresentam origem desconhecida, indefinida e anônima. Há registros de utilização deles por diversos povos da Antiguidade, no Egito (anterior a 2500 a. C.) na China e na Índia antigas, com o intuito de inculcar preceitos morais e transmitir ideias filosóficas, ou seja, com o propósito de ensinamento. Como texto oral, os provérbios não apresentavam características definidas, confundindo-se com outros textos (máximas, adágios, ditos populares, morais de fábulas).

Com o decorrer do tempo, os provérbios foram se tornando expressões cada vez mais usadas, mais expostas, passando a fazer parte da sabedoria popular.

Segundo Côrtes (2008 apud FERREIRA; VIEIRA, 2013):

Os hebreus, os gregos e os latinos contribuíram para a consolidação da forma e para a divulgação dos provérbios, por meio da Bíblia, de obras literárias, fábulas etc. Com a disseminação dos provérbios, houve uma extensão da função de ensinamento moral para a função de provocar efeitos de sentido, evidenciando cultura sábia e ornamento estilístico.

Atualmente, os provérbios são usados como uma forma de criticar, usado, muitas vezes, como argumento de variados temas como a política, ciência, artes, economia, entre outros.

Steinberg (1985) adverte que muitos autores concordam que o anonimato dificulta o reconhecimento exato da origem do provérbio, especialmente em países de imigração como o nosso. Com a miscigenação de raças o provérbio pode ter se enraizado e naturalizado em outra língua, tornando-se difícil reconhecer a sua origem.

3.3 O PROVÉRBIO NO MEIO SOCIAL NOS DIAS ATUAIS

O seguro morreu de velho, mas o provérbio hoje, está vivo, presente na sociedade do século XXI, seduzindo e desafiando o atual leitor porque exige percepção, reflexão e expressão verbal.

Velasco (2000, p. 129) escreve:

Tracei como objetivo precípua da pesquisa verificar padrões de uso de provérbios na sociedade brasileira, por meio da análise das condições de produção (quem, por que, em que situação e com que intenção os utiliza) e recepção de provérbios. As três asserções básicas postuladas foram as seguintes:

1. Os provérbios são utilizados no processo interacional e estabelecem um enquadre normativo, no qual o falante assume ascendência sobre o interlocutor. Tal ascendência decorre da tradicionalidade e da carga didática inerentes aos provérbios.
2. A função persuasiva é própria da enunciação de um provérbio e um componente de formação do referido enquadre.
3. Os provérbios são utilizados pelos brasileiros no trabalho da preservação das faces, com o objetivo de justificar as suas crenças e atitudes.

O uso do provérbio é de grande valia no meio social ao possibilitar o uso metafórico da linguagem, levando o interlocutor a refletir sobre a língua nas mais diferentes esferas sociais. Para compreender o emprego dos provérbios é preciso ir além da codificação de símbolos linguísticos, é necessário saber analisar o contexto na qual está inserido.

A utilização dos provérbios no meio social não se limita apenas ao oral, em situações do cotidiano: conselhos, ensinamentos, divertimento ou contradizer algo; encontramos em situações inusitadas como em literatura, propagandas, textos críticos, entre outros.

Segundo Velasco (2000, p. 127):

[...] os provérbios são itens tradicionais do folclore de uma comunidade, frutos da experiência do povo; são afirmações concisas e impessoais de verdades gerais — a sua formulação é genérica e o seu valor de verdade é universal, atemporal e alocativo, mas refutável por provérbios antagônicos. Partem do senso comum, da fidedignidade a um contexto de vida específico, da simplicidade. Lidam com sentimentos e interesses primários do ser humano, como o amor e o ódio; a vida e a morte; a paz e a luta; a juventude e a velhice; a fome e o alimento; a saúde e a doença; o trabalho e a brincadeira; a verdade e a mentira; Deus e o diabo.

Os provérbios podem apresentar um senso de humor, em especial, conter uma natureza moral. O provérbio pode elevar uma afirmação simples para um nível mais elevado, com a finalidade de ensinar, convencer, consolar, incitar, etc., ou o oposto: contrariar, aconselhar, desanimar, enfraquecer.

Para Velasco (2000, p.128):

São coloridos, plenos de senso de humor e, especialmente, de natureza moral. O seu efeito é elevar uma afirmação de um nível simplório para um nível enfático, com o intuito de ensinar, elogiar, persuadir, consolar, estimular ou, contrária e

alternativamente, prevenir, admoestar, advertir, envergonhar, restringir ou desencorajar atitudes.

Os provérbios refletem maneiras de pensar, é um recurso linguístico que facilita a memorização. Conforme Vellasco (2000, p. 128):

Refletem maneiras de pensar universais; possuem forma fixa, cristalizada na língua, com recursos linguísticos que favorecem a sua memorização; podem ser ou não metafóricos; lidam com relações lógicas, mas não são verdades axiomáticas. O anonimato da sua autoria e o seu caráter de tradicionalidade são-lhes características precípuas. .

3.4 O PROVÉRBIO NA SALA DE AULA

Quem ri por último ri melhor. Da sabedoria carregada por séculos pela cultura de um povo, esquecidos por muitos e retomados por outros, atualmente, o provérbio tem a sua importância na sala de aula, não mais como estudo dentro do tema folclórico com frases feitas e nada mais, mas com relevância de se fazer conhecer e refletir sobre os aspectos da língua contidos ali nos próprios enunciados proverbiais.

Sob a forma de sentença, encontramos conhecimentos milenares recheados pela agudeza de raciocínio e pela reflexão da linguagem. Nesta perspectiva, observamos que este tipo de gênero raramente está em proposta de atividades em livros didáticos. O professor precisa buscar conhecimento sobre o assunto para poder trabalhá-lo de modo satisfatório com seus alunos.

Conforme Ferreira e Vieira (2013):

O ensino de Língua Portuguesa tem-se centrado na busca do acesso do aluno ao universo de textos que circulam socialmente, com os quais as pessoas interagem sistematicamente no cotidiano, tanto em situações informais, quanto em situações formais de uso público da linguagem.

Para Koch (2003, p. 17):

O texto pode ser considerado o próprio lugar da interação e o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos ou texto-co-enunciadores, isto é, o texto não preexiste a essa interação. Utilizar a linguagem é, enfim, interagir a partir do intercâmbio de textos.

É preciso instigar o senso crítico, ético e estético do aluno, com condições adequadas para o desenvolvimento de competências e habilidades linguísticas discursivas para a produção e compreensão de textos orais e escritos.

De acordo com Schmidt-Radefelt (1994 apud VELLASCO 2000, p.150):

Devido à natureza do seu enunciado — termos vagos, genéricos, conteúdo aparentemente verdadeiro, significação metafórica — e da sua coerência textual específica, o provérbio apresenta-se como um tipo de texto autônomo e singularmente flexível quanto às suas contextualizações.

O uso de provérbios como texto pode ocorrer em conversações do dia a dia, em editoriais de jornais e sermões, às vezes como texto completo, outras como slogans, ao lado de figuras em cartuns, etc. O provérbio é, ainda, discursivamente autônomo: a sua irrupção no discurso independe de uma mudança de tópico conversacional e, fora do discurso, possui um valor de verdade consensual geral (SCHMIDT-RADEFELT, 1994).

É importante que o professor saiba explorar materiais autênticos em sala de aula como: revistas, jornais, etc., pois há nesses materiais, temas que enriquecem a aprendizagem e gêneros, como provérbios, que fazem parte do dia a dia da sociedade em geral. É preciso mostrar aos alunos as possibilidades de uso dos provérbios.

3.5 PROVÉRBIO EM TEXTO PUBLICITÁRIO

3.5.1 Texto Publicitário – Gênero Discursivo

Afinal, o que é um texto publicitário?

Segundo Carvalho (1996), os textos publicitários possuem estruturas de argumentação, com objetivo de persuadir e seduzir o receptor.

No texto publicitário é utilizada a linguagem verbal e não-verbal, a linguagem é determinada pelo receptor que se quer atingir, ou seja, a quem se destina o texto, que pode variar entre linguagem culta e coloquial, fazendo-se uso das variadas funções de linguagem. Conforme Carvalho (1996), para mudar ou manter a opinião do público alvo, a linguagem publicitária vale-se desses recursos.

De acordo com Bakhtin (1992), o texto publicitário pode ser citado como um exemplo de gênero discursivo que impõe uma atitude ativo/responsiva tanto do publicitário quanto do leitor do texto publicitário. Nesse gênero textual, o objetivo do autor passa a ser o de informar, persuadir, seduzir, entre outras funções, levando assim a categorização desse mesmo gênero textual.

De acordo Marcuschi (2002, p. 20), nos últimos dois séculos, as novas tecnologias facilitaram o aparecimento de novos gêneros textuais, destacando-se as tecnologias ligadas ao campo da comunicação. Devido aos avanços tecnológicos surgem novos gêneros e se aperfeiçoam outros. Por exemplo, o e-mail que substitui cartas e bilhetes. Um exemplo de aperfeiçoamento é o gênero publicitário, um gênero que existe há muito tempo e com a modernidade ganha novos contornos. Esse e outros gêneros que surgiram no último século “criam formas comunicativas próprias com certo ‘hibridismo’ que desafia as relações entre oralidade e escrita” (MARCUSCHI, 2002,p.21). A utilização de formatos de outros gêneros é bastante frequente no discurso publicitário. Essa hibridização, ou seja, a mistura de gêneros é um recurso que permite realçar os objetivos do discurso.

O texto publicitário pode apresentar variações, dependendo da estratégia comunicativa escolhida. Apesar do objetivo final ser persuadir o leitor a adquirir ou fazer alguma coisa, esse objetivo pode ser alcançado por intermédio de textos argumentativos, narrativos ou descritivos. Os argumentativos expressam os motivos pelos quais a pessoa deve comprar algo; os narrativos apresentam o produto ou empresa contando uma história e os descritivos indicam características específicas sobre o produto ou empresa.

Escrever um bom texto publicitário requer criatividade, com o intuito de se conseguir criar um laço de cumplicidade com o leitor e seduzi-lo. Para atrair a atenção do leitor, o texto publicitário costuma conter figuras de linguagem como metáforas, metonímias, antonímia (antítese), etc. Além disso, existem alguns efeitos que são usados para causar emoções nos leitores:

- Efeito banalidade vs efeito surpresa - Quando uma situação aparentemente normal evolui e chega a uma conclusão inesperada;
- Efeito surpresa aliado com humor ou ironia;
- Diferentes formas fônicas, marcadas pela musicalidade.

O discurso publicitário tem como fator primordial de uma campanha o conceito que deseja comunicar e a satisfação que irá construir a partir do ponto central do anúncio. Processos de produção é apenas o nome do conjunto de traços que as condições de produto deixaram no textual, na forma de operação discursiva (VERÓN, 1980).

No texto publicitário as palavras devem ser escolhidas com o intuito de persuadir o leitor, mudando sua atitude, tentando convencê-lo, percebendo o que lhe completa. Para Carvalho (2002), a mensagem publicitária é o reino da felicidade e da perfeição.

Na visão de Sandmann (2005, p. 12), o grande desafio da publicidade é fazer com que o público preste atenção ao seu texto. Para tanto, explora, estrategicamente, os recursos da língua para a construção do anúncio, tais como: os fonéticos – rimas, ritmos, evocação de ruídos (onomatopeias) e motivação sonora (aliteração, assonância); os léxico-semânticos – criação de novos termos, mudanças de significado, construção ou desconstrução de palavras, clichês, frases feitas, provérbios, termos emprestados e usos conotativos e denotativos; e os morfossintáticos – flexões diferentes e grafias inusitadas, relações novas entre elementos e sintaxe não-linear. Tais recursos, ao serem usados, passam a exercer as funções de persuasão, representação da realidade e sedução dos interlocutores.

3.5.2 Linguagem: Instrumento de Poder

A linguagem publicitária aborda o discurso argumentativo, cujo interesse é persuadir o interlocutor visando mudança de comportamento buscando satisfazer no consumidor sentimentos como, conforto e prazer.

Para Monnerat (2003, p. 15), “a publicidade é uma das várias forças de comunicação que deve levar o consumidor através de vários níveis (desconhecimento – conhecimento – compreensão – convicção – ação) ao objetivo visado, a compra do produto (ação).” O consumidor se atenta para o discurso persuasivo e fica convencido de que determinado produto é indispensável para seu bem-estar.

A mensagem publicitária está extremamente relacionada com a tecnologia moderna, ambicionando vender um bem de consumo. No entanto, seus textos devem ser bem formulados para atrair o leitor e convencê-lo de forma prazerosa a adquirir o produto. Para Carvalho (1996), o anúncio publicitário constitui o canal de publicidade por excelência, estabelecendo uma ligação direta entre a oferta e a procura.

Conforme Carvalho (1996), a forma imperativa do discurso na publicidade retira o teor de autoridade e reveste com os tons da sedução e da persuasão. Este tipo de discurso objetiva convencer o consumidor de forma consciente ou inconscientemente na aquisição do produto, passando a ser um instrumento de controle social.

A linguagem com seu poder de persuasão nada mais é que a capacidade de convencer sobre determinado assunto, Citelli (1991, p. 13) aponta que “persuadir, antes de mais nada, é sinônimo de submeter, daí sua vertente autoritária. Quem persuade leva o outro à aceitação de uma dada ideia”. Sendo assim, o discurso responsável pela argumentação é o

persuasivo, no qual “o enunciador pretende fazer o enunciatário crer.” (GUIMARÃES, 1993, p. 69).

Para Citelli (1994, p. 18), a argumentação por meio da persuasão visa “alcançar os efeitos pragmáticos da linguagem, esta capacidade que os signos verbais possuem de influenciar as pessoas, de definir ou redefinir posições, de confirmar preconceitos, de formar ou reformar atitudes.” Para atingir o leitor é preciso um repertório vocabular suficiente para convencê-lo, argumentar, ser incisivo no discurso e ter conhecimento do que será dito.

Carvalho (1996, p. 47) afirma:

Há palavras que, colocadas estrategicamente no texto, trazem consigo uma poderosa carga de implícitos. Para que o texto mantenha a argumentação básica da mensagem, não é necessário apenas que os vocábulos empregados correspondam às ideias a serem manifestadas. As palavras devem ter expressividade e semântica.

O vocabulário na mensagem publicitária não pode ser estranho ao público, deve ser familiar, permitindo significações múltiplas abrangendo o jogo das palavras. O uso de frases curtas com ordem direta torna a mensagem mais eficaz para ser decodificada com rapidez.

3.5.3 Provérbio em Texto Publicitário

O texto publicitário apresenta diferentes formas de linguagem (verbal e não-verbal), produzindo efeitos inusitados com o objetivo de atingir o público alvo, além do poder de persuasão.

O texto tem o poder de influenciar o modo de pensar e agir das pessoas, apresentando ideologias e mensagens capazes de modificar comportamentos e ideias, detectamos sua proximidade com o gênero proverbial.

O provérbio, utilizado como instrumento de argumentação, torna-se um importante recurso nos textos publicitários e quando aparecem modificados aumenta ainda mais a capacidade de persuasão, pois reflete o saber popular provocando uma interação com o leitor.

Na definição de Obelkevich (1997, p. 45):

Os provérbios são “estratégias” munidas de autoridade para situações. Logo, um recurso altamente persuasivo. Dessa forma, a publicidade se utiliza do gênero

provérbio, na construção dos anúncios, como uma tática para revestir seu discurso de legitimidade e credibilidade, a fim de atrair a atenção e a adesão do público. Ao modificar os provérbios, o anunciante diz algo novo em cima do que já foi dito antes.

Assim, faz o leitor refletir para resgatar o sentido original do provérbio e comparar com a nova construção. O texto publicitário utilizando o enunciado proverbial deixa de ser meramente comercial e fica mais convidativo ao leitor. Os provérbios estão presentes na nossa cultura, quando aparecem nos textos publicitários ampliam a capacidade de persuasão.

Os anúncios utilizam várias estratégias linguísticas para atingir seus objetivos como o uso dos provérbios que apresentam uma estrutura compacta e de fácil memorização sendo suscetíveis de deslocarem seus sentidos cristalizados para novos e interessantes sentidos.

Como afirma Carvalho (2003, p. 15):

Geralmente, elementos imagéticos e verbais são associados nos anúncios publicitários como uma forma de direcionar e intensificar a comunicação persuasiva. A imagem (passível de múltiplas leituras) é ancorada nos elementos linguísticos, que orientam o sentido conveniente pré-estabelecido pelo anunciante.

O anúncio publicitário pode influenciar comportamentos e desejos das pessoas. Assim, cabe ao professor demonstrar os mecanismos linguísticos e persuasivos envolvidos neste processo, mediando adequadamente, junto aos alunos, nas análises os diferentes efeitos de sentidos contidos nos anúncios, permitindo, assim, que o educando se torne um leitor crítico das mensagens publicitárias.

4 DESENVOLVIMENTO

Para compreender e produzir qualquer texto, é necessário mobilizar conhecimentos, não apenas linguísticos, mas também todos os outros conhecimentos adquiridos com a convivência social, que nos tornam aptos a agir nas diversas situações e eventos da vida cotidiana.

(CAVALCANTE, 2012, p. 19).

4.1 A PESQUISA-AÇÃO

A pesquisa-ação procura articular a produção de conhecimentos com a ação educativa. Este trabalho segue a orientação de pesquisa de intervenção, ou seja, por um lado investiga, produz conhecimentos sobre a realidade a ser estudada e por outro, realiza um processo educativo para o enfrentamento dessa realidade.

Severino (2007, p. 120) aponta que:

A pesquisa-ação é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas.

Mediante a pesquisa-ação é possível intervir na prática educativa de modo inovador no decorrer do processo e não somente como consequência de uma verificação na etapa final do projeto. Ocorre uma articulação entre teoria e prática no processo educacional, viabilizando investigar e educar, pesquisar e participar. “O pesquisador é aqui um participante engajado. Ele aprende durante a pesquisa.” (BARBIER, 2007, p. 61).

Esta modalidade de pesquisa tem o propósito de compartilhar saberes produzido pelos diferentes sujeitos, possibilitando mudanças na sala de aula em relação ao ensino de Língua Portuguesa. Ezpeleta e Rockwell (1989) enfatiza a dimensão política da metodologia ressaltando a necessidade de garantir a participação democrática dos sujeitos envolvidos. Para Barbier (2007, p. 17), “ao enveredar por esse caminho, a pesquisa-ação conduz a uma nova postura e a uma nova inscrição do pesquisador na sociedade.”

A pesquisa-ação apresenta um caráter pedagógico, com o propósito de compartilhar saberes produzidos pelos diferentes sujeitos envolvidos no processo de pesquisa. Tozoni-Reis (2006, p. 33) aponta:

O sujeito que vive a realidade socioambiental em estudo é, portanto, um *sujeito-parceiro* das investigações definidas participativamente, um *pesquisador comunitário* que constrói e produz conhecimentos sobre essa realidade em parceria com aquele que seria identificado, numa outra modalidade de pesquisa, como pesquisador, aqui definido como *pesquisador acadêmico*.

Barbier (2007) aponta este pesquisador como um sujeito autônomo, autor de sua prática e de seu discurso. Desta forma, fica evidente a convicção de que pesquisa e ação podem e devem caminhar juntas ambicionando a transformação da prática.

A pesquisa-ação contempla fases que são relevantes e pertinentes para serem aplicadas no ambiente escolar pelo professor pesquisador que objetiva modificar uma determinada situação existente em sala de aula. No caso desta pesquisa, contemplar a problemática do emprego dos provérbios como gênero discursivo.

Por intermédio dos estudos de Barbier (2007), abordamos as cinco fases cruciais da pesquisa-ação: 1 – o problema surge num contexto preciso de um grupo em crise. O pesquisador contata-o, ajudando a coletividade a determinar seus detalhes; 2 – os instrumentos de pesquisa são interativos e implicativos (discussões em grupo, desempenho de papéis, conversas profundadas); 3 – os dados são transmitidos à coletividade, a fim de conhecer sua percepção da realidade. O exame destes dados visa redefinir o problema e encontrar soluções. 4 – a interpretação e a análise são o produto de discussões de grupo. O traço principal é o *feedback*, impõe a comunicação dos resultados da investigação; 5 – o pesquisador pode comunicar os resultados da pesquisa-ação à academia como em qualquer outra pesquisa.

Em relação ao exposto, visando o contexto da educação escolar, este tipo de pesquisa requer do professor compreender o processo de ensino e aprendizagem, pois a pesquisa-ação não é conduzida por categorias pré-estabelecidas antes da investigação e sim por questões levantadas que conduzirá o estudo.

De acordo com Tripp, (2005, p. 445) “a pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos.” Neste sentido, ressaltamos a importância da reflexão no processo de pesquisa-ação, ainda referenciando o mesmo autor, a reflexão deve ocorrer em todo o ciclo. Começando com a reflexão sobre a prática, no planejamento, na implementação, terminando com a reflexão sobre o que sucedeu.

Com base nos pressupostos da pesquisa-ação, este trabalho foi direcionado por uma intervenção por parte de professor-pesquisador, interagindo com os demais sujeitos

da pesquisa – os alunos, com o objetivo de melhorar o ensino e o aprendizado no contexto escolar.

4.2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Adentrando nas teorias sobre os gêneros discursivos, com base teórica na concepção interacionista de linguagem, de acordo com Bakhtin (2003), todo texto é organizado em um gênero. Observamos a importância de sistematizar uma metodologia voltada para a sequência didática e os gêneros discursivos em suas várias esferas de circulação e relacionar estes textos com o meio social, com opção pelo viés do estudo de gêneros organizados por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

Com um embasamento teórico pautado nos autores já mencionados, passamos a refletir com certa coerência sobre o ensino. Dessa forma, nosso intuito enquanto educadores toma outra direção, a partir de questionamentos, não somente para que e o que ensinamos, mas sim sobre como, quando e o que ensinar para que o aluno realmente aprenda e se torne um cidadão engajado na busca do conhecimento.

Estreitando laços, o ensino da Língua Portuguesa aborda tanto uma concepção de linguagem quanto uma postura à educação. Enfim, o professor precisa ser um eterno pesquisador, segundo Garcia (2007), professor pesquisador seria aquele professor que parte de questões relativas à sua prática com o objetivo de aprimorá-la. Logo, precisa se atualizar, buscar novos conhecimentos, por meio de pesquisas, para aperfeiçoar suas práticas, ensinando de forma dinâmica e interativa. Neste sentido, a reflexão sobre a prática torna-se um ponto fundamental para a reconstrução dos saberes, Lima (2015) afirma:

Reflexão sobre a prática é de fundamental importância, independente se formado ou estimulado a tal atitude, pois é daí que o professor poderá avaliar-se e terá a condição de modificar suas ações, podendo assim fazer jus a grande responsabilidade que lhe foi atribuída. O que não pode ser retirado pelos defensores da dissociação entre o professor e o pesquisador é o espírito de investigação.

Na perspectiva escolar, Barbosa (2003) acrescenta, a pedagogia com os gêneros discursivos como objeto de ensino/aprendizagem de língua materna, tem se mostrado eficaz vinculados a experiências à base de sequências didáticas, demonstrando resultados positivos na compreensão e na produção oral e escrita dos educandos.

A definição de sequência didática voltada para o ensino com gêneros de acordo com Dolz e Schneuwly (2004, p. 82) “é um conjunto de atividades escolares

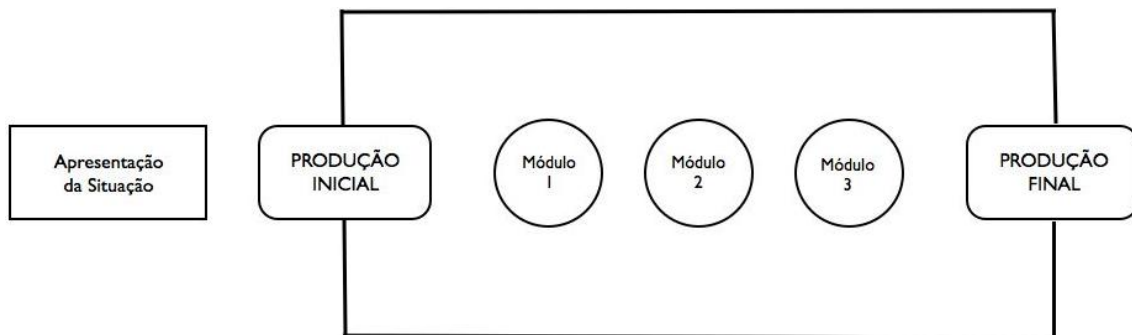
organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” No entanto, o trabalho com um tipo específico de gênero depende da situação de comunicação, os textos orais ou escritos que produzimos se diferenciam porque são produzidos em condições diferentes.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 83) destacam:

Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. O trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente; sobre aqueles dificilmente acessíveis, espontaneamente, pela maioria dos alunos; e sobre gêneros públicos e não privados. As sequências didáticas servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis.

Com a finalidade de concretizar nossa proposta de trabalho, seguiremos como base o esquema da sequência didática por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 83), conforme o modelo:

Quadro 4 – Esquema da sequência didática



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 83).

De acordo com esta estrutura, a sequência parte de uma apresentação da situação, na qual é exposto aos alunos um projeto de comunicação a ser realizado, por meio de um gênero oral ou escrito. Conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) este momento consiste em preparar os alunos para a produção inicial, constituindo a primeira tentativa de produção do gênero que será trabalhado nos módulos seguintes.

Esta etapa é considerada crucial para o desenvolvimento da sequência didática, conforme os autores já citados é o momento em que se constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada. Neste momento, o

professor precisa avaliar os conhecimentos já adquiridos para organizar as atividades previstas na sequência didática com o intuito de melhor dominar o gênero de texto em questão.

A próxima etapa é a execução dos módulos. O número de módulos desenvolvidos dependerá da necessidade de cada sala de aula. Eles são constituídos por diversas atividades fornecendo condições para resolver as dificuldades com o gênero, de forma sistemática e aprofundada. As atividades dos módulos são organizadas pelo professor com o objetivo de solucionar os problemas detectados na produção inicial. Para o ensino de Língua Portuguesa, este momento pode ser considerado fundamental para ressaltar que o efeito de sentido nos textos abordados está relacionado às questões de leitura, oralidade, produção de texto, conforme as esferas de circulação e ao mesmo tempo integram os aspectos linguísticos e sua análise.

Para finalizar a sequência didática, no momento da produção final, o aluno coloca em prática os conhecimentos adquiridos e juntamente com o professor avalia os progressos alcançados. A produção final é a base para que o educador avalie o processo de ensino e aprendizagem e possa organizar novas sequências de acordo com a necessidade de seus educandos.

Este tipo de trabalho em espiral possibilita que o aluno vá dominando outros gêneros à medida que vão sendo trabalhados, melhorando as capacidades de acordo com o grau de complexidade dos diversos gêneros e suas leituras. Finalmente, é oportuno efetivar a circulação dos textos produzidos pelos alunos no ambiente escolar ou em outros locais específicos.

Em suma, Dolz e Schneuwly (2004, p. 45) consideram a importância de se trabalhar os gêneros e a sequência didática visando melhorar o ensino:

As estratégias de ensino supõem a busca de intervenções no meio escolar que favoreçam a mudança e a promoção dos alunos a uma melhor mestria dos gêneros e das situações de comunicação que lhes correspondem. Trata-se, fundamentalmente, de se fornecerem aos alunos os instrumentos necessários para progredir.

Com esta estrutura de trabalho, observa-se o envolvimento por parte dos alunos nas aulas propostas quando são capazes de relacionar os gêneros considerando as diferentes esferas e situações comunicativas nas quais circulam.

4.3 METODOLOGIA

O trabalho com gêneros em sala de aula requer uma metodologia especial, particularmente nas aulas de Língua Portuguesa. Apropriadamente, Machado (2005, p. 157) ressalta que “os gêneros discursivos são formas comunicativas que não são adquiridas em manuais, mas sim nos processos interativos”. Desse modo, enfatizamos a importância de se trabalhar os provérbios como gênero do discurso. Nascimento (2005, p. 15) diz:

De boca em boca e sempre com provérbios comunicativos determinados pelas situações de interação em que são usados, os provérbios vão sendo adaptados porque incorporam os valores sociais e, no plano do agente que os usa, incorporam valores subjetivos (emocionais e volitivos) de uma determinada relação social numa comunidade discursiva.

Paralelamente, analisando algumas coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa adotados pela rede pública de ensino, observamos que os livros didáticos não trazem, ou seja, não exploram os provérbios como gêneros do discurso e, muitas vezes, são trabalhados de forma aleatória, como já dissemos. Sendo assim, esta pesquisa terá por objetivo desenvolver um trabalho em sala de aula enfocando o provérbio como gênero, como forma de comunicação, expressão e interação, voltadas à linguagem usual, a partir da concepção de Bakhtin (2003) que concebe a linguagem como diálogo.

O trabalho com os provérbios, enquanto gênero discursivo permite uma análise discursiva necessária a todo e qualquer interlocutor. Para tanto, será desenvolvido uma pesquisa de intervenção, por meio de uma sequência didática da Equipe de Línguas da Universidade de Genebra, com foco na possibilidade de modificar a situação da sala de aula, estudando os provérbios na perspectiva do gênero discursivo, adentrando nas questões de leitura e reflexão.

A vertente sociointeracionista discursiva prioriza um ensino que, conforme citam Dolz e Schneuwly (2004, p.49), deve:

Prepará-los [os alunos] para dominar a língua em situações variadas, fornecendo-lhes instrumentos eficazes; desenvolver nos alunos uma relação com o comportamento discursivo, competente e voluntário, favorecendo estratégias de autorregulação; ajudá-los a construir uma representação das atividades de escrita e de fala em situações complexas como produto de um trabalho e de uma autoelaboração.

A sequência será desenvolvida minuciosamente, conforme a estrutura de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 83) com a apresentação da situação inicial seguida da

primeira produção, continuando com o desenvolvimento de quatro módulos com atividades sobre provérbios, finalizando com a produção final de uma propaganda envolvendo o uso de provérbios com intuito persuasivo, totalizando 12 horas aulas.

Nas instituições de ensino, o trabalho com os gêneros discursivos tem se mostrado eficaz apresentando resultados produtivos, desse modo melhorando a compreensão, a reflexão, a produção escrita e a leitura. Conforme as Diretrizes Curriculares Estaduais (PARANÁ, 2008, p. 50): “É preciso que a escola seja um espaço que promova, por meio de uma gama de textos com diferentes funções sociais, o letramento do aluno, para que ele se envolva nas práticas de uso da língua – sejam de leitura, oralidade e escrita.”

A construção da sequência didática proposta nesta pesquisa supõe uma metodologia de ensino objetivando o emprego do provérbio como gênero discursivo, ampliando o horizonte de conhecimento dos alunos, para que possam compreender os sentidos proverbiais, analisar a relação dos provérbios e da sabedoria popular, analisar a função da linguagem como meio de comunicação, familiarizar-se com o gênero em questão e refletir sobre temáticas atuais por meio dos provérbios.

A primeira etapa consiste na apresentação da situação aos alunos, a possibilidade de se trabalhar com o gênero discursivo proverbial e como se desenvolverá toda a proposta. Na sequência, partimos para a produção inicial, na qual os alunos irão refletir, em grupo, sobre as seguintes questões: quem sabe o que é um provérbio? (conceito), Quem sabe dizer um provérbio? Faça uma lista de provérbios. Estas atividades devem ser realizadas de acordo com o conhecimento dos alunos, sem intervenção e sem orientação específica sobre o gênero. A produção inicial mostra-se como um instrumento de investigação, um diagnóstico para o educador da pesquisa com o objetivo de detectar o conhecimento prévio dos alunos sobre o assunto que será abordado e a partir daí, elaborar as atividades, os exercícios para o aperfeiçoamento dos alunos em relação ao domínio do gênero proverbial.

No terceiro momento, módulo 1:

Fazer um registro na lousa dos provérbios pesquisados em casa com a família. Analisar quais se repetem, o mais conhecido, o menos conhecido, entre outros.

1) Você sabe o que são provérbios? Leia as informações a seguir.

Provérbios são frases curtas que revelam a sabedoria popular a respeito dos costumes, das regras sociais, etc. Em geral eles têm ritmo e, às vezes, rima. Existem livros e sites que trazem listas de provérbios de diversas culturas, mas esse é um gênero de origem oral, usado pelas pessoas em conversas do dia a dia, para comprovar a verdade de algo, mostrar que algumas situações sempre se repetem, aconselhar, etc.

Identifique, entre as frases a seguir, as que são provérbios.

- a) () O latido dos cães tem diversos significados.
- b) () Cão que late não morde.
- c) () Não há rosa sem espinho.
- d) () Plantei uma roseira no meu quintal.
- e) () O bom juiz deve estar sempre estudando e se atualizando.
- f) () Se queres ser bom juiz, ouve o que cada um diz.

2) Provérbios costumam, também, aparecer em textos escritos. Leia esta notícia.

"Quem não tem cão, caça com gato..."



[...] diz a sabedoria popular. Em Israel, no entanto, quem não tem cão, caça mesmo é com um carrão. Há algumas semanas o ministério das Finanças distribuiu a todos os ministros do Gabinete israelense um comunicado: era chegada a troca de automóveis do primeiro escalão do governo neste ano. Os ministros poderiam escolher entre o poderoso alemão Audi A6 (foto) e o tcheco Skooda, que custaria 100 mil shekels mais barato que o primeiro. Preciso mesmo dizer qual foi o veículo escolhido? Nada menos que sete ministros estarão desfilando pelas ruas e estradas do país a bordo do Audi, queimando além de gasolina, uma boa parte do "tanque" do dinheiro público. [...] (MALKES, 2008).

- a) Explique resumidamente o fato noticiado.
- b) Qual parece ser a opinião da repórter a respeito da atitude dos políticos? Justifique sua resposta com trechos do texto.
- c) Que provérbio aparece na notícia?
- d) Quais dos provérbios a seguir também poderiam ser aplicados ao fato noticiado? Por quê?
 - I. Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.
 - II. Cada um puxa a brasa para a sua sardinha.
 - III. Quem avisa amigo é.
 - IV. Quem furte pouco é ladrão, quem furta muito é barão.
 - V. Não faças mal a teu vizinho, que o teu vem a caminho.

3) Escolha outro provérbio da atividade anterior e explique seu sentido.

Essas atividades foram elaboradas com base nos problemas e dificuldades detectados na produção inicial, com as orientações das condições para a solução das dificuldades no domínio do gênero proverbial. As atividades partem de uma pesquisa feita pelos alunos com seus familiares sobre o conhecimento de provérbios. Foram escritos, na lousa, os provérbios trazidos pelos alunos e, oralmente, uma breve análise deles verificando o provérbio mais conhecido, o mais popular, o menos conhecido, quantas vezes cada provérbio apareceu e número de provérbios que conseguiram comparando com a lista inicial, realizada

sem pesquisa alguma. Em seguida, foram trabalhados exercícios que conceituavam teoricamente o provérbio, para a compreensão de sua função social em determinados contextos.

No quarto momento, módulo 2 da sequência didática:

A origem da maioria dos provérbios é desconhecida: não se sabe quem os criou. Alguns deles, porém, originaram-se da moral de fábulas.

Fábulas são narrativas curtas que ilustram algum vício ou alguma virtude e cujas personagens geralmente são animais que agem como seres humanos. No final, sempre aparece uma moral, que resume o ensinamento da história.

1) Leia uma versão da fábula “A coruja e a águia”, de Esopo.



A coruja procurou a águia e pediu-lhe que, se visse num ninho uns passarinhos muito, muito lindos, com uns biquinhos perfeitos, não os comesse, porque eram seus belos filhos.

A águia assim prometeu. Mais tarde, porém, voando pela floresta, encontrou um ninho com filhotes de coruja feios e desengonçados e comeu as criaturinhas.

Quando a coruja voltou para seu ninho, viu que a águia não cumprira a promessa e, abalada, foi tomar satisfações. A águia explicou que comera um bando de passarinhos muito feios. Como a coruja havia dito que seus filhotes eram belos, ela não imaginara que fossem aqueles!

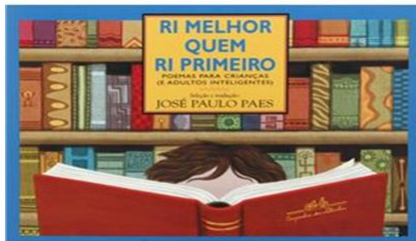
Qual das frases a seguir é a moral dessa fábula?

- a) () Não há maior cego do que o que não quer ver.
- b) () Quem ama o feio, bonito lhe parece.
- c) () Beleza e sabedoria fazem rara companhia.

2) Escolha um destes provérbios e imagine uma situação que poderia ilustrá-lo. Escreva a situação imaginada e ilustre-a. (atividade em grupos)

- a) Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.
- b) Devagar se vai ao longe.
- c) Quem tudo quer tudo perde.

3) Leia o título deste livro de poemas para crianças.



Fonte: Paes (2014).

- 1. Nesse título o autor faz uma brincadeira com um provérbio. Qual?
- 2. Qual é o sentido do provérbio original?

4) Produza um texto narrativo utilizando um provérbio como moral da história.

Os alunos realizaram as atividades observando o emprego de provérbios nas fábulas, ou seja, na moral das fábulas, com a intenção de refletir sobre algum ensinamento, a mensagem que se quer transmitir ao leitor. Pensando na proposta reflexiva do emprego proverbial, seguem algumas atividades para interpretar provérbios por meio de ilustrações.

Quinto momento, módulo 3:

Pesquisa e mostra de provérbios ilustrados.

1) Formar grupos de quatro alunos. Cada grupo irá realizar a pesquisa de provérbios sobre um determinado assunto. Para isso, poderão conversar com pessoas mais velhas, amigos, familiares, livros e internet.

2) Juntamente com a turma selecionar os temas a serem pesquisados, como: persistência, relações sociais marcadas pela desigualdade, punição, solidariedade, individualismo, trabalho, e outros.

3) Cada grupo deverá fazer uma seleção dos provérbios pesquisados selecionando cinco deles: os mais originais, os mais divertidos, aqueles que trazem um conhecimento mais verdadeiro. Em um cartaz, ilustrá-los e fazer uma breve interpretação. Podem fazer desenhos, colagem, pintura, etc.

4) Farão a exposição dos trabalhos oralmente para a classe.

5) Montarão uma exposição no pátio da escola.

Sexto momento, módulo 4, análise de alguns anúncios:

Figura 1 - Depois da tempestade sempre vem o Wolverine



Fonte: DEPOIS... (2013).

Figura 2 – Amor com amor se paga



Fonte: AMOR... (2008).

Figura 3 – Uma gotinha de água só não faz verão



Fonte: UMA GOTINHA... (2012).

Figura 4 – Quem tem boca vai a Roma



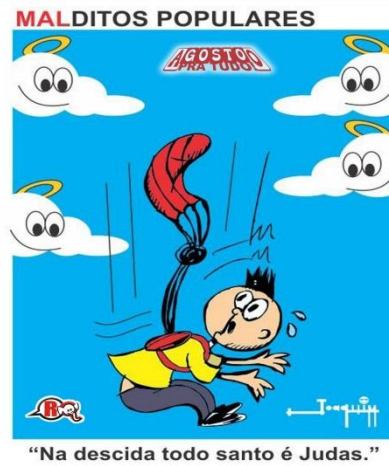
Fonte: Montilla (2011).

Figura 5 – Toma que o BB é seu



Fonte: TOMA... (2014).

Figura 6 – Na descida todo santo é Judas



Fonte: MALDITOS... (2014).

Figura 7 – Zíper



Fonte: Lemos (2010).

Figura 8 – Antes chegar um pouco tarde, do que nunca ter feito nada de bom pelo mundo



Fonte: ANTES CHEGAR... (2014).

Figura 9 – Quem tem pressa come cru



Fonte: Montilla (2011).

Figura 10 – Quem tem filho barbado é gato



Fonte: Montilla (2011).

Por intermédio destas propagandas selecionadas, trabalhamos a compreensão das características do texto publicitário, o público alvo, o objetivo e o emprego do provérbio nos textos publicitários, por meio de um debate e visualizando a coletânea de propagandas selecionadas. Discutimos as especificidades de cada propaganda, o sentido e o

poder do uso de provérbio como recurso persuasivo, tentando convencer o público sobre a mensagem enviada.

Após esta discussão, concluímos a sequência didática com a produção final, na qual os alunos produziram uma propaganda utilizando o provérbio como recurso persuasivo, utilizando a fundamentação em noções fornecidas acerca da compreensão e reflexão sobre o gênero abordado. Finalizando, as produções foram expostas no pátio da escola, na biblioteca e na sala dos professores, para acesso de toda a comunidade escolar. A produção final dos alunos serviu como base para a avaliação do progresso almejado perante as atividades desenvolvidas no processo da sequência didática, inspirando a organização de novas propostas pedagógicas e de novas sequências didáticas para o domínio de outros gêneros.

4.4 ANÁLISE E RESULTADOS

Ao término deste trabalho, esperamos contribuir para possíveis maneiras de se desenvolver atividades com os provérbios como gênero do discurso, levando o aluno a refletir sobre suas interpretações. Mostrar, então, que os provérbios não carregam um significado único e acabado, devem ser considerados os aspectos entre o discurso e a sociedade.

De acordo com as diretrizes de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (PARANÁ, 2008, p. 53):

O trabalho com os gêneros, portanto, deverá levar em conta que a língua é instrumento de poder e que o acesso ao poder, ou sua crítica, é legítimo e é direito para todos os cidadãos. Para que isso se concretize, o estudante precisa conhecer e ampliar o uso dos registros socialmente valorizados da língua, como a norma culta.

Portanto, fica evidente a importância de sistematizar uma metodologia voltada para a sequência didática e os gêneros discursivos em suas várias esferas de circulação e relacionar estes textos com o meio social.

Com esta estrutura de trabalho, observamos o envolvimento por parte dos alunos nas aulas sugeridas, pois foram capazes de relacionar o gênero abordado considerando as diferentes esferas e situações comunicativas nas quais circulam. É importante estudar os provérbios, não simplesmente para saber seu significado, mas para compreender que é possível utilizá-lo em outros contextos, como nos textos publicitários no sentido de persuasão.

Afirma Cavalcante (2012, p. 46) que “o propósito comunicativo é muito importante para a configuração de um gênero, mas há outros fatores que determinam a sua escolha e sua constituição”.

O projeto apresentado nesta pesquisa iniciou com a apresentação da sequência didática aos alunos, seguida de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que especificava todas as informações do projeto para a autorização dos pais. É importante ressaltar a questão ética da pesquisa, a dignidade e o respeito com os envolvidos. No entanto, a escola está respaldada com a devida documentação em relação ao trabalho com alunos e os pais/responsáveis cientes do projeto desenvolvido. Alguns pais não assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, somente foram utilizados os trabalhos dos alunos em que os pais autorizaram.

A sequência didática foi aplicada em três turmas de nono ano de um colégio da rede pública da cidade de Rolândia – PR. Na produção inicial, tivemos vinte grupos de quatro ou cinco alunos, para refletir e responder as questões: quem sabe o que é um provérbio? Quem sabe dizer um provérbio? Faça uma lista de provérbios.

Analisando as anotações dos alunos, 09 grupos não apresentaram nenhuma noção do que seriam provérbios e não conseguiram citar nenhum provérbio, apenas classificaram como lista de palavras, grupo de frases e orações, como conjugação verbal, frases sem verbos ou algo relacionado aos verbos. Quatro grupos definiram os provérbios como um livro, capítulos ou frases encontrados na Bíblia, mas apenas um grupo conseguiu citar alguns provérbios referentes à religião. Três grupos conseguiram buscar no dicionário o significado afirmando que seria uma sentença popular com poucas palavras, mas não conseguiram citar nenhum provérbio. Enfim, quatro grupos conseguiram se aproximar do conceito em relação aos provérbios, afirmando serem ditos populares que transmitem conhecimentos comuns, conselhos, ensinamentos ou frases prontas. Apenas dois grupos souberam citar alguns exemplos de provérbios: *A pressa é a inimiga da perfeição; água mole em pedra dura tanto bate até que fura; é melhor um pássaro na mão do que dois voando.* Como tarefa de casa, foi proposta uma pesquisa com a família com o objetivo de fazer uma lista de provérbios para a aula seguinte.

Esta produção inicial tornou-se um diagnóstico para a preparação dos módulos que seriam desenvolvidos no decorrer da sequência didática. Na concepção de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 87):

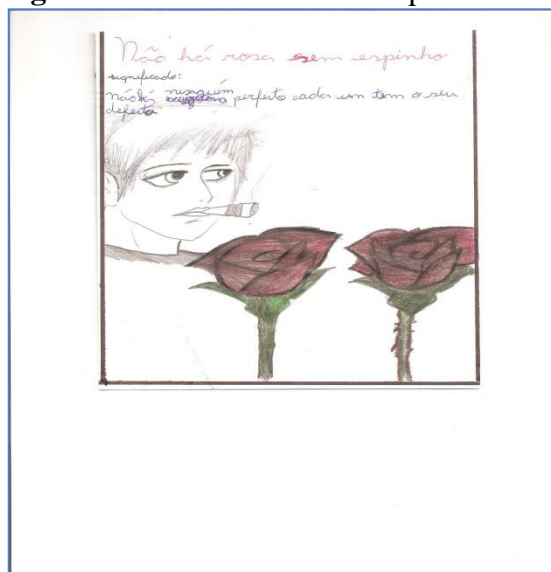
Para o professor, essas primeiras produções – que não receberão, evidentemente, uma nota – constituem momentos privilegiados de observação, que permitem refinar a sequência, modulá-la e adaptá-la de maneira mais precisa às capacidades reais dos alunos de uma dada turma.

O trabalho com os módulos parte do entendimento do conceito sobre o que é um provérbio, suas características e como utilizá-los com propriedade nas diversas situações comunicativas. Nos módulos, trata-se de trabalhar os problemas que aparecem na primeira produção e de dar aos alunos os instrumentos necessários para superá-los (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 87).

Iniciamos com a análise da lista de provérbios que trouxeram de casa, feita juntamente com a família. Em cada turma conseguimos selecionar cerca de 45 provérbios diferentes. O provérbio que apareceu mais vezes foi: *Em boca fechada não entra mosquito*; seguido de: *quem avisa amigo é*; e: *quem está na chuva é para se molhar*.

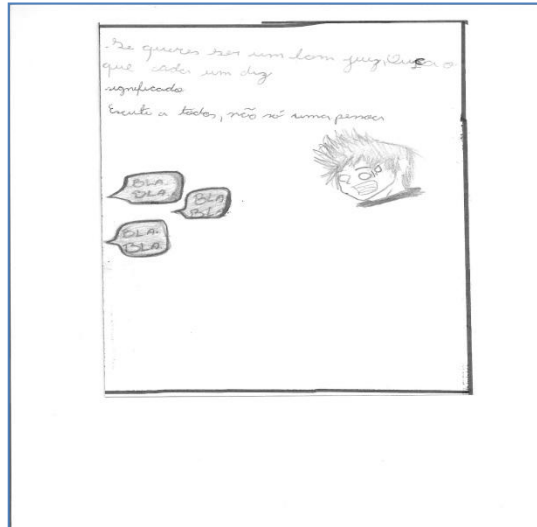
Os módulos foram seguidos por atividades aplicadas em situações diversificadas, de acordo com as dificuldades dos alunos na compreensão do emprego dos provérbios como gênero do discurso. No primeiro módulo, realizaram atividades para identificar e compreender os provérbios, observando que também aparecem em textos escritos, como na notícia abordada: “*Quem não tem cão, caça com gato*”. Os alunos interpretaram e ilustraram alguns provérbios, identificando a situação comunicativa, a intenção da reflexão sobre cada mensagem que os provérbios proporcionam diante das esferas de circulação. Como segue:

Figura 11 - Não há rosa sem espinho



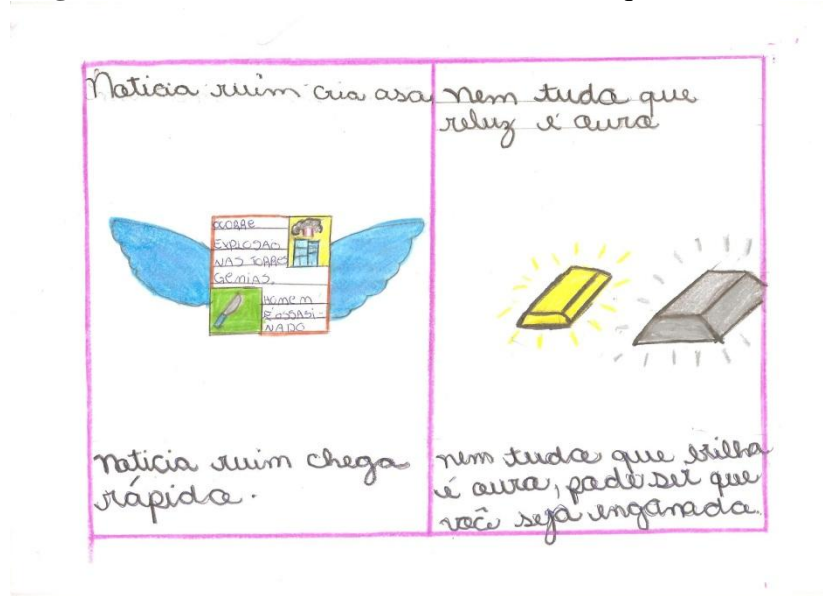
Fonte: Material Didático.

Figura 12 – Se quiseres ser um bom juiz, ouça o que cada um diz



Fonte: Material Didático.

Figura 13 – Notícia ruim cria asa / Nem tudo que reluz é ouro



Fonte: Material Didático.

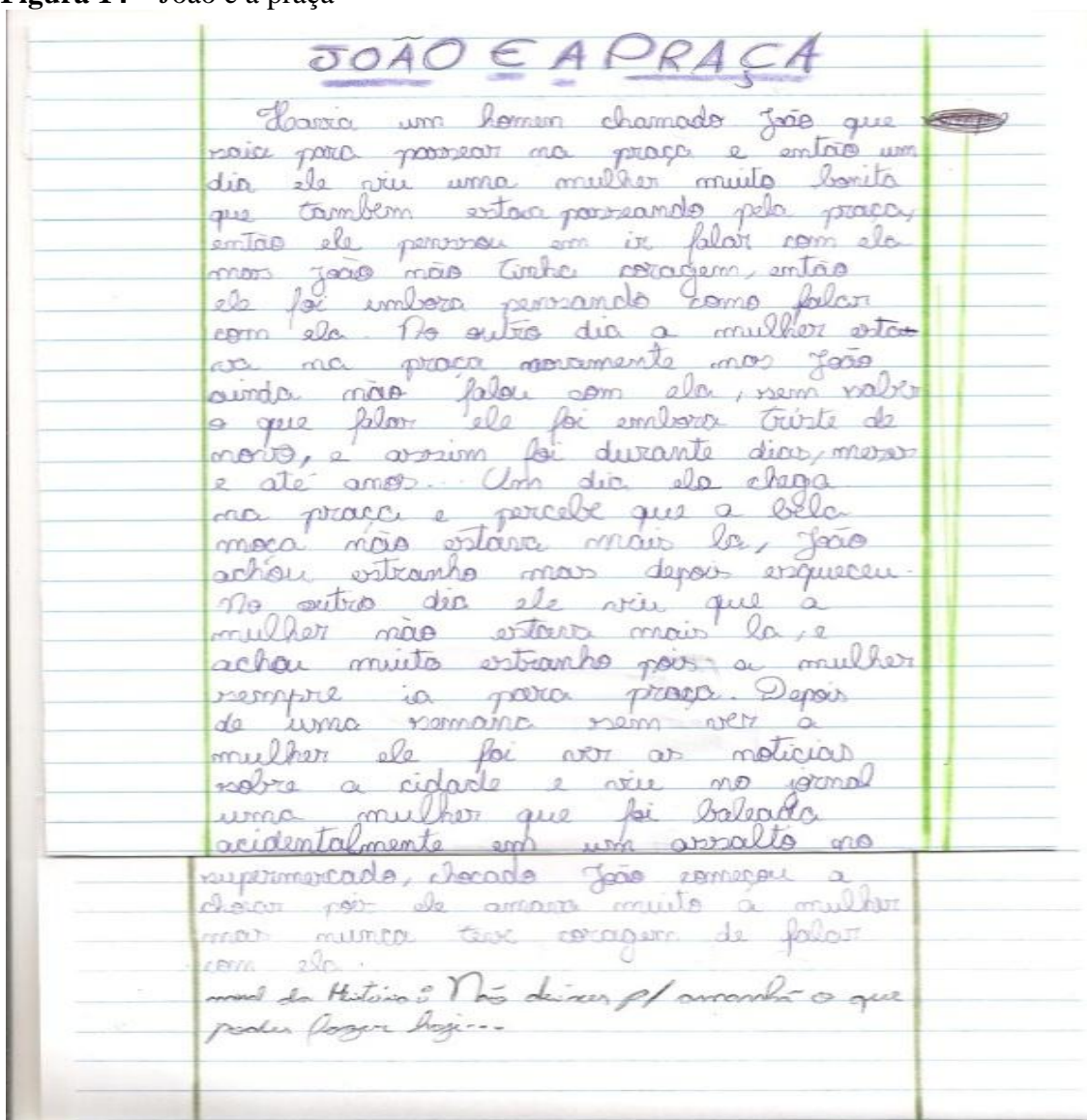
Conforme sugere as Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa (PARANÁ, 2008), compreendemos a concepção de linguagem como discurso que se efetiva nas diferentes práticas sociais. O provérbio “Notícia ruim cria asas” ativou o conhecimento de mundo do aluno relacionando-o com a tragédia das torres gêmeas. Como já mencionado, Bakhtin (1999) diz que a língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza por meio da interação verbal social dos locutores.

Com as produções dos educandos, fica evidente que um texto somente faz sentido quando é perpassado por um discurso interpretado em seus efeitos de sentido entre os

interlocutores que estão sempre mediados pela realidade natural. Temos, então, essa noção de sujeito construído historicamente por processos que lhe são exteriores e, assim, repletos do discurso do “outro”, a partir desse “outro”, constituem seus próprios dizeres.

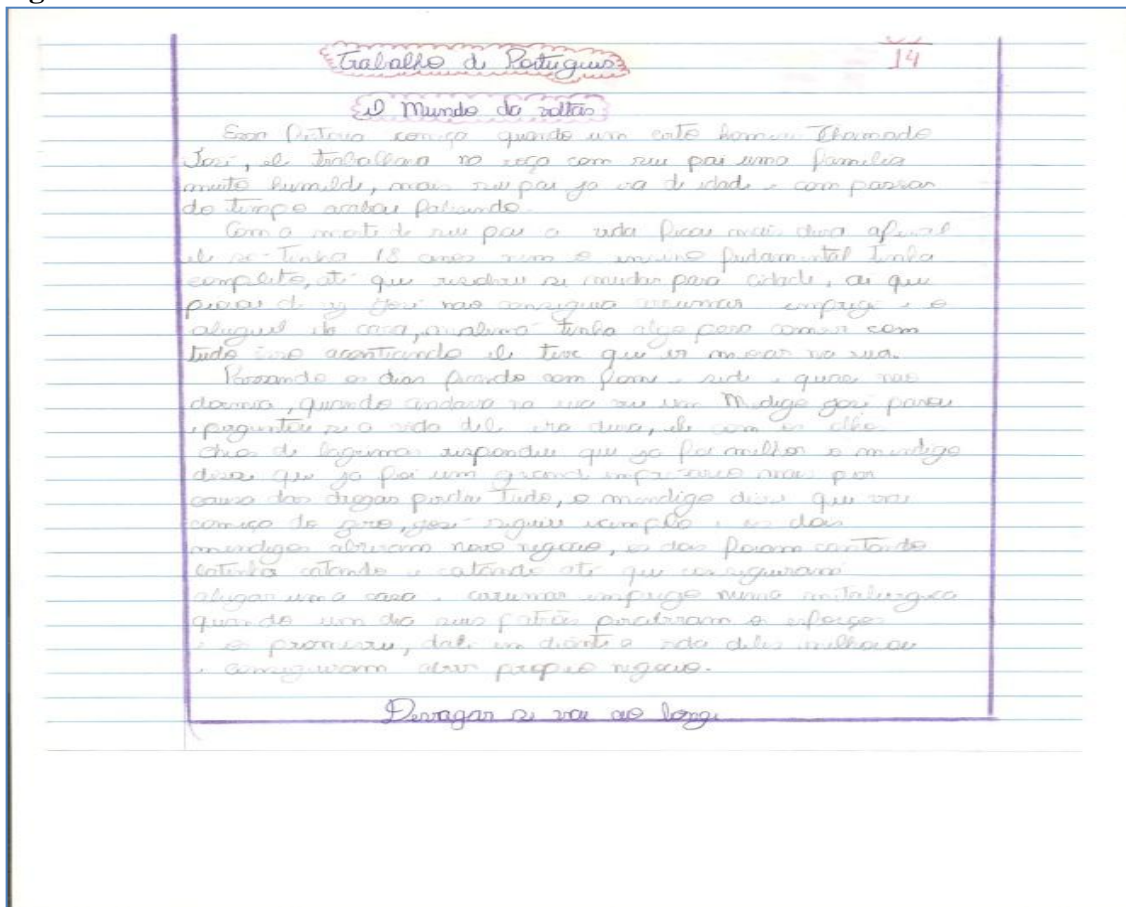
Já no módulo 2, as atividades foram direcionadas para o emprego dos provérbios em fábulas, textos narrativos com a intenção de transmitir algum ensinamento, conselhos. Neste sentido, os alunos produziram textos narrativos utilizando os provérbios como moral da história.

Figura 14 – João e a praça



Fonte: Material Didático.

Figura 15 - O mundo dá voltas



Fonte: Material Didático.

Mendonça (2006), comparando ensino de gramática com a prática de análise linguística, afirma que a Língua Portuguesa é ferramenta para a leitura e para a produção de textos e ocorre fusão do trabalho com os gêneros, na medida em que contempla justamente a intersecção das condições de produção dos textos e as escolhas linguísticas.

Observando os textos produzidos pelos alunos, concluímos serem altamente coerentes com a concepção de língua voltada à produção textual situada e reflexiva diante dos usos da língua, pois eles produziram textos com situações de vida real e com escolhas linguísticas e lexicais apropriadas.

Produziram textos narrativos com comparação e reflexão sobre adequação e efeitos de sentido. No texto “O mundo dá voltas”, o aluno começa situando o leitor sobre a vida de José: *Essa história começa quando um certo homem chamado José, ele trabalhava na roça com seu pai uma família muito humilde, mais seu pai já era de idade e com passar de tempo acabou falecendo*. Em seguida, prossegue relatando a vida de José e termina utilizando o provérbio como moral.

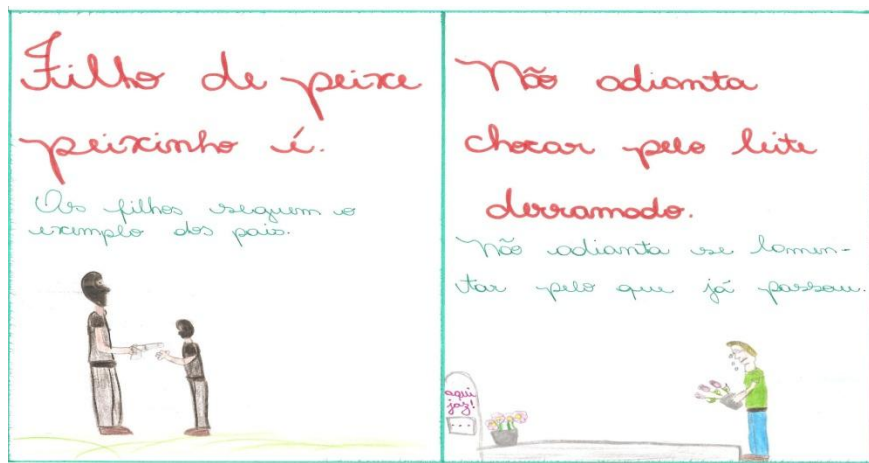
No texto “João e a praça”, o aluno também estabelece relação com a vida real, particularmente quando diz que “...ele foi ver as notícias sobre a cidade e viu no jornal uma mulher que foi baleada acidentalmente em um assalto no supermercado...”. Com o desenrolar da narrativa procura demonstrar um certo ensinamento ou um conselho para o leitor, concluindo com a moral “Não deixes para amanhã o que pode fazer hoje”. Como citado anteriormente, Bakhtin (1999) ressalta que o valor de qualquer enunciado não é determinado pela língua como sistema puramente linguístico, mas pelas diversas formas de interação que a língua estabelece com a realidade, com sujeitos falantes ou com outros enunciados.

No módulo três, os alunos fizeram pesquisas sobre provérbios abordando vários assuntos, houve o momento da discussão, interpretação e ilustração dos provérbios encontrados. Convém observar os apontamentos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 89):

As atividades de observação e de análise de textos – sejam orais ou escritos, autênticos ou fabricados para pôr em evidência certos aspectos do funcionamento textual – constituem o ponto de referência indispensável a toda aprendizagem eficaz da expressão. Essas atividades podem ser realizadas a partir de um texto completo ou de uma parte de um texto; elas podem comparar vários textos de um mesmo gênero ou de gêneros diferentes etc.

Conforme observamos:

Figura 16 – Filho de peixe peixinho é / Não adianta chorar pelo leite derramado



Fonte: Material Didático.

Para Cavalcante (2012), textos constituem uma unidade de linguagem dotada de sentido e cumprem um propósito comunicativo direcionado a um certo público,

numa situação de uso, dentro de uma determinada época, em uma dada cultura. Analisando os provérbios escolhidos “Não há rosa sem espinho”, “Filho de peixe peixinho é” e “Não adianta chorar pelo leite derramado”, fica explícito o emprego dos elementos verbais (os recursos disponíveis da língua) e os elementos extra verbais (as condições e situações de produção) presentes na construção de sentido do texto.

Os enunciados proverbiais relacionados aos desenhos e as interpretações dos alunos trazem um sentido comunicativo voltado à realidade social e histórica. Com o provérbio “Não há rosa sem espinho” o aluno representa duas rosas lindas e como contraste uma pessoa linda fumando, para conduzir o sentido do enunciado proverbial.

Diante das várias possibilidades de uso dos provérbios, o aluno criou uma referência com alguém chorando sobre um túmulo para ilustrar o enunciado proverbial “Não adianta chorar pelo leite derramado”, enfatizando a ideia que após a morte não há mais nada a fazer. Neste sentido, observa-se que os alunos compreenderam o emprego do discurso proverbial indo além da codificação de símbolos linguísticos, sabendo analisar o contexto no qual está inserido.

Figura 17 - A união faz a força / Quem espera sempre alcança



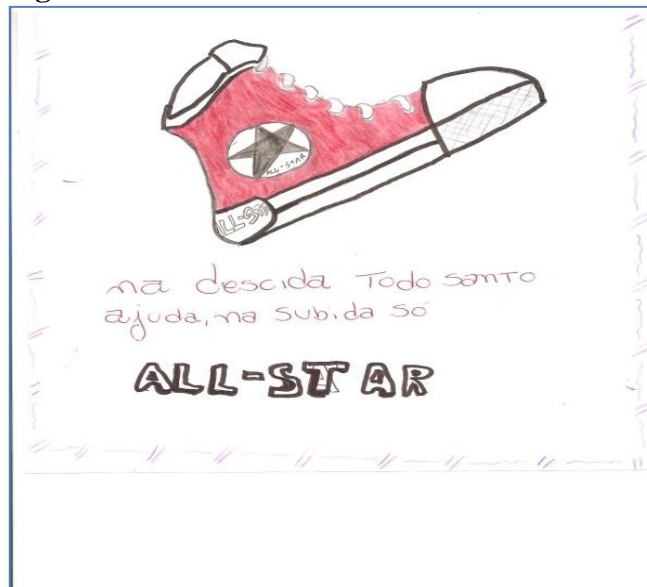
Fonte: Material Didático.

Os provérbios “A união faz a força” e “Quem espera sempre alcança” estão bem representados nas imagens, temos a relação palavra e imagem, ou seja, texto verbal e não-verbal impregnado de sentido, demonstrando a linguagem como fenômeno social. Na interpretação dos provérbios, fica explícito, as situações de vivência dos alunos, que foram bem representadas pelas ilustrações.

Para demonstrar a abrangência dos provérbios enquanto gênero do discurso, o módulo 4 objetivou, por meio de várias propagandas, vislumbrar o poder persuasivo dos provérbios em textos publicitários. Expostas em um multimídia, com orientação do professor, realizamos um debate sobre algumas propagandas, qual era o público alvo, as características das propagandas, seus objetivos e como o provérbio contribuiu para a persuasão nos anúncios.

Após a análise das propagandas, para concluir a sequência didática, os alunos colocam em prática as noções e os instrumentos elaborados nos módulos realizando a produção final. Então, os alunos em grupos, produziram uma propaganda usando o provérbio como instrumento persuasivo e comunicativo para atingir o público alvo. Como exemplo:

Figura 18 – All-Star



Fonte: Material Didático.

Figura 19 – Caneta Bic



Fonte: Material Didático.

Os educandos realizaram com proficiência a fusão de gêneros, expondo muito bem a situação de uso dos provérbios com as estratégias persuasivas do texto publicitário. Como diz Carvalho (1996), os textos publicitários possuem estruturas de argumentação, com objetivo de persuadir o receptor. Os alunos utilizaram os provérbios para atingir e seduzir o público, pois são frases curtas e de fácil memorização.

A linguagem verbal e não-verbal (palavra e imagem), no texto publicitário, é determinada pelo receptor que se quer atingir. Reconhecemos, de imediato, nos textos acima, enunciados proverbiais incorporados pelos anúncios produzidos pelos alunos. O anúncio com o tênis All-Star e caneta Bic, observa-se o efeito inusitado dos provérbios na fusão do verbal com o não-verbal para a argumentação e persuasão. Para Bakhtin (1992), o texto publicitário pode ser citado como um exemplo de gênero discursivo que impõe uma atitude ativo/responsiva tanto do publicitário quanto do leitor. Nestes anúncios, mesmo tão jovens, os alunos já compreenderam o discurso social do escrever como algo positivo, demonstrando o tênis e a caneta como objeto de valor e de qualidade, tanto no texto verbal como na imagem. Os textos utilizados nos anúncios são compactos e de fácil memorização, as entrelinhas, porém, expõem situações discursivas que deslocam sentidos cristalizados para uma nova escrita que argumenta e propõe influenciar comportamentos.

Diversas frases foram criadas pelos alunos com o texto publicitário e os provérbios: *“Não deixe para amanhã o que você pode comer hoje”*; *Em terra de cegos quem tem um olho é rei*”; *“Deus ajuda quem cedo madruga... não perca a hora!”*; *“O que os olhos vê, o coração sente”*; *entre outras*. Além da reflexão e da criatividade presentes neste tipo de atividade, ela também remete a interação e a análise do contexto no qual será destinado o texto produzido.

Carvalho (2002, p.18) acrescenta: *“A palavra deixa de ser meramente informativa, e é escolhida em função de sua força persuasiva, clara ou dissimulada. Seu poder não é simplesmente o de vender tal ou qual marca, mas integrar o receptor à sociedade de consumo”*.

Em seguida, as propagandas foram expostas no pátio, na sala dos professores, na biblioteca da escola para que houvesse a interação e a socialização dos trabalhos. Neste sentido, fica perceptível a apropriação e o aprimoramento, por parte dos alunos, do contexto social, ampliando a aquisição de léxico (oralidade e escrita), refletindo sobre a questão do consumo e da persuasão na publicidade.

Em relação ao exposto Cavalcante (2012, p. 46):

Isso nos leva a considerar que os gêneros se diversificam de acordo com a situação imediata de comunicação, os elementos socioculturais historicamente constituídos, bem como as necessidades específicas solicitadas por certas condições associadas à modalidade (oralidade ou escrita), ao grau de formalismo, à possibilidade de participação simultânea dos interlocutores, entre outros aspectos.

No término deste projeto, com todas as atividades desenvolvidas na sequência didática, os alunos conseguiram compreender o emprego dos provérbios, presente nos dias atuais, como um gênero discursivo, utilizado em diversas situações de comunicação e circulando em várias esferas sociais como forma de linguagem e de interação entre as pessoas.

Apropriadamente, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 89-90) colocam que:

Realizando os módulos, os alunos aprendem também a falar sobre o gênero abordado. Eles adquirem um vocabulário, uma *linguagem técnica*, que será comum à classe e ao professor e, mais do que isso, a numerosos alunos fazendo o mesmo trabalho sobre os mesmos gêneros. Eles constroem progressivamente conhecimentos sobre o gênero. Ao mesmo tempo, pelo fato de que toma a forma de palavras técnicas e de regras que permitem falar sobre ela, essa linguagem é, também, comunicável a outros e, o que é também muito importante, favorece uma atitude reflexiva e um controle do próprio comportamento.

Fica evidente nas produções dos alunos o uso dos enunciados proverbiais como estratégia discursiva para seduzir o enunciatário, o público alvo, com o objetivo de que ele adquira o produto. Compreenderam o poder da linguagem enquanto interação, persuasão, a qual influencia o comportamento do consumidor. O discurso publicitário, agregando instrumento cultural, os provérbios, ganha força por ser algo próximo a cultura popular e age sobre o indivíduo, sobre os grupos sociais e sobre a sociedade como um todo.

Em suma, este trabalho serviu também para avaliar a prática docente e aprimorá-la de acordo com as necessidades detectadas no decorrer das aulas, avaliar os avanços dos alunos em relação ao gênero abordado e sua familiaridade com o mesmo. Observamos que houve um progresso, comparando a produção inicial, com o desenvolvimento dos módulos e se concretizando com o resultado da produção final.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o emprego do gênero proverbial em uma visão discursiva, pela vertente interacionista de linguagem e a teoria dos gêneros discursivos, aplicado em alunos do nono ano do ensino fundamental, da rede pública, seguindo a proposta de uma sequência didática nos moldes de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

Na perspectiva interacionista, Bakhtin (2003) enfatiza a importância da capacidade de análise crítica e reflexiva sobre a linguagem, no entanto, não é mais suficiente apenas saber ler, é preciso fazer uso desta leitura no cotidiano e apropriar-se da função social desta prática. A leitura é uma atividade indispensável para a formação do educando, é fonte de informação, conhecimento e aprendizado e indispensável na formação cultural e promoção de descobertas do mundo.

Não basta decodificar o que se lê e sim compreender o que se lê, tornando-se um cidadão capaz de ler o que não está escrito, identificando elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e outros textos já lidos, ter consciência de que um texto pode ser interpretado de diferentes formas, dependendo da visão e conhecimento de cada pessoa.

Por isso, a necessidade do professor trabalhar os gêneros discursivos para que o aluno possa compreender os textos e encará-los como algo interessante e desafiador, atribuindo sentido ao texto e relacionando-o com o contexto e com as experiências prévias do leitor.

Os PCN (BRASIL, 1998, p. 20) deixam isso claro neste trecho transcrito: “[...] pela linguagem se expressam ideias, pensamentos e intenções, se estabelecem relações interpessoais anteriormente inexistentes e se influencia o outro, alterando suas representações da realidade e da sociedade e o rumo de suas relações.” É por meio dos gêneros discursivos que o sujeito tem a possibilidade de se envolver nas práticas letradas cotidianas por meio da leitura e reflexão crítica.

Dolz e Schneuwly (2004) também ressaltam a importância de se trabalhar com os gêneros discursivos em sala de aula para que os educandos possam praticar a leitura, compreensão e produção de diferentes textos e suportes que circulam na sociedade. A exploração desses diversos gêneros aumenta a possibilidade de formar alunos mais críticos e preparados para interagir no meio em que os gêneros circulam diariamente.

De acordo com as teorias mencionadas, cada gênero tem sua especificidade, suas características e funções de acordo com a esfera de circulação. O estudo dos variados gêneros em sala de aula, escritos e orais, possibilita ao professor o trabalho com a leitura, compreensão e produção de texto, com a perspectiva do letramento, inserindo o educando na realidade e nas práticas sociais.

O gênero abordado nesta pesquisa foram os provérbios, perante os livros didáticos adotados pela rede pública de ensino, não temos unidades específicas abrangendo o gênero proverbial como análise discursiva.

Com a aplicação da sequência didática, na estrutura de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), composta por atividades envolvendo o gênero proverbial, analisando a produção inicial, o desenvolvimento dos módulos e a produção final, é possível afirmar a reflexão crítica sobre o emprego da linguagem enquanto interação, comunicação da língua de acordo com a esfera de circulação no meio social. Em relação ao trabalho com gêneros em sala de aula, Barbosa (2003) aponta “há uma melhora sensível na produção e compreensão de textos orais e escritos por parte dos alunos”.

Em relação ao exposto, as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (PARANÁ, 2008, p. 64) complementa:

Na abordagem de cada gênero, é preciso considerar o tema (conteúdos ideológicos), a forma composicional e o estilo (marcas linguísticas e enunciativas). Ao trabalhar com o tema do gênero selecionado, o professor propiciará ao aluno a análise crítica do conteúdo do texto e seu valor ideológico, selecionando conteúdos específicos, seja para a prática de leitura ou de produção (oral e/ou escrita), que explorem discursivamente o texto.

Portanto, o trabalho com gêneros discursivos proporciona uma forma de conhecimento mais ampla e contextualizada por incorporar elementos de caráter social e histórico, pois estão inseridos nas esferas sociais que circulam na sociedade. Sobretudo, os gêneros estão sempre ligados ao contexto social, histórico e cultural de um povo.

O gênero proverbial foi o suporte desta pesquisa, desenvolvido e abordado por meio de módulos em uma sequência didática, contribuiu de forma significativa para o educando refletir e analisar a língua enquanto forma de comunicação e interação entre os indivíduos.

Na análise realizada pela observação das aulas, pode-se considerar que a leitura e a reflexão a partir dos provérbios, contribuíram para motivar a análise crítica e reflexiva da língua, para o conhecimento dos contextos históricos e culturais e para o trabalho

com o gênero de forma mais complexa, pensando na finalidade do enunciador e do enunciatário.

Para finalizar, é importante enfatizar, uma vez mais, como é rico o trabalho com o gênero proverbial em sala de aula. Nos anexos, estão algumas sugestões de atividades para serem aplicadas ou adaptadas a uma sequência didática, de acordo com a série ou nível de cada turma.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. H. T. **Um exame pragmático do uso de enunciados proverbiais nas interações verbais correntes**. 1989. 169 f. Dissertação (Mestrado da Área de Filologia Românica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- AMOR com amor se paga. 2008. Disponível em: <http://quemical.blogspot.com.br/2008/10/7-propaganda-com-uso-de-provrbio.html>- Acesso em: 06 jan. 2014.
- ANTES CHEGAR um pouco tarde, do que nunca ter feito nada de bom pelo mundo. Disponível:<https://encrypted-tbn3.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTp9cF8hkRudO754_SWgJaiE21wRRxmLTaBJnsbtBJEvOdmuWen8Q>. Acesso em: 6 jan. 2014.
- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2006.
- ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ARAÚJO, M. Y. A. **Experiências de linguagem oral na escola primária**. Rio de Janeiro: Editora Nacional de Direito, 1965.
- ARNAUD, P.; MOON, R. Fréquence et emploi des proverbes anglais et français. In: CHAPITREIN, J. L.; PLANTIN, C. (Org.). **Lieux communs, topoi, stéréotypes, clichés**. Paris: Kimé, 1993. p. 322-341.
- BAGNO, M. (Org.). **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 278-326.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- BARBOSA, J. P. Do professor suposto pelos PCNs ao professor real de língua portuguesa: são os PCNs praticáveis? In: ROJO, R. (Org.). **A prática de linguagem na sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: EDUC, 2000.
- BARBOSA, J. P. **Trabalhando com os gêneros do discurso: instruir receita**. São Paulo: FTD, 2003.
- BARBOSA, J. P. **Trabalhando com os gêneros do discurso: relatar notícia**. São Paulo: FTD, 2001.

BATISTA, G. A. **Entre causos e contos: gêneros discursivos da tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular.** 2007. 213 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade de Taubaté, Taubaté, 2007. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp037737.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I.** Campinas: Pontes, 1988.

BORGES NETO, A. B. **Bakhtin e os gêneros primários e secundários do discurso.** 2013. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/bakhtin-e-os-generos-primarios-e-secundarios-do-discurso/115061/>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega.** 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. v. 1.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela alfabetização na idade certa: currículo na alfabetização: concepções e princípios.** Brasília: MEC, SEB, 2012. p. 32-37.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Manual de expressão oral e escrita.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CAMPBELL, J. **Mitologia na vida moderna.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

CAMPBELL, J. **O poder do mito.** 23. ed. São Paulo: Palas Atena, 2005.

CARDOSO, C. J. **Da oralidade à escrita: a produção do texto narrativo no contexto escolar.** Cuiabá: UFMT/ INEP/ MEC, 2000.

CARDOSO, S. H. B. **Discurso e ensino.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999a.

CARDOSO, S. H. B. **Linguagem, língua, fala e discurso.** In: _____. Discurso e Ensino. Belo Horizonte: Autêntica, 1999b.

CARVALHO, N. **Publicidade: a linguagem da sedução.** 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

CARVALHO, N. **Publicidade: a linguagem da sedução.** São Paulo: Ática, 1996.

CASCUDO, L. C. **Literatura oral no Brasil.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2012.

CITELLI, A. **Linguagem e persuasão.** São Paulo: Ática, 1991.

CITELLI, A. **O texto argumentativo.** São Paulo: Scipione, 1994.

COSTA, C. L. et al. **Para viver juntos: português, 7º ano: ensino fundamental.** São Paulo: Edições SM, 2009.

CUNHA, X. **Philosophia popular em provérbios.** Lisboa: Companhia Nacional, 1902.

DARNTON, R. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

DEPOIS da tempestade sempre vem o Wolverine. 2013. Disponível: <<http://www.simplespalavras.com.br/2013/11/depois-da-tempestade-sempre-vem-o.html>>. Acesso em: 6 jan. 2014.

DIAS, A. M. I. **Ensino da linguagem no currículo**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: Apresentação de um procedimento In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (Org.). Campinas: Mercado das Letras, 2004.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. **Pesquisa participante**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Paulo: Claraluz, 2008.

FERNANDES, C. A. Discurso, sujeito e produção de subjetividade. In: LEANDRO, M. L. S.; ARANHA, S. D. G.; PEREIRA, T. M. A. (Org.). **Os sentidos desvelados pela linguagem**. João Pessoa: Ideia, 2012. p. 95-111.

FERNANDES, C. A.; ALVES JUNIOR, J. A. Mutações da noção-conceito de sujeito na análise do discurso. In: SANTOS, J. B. C. (Org.). **Sujeito e subjetividade: discursividades contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 103-117. (Série Linguística in Focus, 6).

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, H. M.; VIEIRA, M. S. P. **O trabalho com o gênero provérbio em sala de aula**. 2013. Disponível em: <e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/download/.../6874> Acesso em: 26 fev. 2015.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

- GARCIA, V. C. G. **Fundamentação teórica para as perguntas primárias: o que é matemática? porque ensinar? como se ensina e como se aprende?** 2007. Apostila.
- GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____. **O texto na sala de aula**. 5. ed. Cascavel: Assoeste, 1990.
- GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. 8. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- GUIMARÃES, E. **A articulação do texto**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.
- KATO, M. A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- KATO, M. A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- KLEIMAN, A. M. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996a.
- KLEIMAN, A. M. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes, 1996b.
- KLEIMAN, A. M. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1997.
- KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- LAPA, M. R. **Estilística da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LEMOS, Paola. **Quem cala não diz nada**. 2010. Disponível: <<http://paolalemos.blogspot.com.br/2010/03/quem-cala-nao-diz-nada.html>>. Acesso em: 6 jan. 2014.
- LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o imaginário**. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- LIMA, M. H. M. **O professor, o pesquisador e o professor-pesquisador**. Disponível em: <http://www.amigosdolivro.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=3754>. Acesso em: 13 jan. 2015.
- LOPES-ROSSI, M. A. G. **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDO DOS GÊNEROS TEXTUAIS – SIGET, 2., 2004, União da Vitória. **Anais...** União da Vitória, 2004a..
- LOPES-ROSSI, M. A. G. **Leitura e produção de gêneros discursivos segundo livros didáticos: uma proposta ainda muito limitada**. In: SIMPÓSIO DE LINGUÍSTICA CONTRASTIVA E GÊNEROS TEXTUAIS – SILIC & GET, 1., 2003, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2003a.

LOPES-ROSSI, M. A. G. O desenvolvimento de habilidades de leitura a partir de características específicas de gêneros discursivos. In: CASTRO, S. T. R. (Org.). **Pesquisas em linguística aplicada: novas contribuições**. Taubaté: Cabral, 2003b.

LOPES-ROSSI, M. A. G. **Procedimentos para estudo de gêneros discursivos**. Taubaté: Universidade de Taubaté, 2004b.

LOPES-ROSSI, M. A. G. **Tendências atuais da pesquisa em linguística aplicada e métodos de pesquisa utilizados na área**. Taubaté: Universidade de Taubaté, 2002. (Texto não publicado).

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chaves**. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MALDITOS populares: "pra descer todo santo é Judas". Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/_9r5q31hNAvc/TIAj8DNILCI/AAAAAAAAABm8/fMIfc0R25u0/s1600/sao+judas.jpg>. Acesso em: 6 jan. 2014.

MALKES, R. **Quem não tem cão, caça com gato...** Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/terra_santa/posts/2008/01/18/quem-nao-tem-cao-caca-com-gato-87264.asp>. Acesso em: 10 jan. 2014.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 23-36.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MARINHO, M. **A oficialização de novas concepções para o ensino de português no Brasil**. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2001.

MENDONÇA, M. Análise lingüística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2006.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MONNERAT, R. S. **A publicidade pelo avesso: propaganda e publicidade, ideologias e mitos e a expressão da ideia: o processo de criação da palavra publicitária**. Niterói: EdUFF, 2003.

MONTILLA, Renato. **Publicidade com ditos populares**. Blog do Renato Montilla, 1 set. 2011. Disponível em: <<http://renatomontilla.blogspot.com.br/2011/09/publicidade-com-ditos-populares.html>>. Acesso em: 6 jan. 2014.

NASCIMENTO, E. L. **A apropriação de gêneros textuais: um processo de letramento**. Ponta Grossa: UEPG / CEFORTEC, 2005.

NOGUEIRA FILHO, R. S. **O gênero textual na publicidade**: uma análise a partir da língua da mídia no contexto acadêmico. 2011. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011. Disponível em: <http://www.ppgccom.ufam.edu.br/attachments/article/211/Dissertacao_Raul_OG%CAAnero_Textual_na_Publicidade.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2015.

NUNES, J. H. **Formação do leitor brasileiro**: imaginário da leitura no Brasil colonial. São Paulo: UNICAMP, 1994.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná, Departamento de Educação Básica. **Diretrizes curriculares da educação básica**: língua portuguesa. Curitiba: SEED, 2008.

PATRINI, M. L. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

PERFEITO, A. M. Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa. In: _____. **Concepções de linguagem e ensino de língua portuguesa**. Maringá: EDUEM, 2005. p. 27-79. (Formação de professores, 18).

SANDMANN, A. J. **A linguagem da propaganda**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SANTOS, C. **Anúncio publicitário e provérbio**: os gêneros discursivos pela nova retórica. 2013. Disponível em: <<http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

SANTOS, C. F. A formação em serviço do professor e as mudanças no ensino de língua portuguesa. **Revista Educação Temática Digital**: ETD, Campinas, v. 3, n. 2, p. 27-37, jun. 2002a.

SANTOS, C. F. O ensino da leitura e a formação em serviço do professor. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 5, p. 29-34 jan/jun. 2002b.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

SCHMIDT-RADEFELT, J. Descrição semântica e funções semanfóricas do provérbio. In: HERCULANO, J. G.; SCHMIDT-RADEFELT, J. (Org.). **Estudos de linguística portuguesa**. Coimbra: Coimbra, 1994. p. 213-235. (Coleção Linguística, v. 1).

SERRAINE, F. **Dicionário de termos populares**. Rio de Janeiro: Simões, 1959.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SIGNORINI, I. **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

SILVA, S. **Somos todos seres proverbiais**. Londrina: UEL, 2011.

SIMONSEN, M. **O conto popular**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SOARES, M. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 155-177.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

STEINBERG, M. **1001 provérbios em contraste**. São Paulo: Ática, 1985.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TOMA que o BB é seu. Disponível em: <<http://focomulticursos.com.br/view/766/toma-que-o-bb-e-teu/>>. Acesso em: 6 jan. 2014.

TOMASELLO, M. Comunicação linguística e representação simbólica. In: _____. **As origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia de pesquisa**. Curitiba: IESDE Brasil, 2006.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

UMA GOTINHA de água só não faz verão. 2012. Disponível em: <<http://www.portaldapropaganda.com.br/portal/images/stories/janeiro2012/wetnwild23.jpg>>. Acesso em: 06 jan. 2014.

VELLASCO, A. M. M. S. Padrões de uso de provérbios na sociedade brasileira. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 4, p. 122-160, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/viewFile/1295/949>> Acesso em: 23 fev. 2015.

VERNANT, J. P. **O universo, os deuses, os homens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VERÓN, E. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

WAGNER, L. R. Provérbios que ensinam. **Revista Língua Portuguesa**, [S. l.], ano 4, n. 50, dez. 2009.

XATARA, C. M.; OLIVEIRA, W. L. **Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões: francês-português / português-francês**. São Paulo: Cultura, 2002.

XATARA, C. M.; SUCCI, T. M. **Revisitando o conceito de provérbio**. 2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo31.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

“Provérbios na escola e na vida: uma visão discursiva”

Prezado(a) Senhor(a):

Convidamos seu(ua) filho(a) _____, _____, Série, Ensino Fundamental, Período _____, para participar da pesquisa **“PROVÉRBIOS NA ESCOLA E NA VIDA: UMA VISÃO DISCURSIVA”**, a ser realizada em **“Colégio Estadual Padre José Herions”**. O objetivo da pesquisa é **“analisar os sentidos dos provérbios/ditados populares como metodologia de ensino em uma perspectiva discursiva”**. A participação de seu(ua) filho(a) é muito importante e ela ocorrerá da seguinte forma: **(pesquisa e análise de provérbios como gênero discursivo, realização de atividades oral e escrita envolvendo provérbios, interpretação de provérbios por meio de desenhos, compreensão do emprego dos provérbios em textos publicitários e produção de uma propaganda utilizando o gênero proverbial)**.

Esclarecemos que a participação do(a) educando(a) é totalmente voluntária, podendo recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo. Esclarecemos, também, que as atividades produzidas serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade do(a) educando(a). Esclarecemos ainda, que o(a) aluno(a) não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação.

Os benefícios esperados: desenvolver atividades para trabalhar os provérbios como gênero do discurso, levando à reflexão sobre suas interpretações. Mostrar, então, que os provérbios não carregam um significado único e acabado, considerando os aspectos entre o discurso e a sociedade.

Quanto aos riscos: **não há existência de riscos.**

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar:

Profa. Mestranda Araceli Strassacapa, rua Alberto Conte, 165 – Rolândia – PR, fone: (43)3256957 / (43)99324917. E-mail: a.strassacapa@gmail.com

Profa. Dra. Suzete Silva, Orientadora da Pesquisa – UEL – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH) – Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas (LET) - Mestrado Profissional – ProfLetras-Turma 01/2014. E-mail: prosuze@gmail.com

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao (à) senhor(a).

Londrina, ___ de _____ de 2014.

Pesquisador Responsável

RG::6693749-6

_____ (NOME POR EXTENSO DO SUJEITO DE PESQUISA), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura do pai ou responsável:

Assinatura da mãe ou responsável:

Assinatura do(a) aluno(a):

Data: ____/____/____.

*Termo de Consentimento Livre Esclarecido apresentado, atendendo, conforme normas da Resolução 466/2012 de 12 de dezembro de 2012.

APÊNDICE C - Sequência didática aplicada em sala de aula

Apresentação da situação e produção inicial (1 aula):

Fazer um levantamento, na sala de aula, com os alunos sobre os provérbios, colocando as seguintes questões:

- ✓ Quem sabe o que é um provérbio?
- ✓ Quem sabe dizer um provérbio?

Em seguida, elaborar uma lista dos provérbios que eles conseguirem apresentar. Pesquisar em casa com familiares alguns provérbios.

1º Módulo: (3 aulas)

Fazer um registro na lousa dos provérbios pesquisados em casa com a família. Analisar quais se repetem, o mais conhecido, o menos conhecido, entre outros.

1) Você sabe o que são provérbios? Leia as informações a seguir.

Provérbios são frases curtas que revelam a sabedoria popular a respeito dos costumes, das regras sociais, etc. Em geral eles têm ritmo e, às vezes, rima. Existem livros e sites que trazem listas de provérbios de diversas culturas, mas esse é um gênero de origem oral, usado pelas pessoas em conversas do dia a dia, para comprovar a verdade de algo, mostrar que algumas situações sempre se repetem, aconselhar, etc.

Identifique, entre as frases a seguir, as que são provérbios.

- a) () O latido dos cães tem diversos significados.
- b) () Cão que late não morde.
- c) () Não há rosa sem espinho.
- d) () Plantei uma roseira no meu quintal.
- e) () O bom juiz deve estar sempre estudando e se atualizando.
- f) () Se queres ser bom juiz, ouve o que cada um diz.

2) Provérbios costumam, também, aparecer em textos escritos. Leia esta notícia.

Provérbios costumam, também, aparecer em textos escritos. Leia esta notícia.

Quem não tem cão, caça com gato...



[...] diz a sabedoria popular. Em Israel, no entanto, quem não tem cão, caça mesmo é com um carrão. Há algumas semanas o ministério das Finanças distribuiu a todos os ministros do Gabinete israelense um comunicado: era chegada a troca de automóveis do primeiro escalão do governo neste ano. Os ministros poderiam escolher entre o poderoso alemão Audi A6 (foto) e o tcheco Skooda, que custaria 100 mil shekels mais barato que o primeiro. Preciso mesmo dizer qual foi o veículo escolhido? Nada menos que sete ministros estarão desfilando pelas ruas e estradas do

país a bordo do Audi, queimando além de gasolina, uma boa parte do "tanque" do dinheiro público. [...] (MALKES, 2008).

- a) Explique resumidamente o fato noticiado.
- b) Qual parece ser a opinião da repórter a respeito da atitude dos políticos? Justifique sua resposta com trechos do texto.
- c) Que provérbio aparece na notícia?
- d) Quais dos provérbios a seguir também poderiam ser aplicados ao fato noticiado? Por quê?
 - I () Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.
 - II () Cada um puxa a brasa para a sua sardinha.
 - III () Quem avisa amigo é.
 - IV () Quem fure pouco é ladrão, quem furta muito é barão.
 - V () Não faças mal a teu vizinho, que o teu vem a caminho.

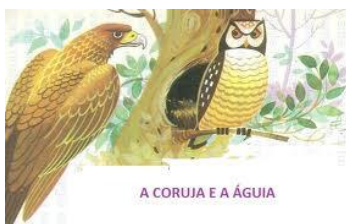
3) Escolha outro provérbio da atividade anterior e explique seu sentido.

2º Módulo: (3 aulas)

A origem da maioria dos provérbios é desconhecida: não se sabe quem os criou. Alguns deles, porém, originaram-se da moral de fábulas.

Fábulas são narrativas curtas que ilustram algum vício ou alguma virtude e cujas personagens geralmente são animais que agem como seres humanos. No final, sempre aparece uma moral, que resume o ensinamento da história.

- 1) Leia uma versão da fábula “A coruja e a águia”, de Esopo.



A CORUJA E A ÁGUIA

A coruja procurou a águia e pediu-lhe que, se visse num ninho uns passarinhos muito, muito lindos, com uns biquinhos perfeitos, não os comesse, porque eram seus belos filhos.

A águia assim prometeu. Mais tarde, porém, voando pela floresta, encontrou um ninho com filhotes de coruja feios e desengonçados e comeu as criaturinhas.

Quando a coruja voltou para seu ninho, viu que a águia não cumprira a promessa e, abalada, foi tomar satisfações. A águia explicou que comera um bando de passarinhos muito feios. Como a coruja havia dito que seus filhotes eram belos, ela não imaginara que fossem aqueles!

- 1) Qual das frases a seguir é a moral dessa fábula?
 - a) () Não há maior cego do que o que não quer ver.
 - b) () Quem ama o feio, bonito lhe parece.
 - c) () Beleza e sabedoria fazem rara companhia.
- 2) Escolha um destes provérbios e imagine uma situação que poderia ilustrá-lo. Escreva a situação imaginada e ilustre-a. (atividade em grupos)
 - a) Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.
 - b) Devagar se vai ao longe.

c) Quem tudo quer tudo perde.

3) Leia o título deste livro de poemas para crianças.



Fonte: Paes (2014).

- a) Nesse título o autor faz uma brincadeira com um provérbio. Qual?
 - b) Qual é o sentido do provérbio original?
- 4) Produza um texto narrativo utilizando um provérbio como moral da história.

3º Módulo: (3 aulas)

Pesquisa e mostra de provérbios ilustrados.

Formar grupos de quatro alunos. Cada grupo irá realizar a pesquisa de provérbios sobre um determinado assunto. Para isso, poderão conversar com pessoas mais velhas, amigos, familiares, livros e internet.

- 1) Junto com a turma selecionar os temas a serem pesquisado, como: persistência, relações sociais marcadas pela desigualdade, punição, solidariedade, individualismo, trabalho, e outros.
- 2) Cada grupo deverá fazer uma seleção dos provérbios pesquisados selecionando cinco deles: os mais originais, divertidos, aqueles que trazem um conhecimento mais verdadeiro. Em um cartaz, ilustrá-los e fazer uma breve interpretação. Podem fazer desenhos, colagem, pintura, etc. Assinem as produções.
- 3) Expor os trabalhos oralmente para a classe.
- 4) Montar uma exposição no pátio da escola.

4º Módulo: (3 aulas)

- Analisar algumas propagandas, características do texto publicitário, público alvo, objetivo, emprego do provérbio nas propagandas.

Produção final: (1 aula)

- Produzir propagandas, em grupo, utilizando provérbios ou provérbios modificados.

ANEXOS


➤ Produzir texto narrativo com moral, provérbios (2º módulo)

*** Quem tudo quer tudo perde**

Em uma vez um velho tinha cinco filhos, ele tinha muitos animais, galinhas e beldades, com a colheita ele ganhava muito dinheiro vendendo as coisas para eles.

Um dia ele morreu e ele deixou tudo para os cinco filhos e ele se estimou por sempre apertarem de tudo tudo os filhos dele então 100000 ele jogou a parte e de outro perdendo ele no tempo porque ele jogou e não podia tudo que tinha e não vendia porque ele vendeu tudo para eles.

Moral: Quem tudo quer tudo perde.



O Telefone

O Telefone toca.

Ela: Oi quem fala?
 Ele: Sou o Sr. Amel?
 Ela: Já disse que tudo acabou me deixa em paz.
 Ele: Não posso. Eu te amo.
 Ela: Vme esqueça.
 Ele: Prefiro morrer do que te esquecer.
 Ela: Então morra!!

Dois dias depois ele se matou ninguém sabia e depois ele foi visto na casa de Juizelis que havia feito a vontade de alguém. Ela: me entendi jogou a última terra e disse: Eu te amo. Ele se lembrando do dia em que todos sempre amei enquanto pode.

Moral: Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje.

A Raposa e a Formiga

Em uma vez uma raposa e uma formiga, a raposa era muito preguiçosa e a formiga muito trabalhadora.

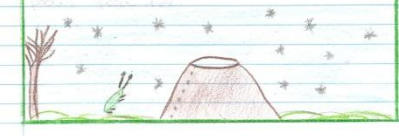
Um dia a raposa viu a formiga trabalhar para conseguir alimento para a família e a raposa ficou com inveja.

Um dia a raposa chamou a formiga para trabalhar em sua casa e ela não quis a comida que ela queria e a raposa ficou muito triste.

Então ela decidiu pensar algo com a formiga para ela trabalhar com ela e a raposa ficou muito feliz.

A raposa fez a formiga trabalhar para ela e a raposa ficou muito feliz e a formiga ficou muito triste.

Moral: Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje.



O gato e a Rata

Em uma vez a mãe do gato foi conversar com o gato e ela disse:

- Eu não pod cuidar dos meus filhos. Então para eu não os super trabalhar, então vamos comprar o gato. O gato falou:

- Não mas se claro que eu posso cuidar deles.

- Ela disse para eles não trabalhar com essas coisas. Então ela foi se super trabalhar e ela disse para eles não trabalhar e ela disse para eles não trabalhar.

- Então ela disse para eles não trabalhar e ela disse para eles não trabalhar.

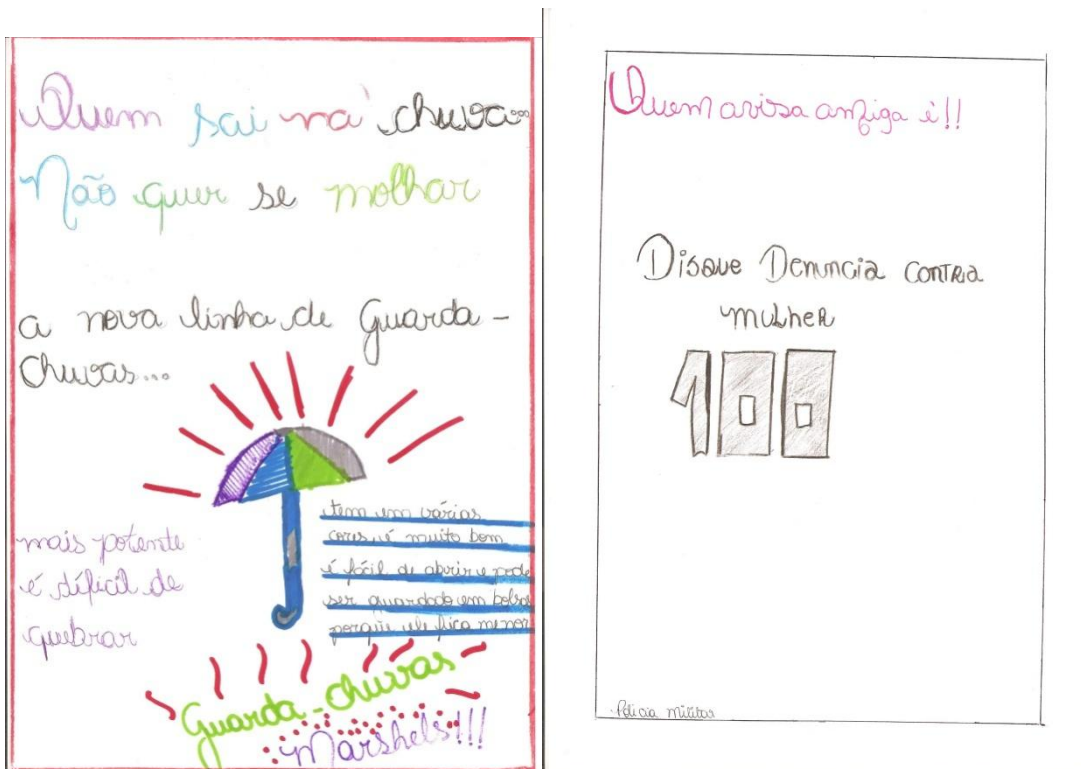
- Então ela disse para eles não trabalhar e ela disse para eles não trabalhar.

Moral da estória: Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje.

➤ Pesquisa e mostra de provérbios (3º módulo)



➤ Propagandas utilizando provérbios (produção final)



DEUS AJUDA QUEM CEDO
MADRUGA... NÃO PERCA
A HORA

PLATINUM!



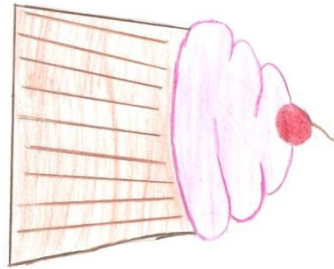
R\$15,00

O novo relógio do mundo Platinum
é muito bonito e com uma
muita qualidade. Com um preço
baixo para não perder a
oportunidade de adquirir!
De onde
está aqui?

Essa é a melhor opção
de preço do mundo!



Quem se esforça não se arrepia, quem se esforça não se arrepia?



É bom se esforçar sem pensar
de mais que esquecer!
O meu trabalho

É o que eu quero

Sempre que não sou
de esquecer?

Obs: Não deixem suas
diversões serem não serem
mais...

ANEXO B – Sugestões de atividades com provérbios para futuros trabalhos

Sugestão 1

Os provérbios ou ditos populares são frases e expressões que transmitem conhecimentos comuns, ensinamentos ou uma reflexão sobre a vida. A maioria é de criação anônima, muitos criados há séculos, e são utilizados até os dias atuais porque estão relacionados a aspectos universais da vida. Quem nunca ouviu dizer “Quem diz o que quer, ouve o que não quer”?

Atividade

1. Descubra os pares de frases que formam provérbios

(1) Quem semeia o vento	() e o silêncio é ouro.
(2) Quem tem boca	() bonito lhe parece.
(3) Em casa de ferreiro	() sempre alcança.
(4) Deus ajuda	() se vai longe.
(5) Quem ama o feio	() colhe tempestade.
(6) Quem espera	() tira os cinco dedos.
(7) Devagar	() no outro fica sem.
(8) Água mole em pedra dura	() vai a Roma.
(9) Quem economiza na ferradura	() espeto é de pau.
(10) Quem come tudo num dia	() tanto bate até que fura
(11) A palavra é prata	() quem cedo madruga
(12) Pobre quando mete a mão no bolso	() perde o cavalo.

2. Você conhece mais algum provérbio? Qual?

<http://textoemmovimento.blogspot.com.br/2013/07/proverbios-populares-atividade.html>

Sugestão 2

Dados da Aula

O que o aluno poderá aprender com esta aula

- Compreender a diferença entre ditado e expressão popular;
- Reconhecer ditados e expressões populares;
- Identificar os significados/sentidos de alguns ditados e expressões populares;
- Representar ditados ou expressões populares por meio de ilustração e produção de texto;
- Interpretar ditados e *expressões populares* por meio de jogos e brincadeiras;
- Conhecer alguns ditados e expressões populares;
- Desenvolver habilidades de leitura, de escrita e de interpretação;
- Desenvolver atitudes de interação, de colaboração e de troca de experiências em grupos;
- Utilizar os recursos existentes no laptop do Projeto UCA e no tablet, visando construir conhecimentos novos relativos ao tema da aula.

Duração das atividades

Aproximadamente 300 minutos – Cinco (5) atividades de 60 minutos cada uma.

Conhecimentos prévios trabalhados pelo professor com o aluno

Para a realização desta aula é necessário que já tenham sido desenvolvidas algumas estratégias de participação e de interação em sala de aula, pois é importante que os alunos sejam capazes de exporem suas ideias e se relacionarem com os colegas.

Estratégias e recursos da aula***Informações ao professor:***

Professor, por meio deste portal, pretendemos ir ao encontro do programa de formação do MEC: Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, na medida em que podemos trocar e compartilhar sobre as práticas pedagógicas que realizamos, contribuindo, significativamente, para a nossa formação docente.

O Pacto é constituído por um conjunto integrado de ações, materiais e referências curriculares e pedagógicas disponibilizados pelo MEC, tendo como eixo principal a formação continuada de professores alfabetizadores, a fim de qualificá-los para assegurarem que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental.

Para obter mais informações acesse os sítios abaixo:

Sítio: "E. M. Walter Leite Caminha: Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa". Disponível em: <<http://wlcaminha.blogspot.com.br/>>. Neste Blog você encontrará informações sobre o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Acesso em: 01 de ago. 2013.

Sítio: "MEC: Destaques e Documentos Informativos: Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa". Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/>>. Acesso em: 01 de ago. 2013, e depois clique em "Cadernos de Formação".

A partir do trabalho com ditados e expressões populares, evidenciamos a possibilidade de abordar alguns *direitos de aprendizagem* dos alunos, como, por exemplo:

- Compreender e produzir textos orais e escritos de diferentes gêneros, veiculados em suportes textuais diversos, e para atender a diferentes propósitos comunicativos, considerando as condições em que os discursos são criados e recebidos;

- Ler textos (poemas, canções, tirinhas, textos de tradição oral, dentre outros), com autonomia;
- Ler em voz alta, com fluência, em diferentes situações;
- Interpretar frases e expressões em textos de diferentes gêneros e temáticas, lidos com autonomia;
- Produzir textos de diferentes gêneros com autonomia, atendendo a diferentes finalidades.

Fonte:

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: currículo na alfabetização: concepções e princípios. Brasília: MEC, SEB, 2012. p. 32-37.

Professor, apresentaremos algumas estratégias para se trabalhar com ditados e expressões populares. Para cada atividade há uma estratégia, assim, você poderá optar por usar as estratégias só para trabalhar com ditados ou somente com expressões, se achar que ficará confuso para os alunos. Porém, se preferir, realize o trabalho concomitantemente.

1ª Atividade: Aproximadamente 60 minutos.***Conversando com o professor:***

Professor, os ditados populares são conceitos transmitidos por pessoas, de geração em geração e que, de alguma maneira, têm como objetivo alertar, aconselhar as pessoas.

Exemplo: DE GRÃO EM GRÃO A GALINHA ENCHE O PAPO.

Já as expressões populares são frases criadas pelo povo e que na sua maioria têm a função de comparar com diversos assuntos/situações, como: modo de agir, modo de pensar. São frases que de tão repetitivas, viram fórmulas para representar algum acontecimento.

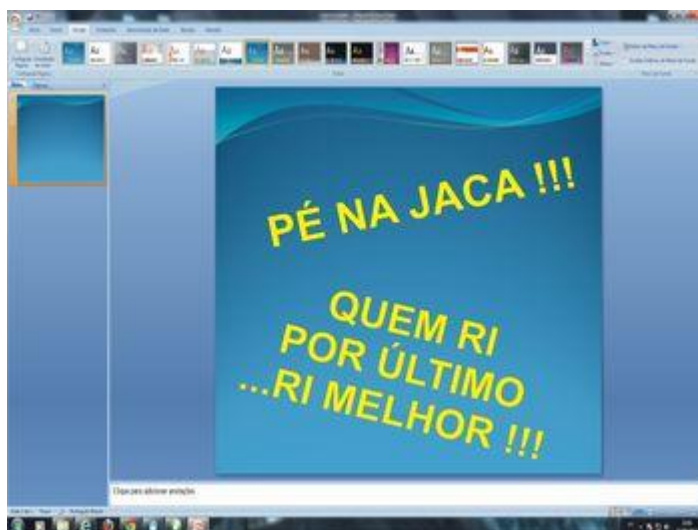
Exemplo: DOR DE COTOVELO.

Ambos fizeram e fazem parte da memória do povo, pois são criados pela própria voz do povo, fato que garante e enriquece o nosso folclore. Nesse sentido, como fazem parte da tradição

oral, está presente no cotidiano das pessoas, por isso é relevante que você estimule o conhecimento de mundo dos alunos sobre o que eles conhecem sobre ditados e expressões populares.

SENSIBILIZAÇÃO

Você poderá, por exemplo, preparar uma apresentação em data show com alguns ditados e/ou expressões populares escritos ou imagens que os representam. Os alunos tentarão lembrá-los ou reconhecê-los e a partir desse momento solicite que relatem se já os ouviram, em que situação presenciaram esses dizeres. Poderão até construir uma explicação para o seu significado.



Fonte: Imagem da própria autora.

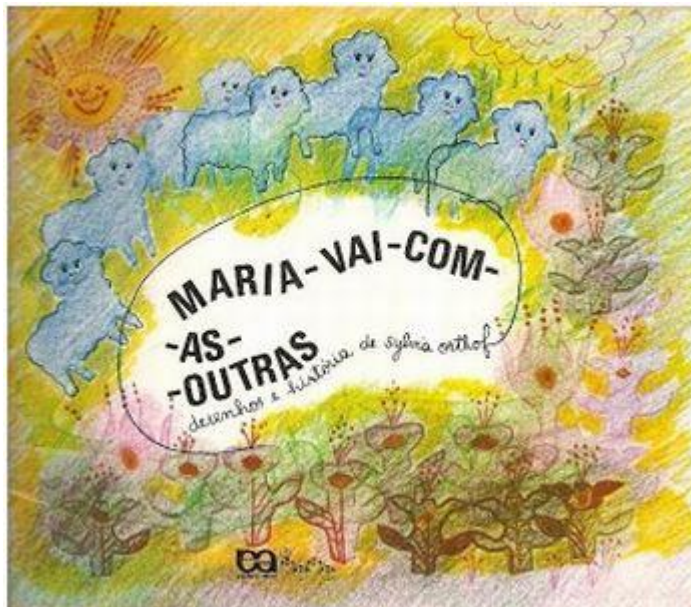
Outra forma de aquecer essa temática seria por meio da contação de histórias. Sugerimos algumas para evidenciar esses dizeres da tradição oral.

Título: Maria – vai – com – as – outras

Autora: Sylvia Orthof

Editora: Ática

Sinopse: A ovelha Maria era mesmo uma Maria-vai-com-as-outras. Até o dia em que descobriu que cada um pode ter o seu próprio caminho, basta querer.



Fonte: Imagem da própria autora.

Fonte: Sítio: “Livraria Cultura”. Disponível em:

<<http://www.livrariacultura.com.br/scripts/resenha/resenha.asp?nitem=54217>>.

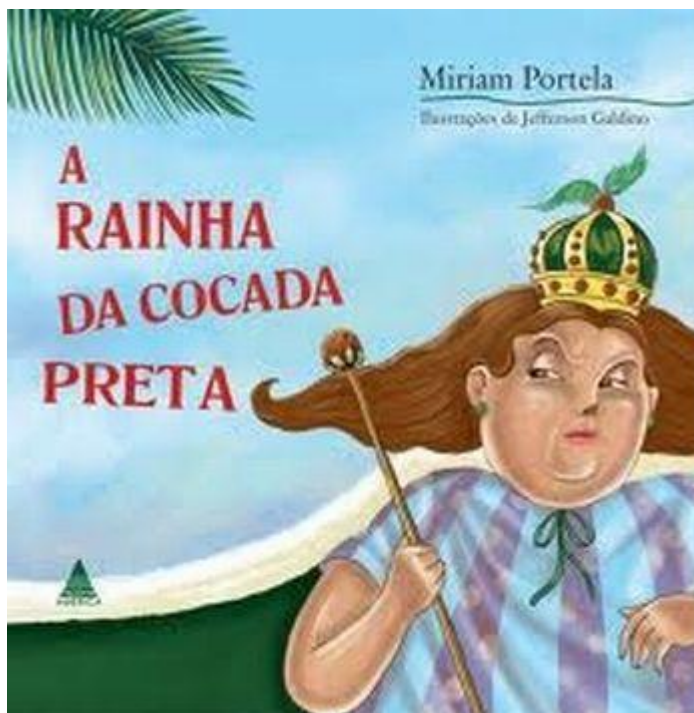
Acesso em: 2 ago. 2013.

Título: A rainha da cocada preta

Autora: Miriam Portela

Editora: Noovha América

Sinopse: Se você também está cansado de ficar marcando touca e com a pulga atrás da orelha para saber quem é essa tal rainha da cocada preta, prepare-se para levar um susto de cair do cavalo. É que esta história, apesar de ser do tempo da carochinha, é contada por uma avó que de tão esperta é capaz de dar nó em pingo d'água.



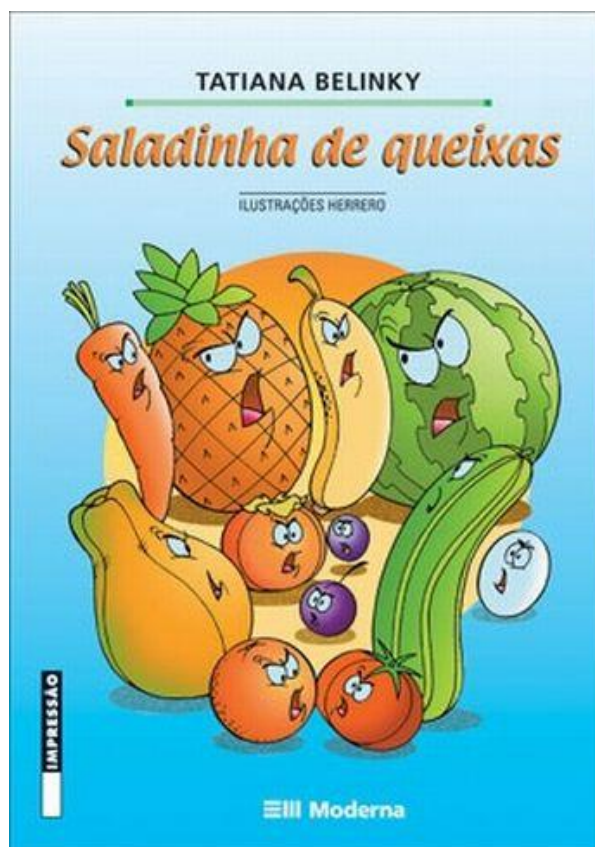
Fonte: Sítio: “Editora Noovha América”. Disponível em:
<http://www.noovhaamerica.com.br/lojanoovha/product.php?id_product=191>.
Acesso em: 2 ago. 2013.

Título: Saladinha de Queixas

Autora: Tatiana Belink

Editora: Moderna

Sinopse: Conta a história de frutas, legumes e verduras que se reuniram para se queixar do mau uso que os humanos fazem dos seus nomes. Em forma de rimas, a laranja reclamou primeiro, depois foi a vez do abacaxi, do pepino, da banana e do mamão. A única que, ao invés de se sentir insultada, sorria lisonjeada era a uva, mesmo porque uva é moça bonita.



Fonte: Sítio: “Livraria Cultura”. Disponível em:
 <<http://www.livrariacultura.com.br/scripts/resenha/resenha.asp?nitem=252710&sid=741256011095499245013632>>. Acesso em: 2 ago. 2013.

Professor, após ouvir as opiniões dos alunos, levante o conhecimento prévio dos mesmos, sobre os ditados e expressões populares do folclore brasileiro. Esclareça o significado de folclore. Procure saber o repertório dos alunos sobre a temática. Muitos alunos conhecem alguns ditados e expressões populares sem terem consciência de que fazem parte do folclore brasileiro.

2ª Atividade: Aproximadamente 60 minutos.

Professor, nesse momento exiba para os alunos dois vídeos que estão disponibilizados no Portal do Professor.

Ditos populares [Sua língua] Disponível em:

<<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnica.html?id=18939>>. Acesso em: 02 de ago. 2013.

Expressões populares [Sua língua] Disponível em:

<<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnica.html?id=18653>>. Acesso em: 02 de ago/2013.

Em seguida, organize a turma em dois grandes grupos. Um grupo pesquisará sobre a origem e significados de alguns ditados populares o outro grupo pesquisará sobre a origem e/ou significados de algumas expressões populares. Se preferir a atividade poderá ser realizada em duplas.

Para a realização dessa atividade leve os alunos ao Laboratório de Informática ou oriente-os para utilizarem o laptop Classmate e acessarem na internet o programa Mozilla Firefox (Área de Trabalho > Navegador de Internet) os sítios a seguir:

Sítio: "Ensinar e aprender". Disponível em:

<<http://www.ensinar-aprender.com.br/2011/07/ditados-populares-e-frases-populares.html>>.

Acesso em: 02 de ago. 2013.

Sítio: "De boca em boca até hoje". Disponível em:

<<http://debocaembocaatehoje.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 02 de ago. 2013.

Sítio: "Teixeiras". Disponível em:

<http://www.teixeiras.info/site/ditados_expressoes.php>. Acesso em: 02 de ago. 2013.

Sítio: "Provérbio e frase". Disponível em:

<<http://www.proverbioefrase.com/2011/04/ditados-populares-e-seus-significados.html>>.

Acesso em: 02 de ago. 2013.

Sítio: "Portal São Francisco". Disponível em:

<<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/artigos/traducao-de-proverbios-e-ditos-populares.php>>. Acesso em: 02 de ago. 2013.

Por meio desses sítios exemplificaremos alguns significados que os alunos irão encontrar:

Ditados populares:

Cada macaco no seu galho: Cada pessoa no seu devido lugar.

De grão em grão, a galinha enche o papo: Aos poucos se consegue atingir um objetivo.

Expressões populares:

Pintar o 7: Fazer bagunça.

Ossos duros de roer: Coisa difícil de resolver.

Peça para os alunos copiarem ou imprimirem os significados das expressões e/ou ditados populares. Logo após os grupos ou as duplas deverão apresentar/ler os significados que encontraram e organizá-los em um mural de forma que os ditados fiquem de um lado e as expressões de outro.

3ª Atividade: Aproximadamente 60 minutos.

Professor, a partir das atividades anteriores os alunos já estão se familiarizando com os termos usados: ditados e/ou expressões populares.

Portanto, apresentamos algumas sugestões para fixar esses conceitos:

- Apresente desenhos ou imagens e os alunos tentarão adivinhar qual ditado ou expressão popular está sendo retratado.

Exemplo de ditado popular:

DEVAGAR SE VAI AO LONGE.



Fonte: Sítio: "Atividade Educa. Diversos desenhos". Disponível em:
<<http://www.atividadeeduca.com/2012/06/ditado-popular.html>>.
Acesso em: 2 ago. 2013.

Exemplo de expressão popular:

CHÁ DE CADEIRA.



Fonte: Sítio: “Língua em foco”. Disponível em:
<<http://linguaemfocomju.blogspot.com.br/2011/03/denotativo-x-conotativo.html>>.
Acesso em: 2 ago. 2013.

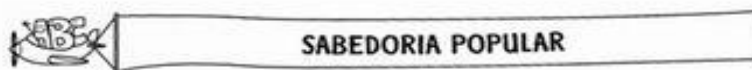
- Peça para os alunos escolherem um ditado ou expressão popular e desenharem uma situação que represente esse dizer.
- Solicite aos alunos que formem duplas ou trios e escolham um ditado popular para criarem uma produção de texto. O ditado popular indica uma moral, nesse sentido, os alunos deverão fazer uma narrativa na qual esse ditado apareça. O texto poderá ser realizado no KWord e acessando: (Área de trabalho > Processador de Texto) ou KWord (Metasys > Aplicativos > Ferramentas de Produtividade > Suíte de Escritório > Processador de Texto). Se a sua escola não participa deste projeto, leve os alunos ao Laboratório de Informática. Professor, circule pelos grupos, acompanhando a coerência da produção e a temática, indique a leitura das produções para revisão. Se optar pela realização da atividade em um processador de textos incentive que usem as ferramentas de revisão de texto, demonstrando que sempre que houver um grifo no texto produzido, feito pelo próprio processador, podem clicar sobre o mesmo com o botão direito do mouse e checar se a sugestão de correção feita pelo programa é, de fato, pertinente. Em caso afirmativo, devem clicar sobre a sugestão para incorporá-la ao texto.
- Proponha à turma vários ditados e/ou expressões, um por vez, e peça para os alunos exemplificarem com situações cotidianas.

Expressão: DAR COM OS BURROS N'ÁGUA.

Situação: Quando alguém chega atrasado e perde a sessão do cinema, por exemplo, dá pra dizer que a pessoa foi DAR COM OS BURROS N'ÁGUA.

4ª Atividade: Aproximadamente 60 minutos.

Professor, a seguir sugerimos algumas atividades para serem realizadas e registradas no caderno de Língua Portuguesa.



Ditados populares são frases que se espalham trazendo um ensinamento.



Nós temos o costume de dizer:


Quem tem telhado de vidro não joga pedra no telhado dos outros.

Esse dito popular quer dizer que o que não desejamos para nós não podemos desejar para os outros.

1) Marque um **X** no significado correto do dito popular abaixo:



- Só mete a mão em cumbuca quem é bobo.
- Quem já passou por uma experiência desagradável sabe como evitá-la.
- Quem coloca a mão em cumbuca fica com ela presa.



EU DESCUBRO O DITADO POPULAR

1) Reúna-se com um colega e descubra o que está escrito abaixo.

Dica: Substitua os numerais por letras de acordo com a seqüência do alfabeto. A frase é um ditado popular.



A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12

N	O	P	Q	R	S	T	U	V	X	Z
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23

3	1	18	1	4	5	6	5	17	17	5	9	17	14
○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
5	18	15	5	19	14	4	5	15	1	20			
○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○			

Fonte das imagens 1 e 2:

Sítio: "Blog Tatiana Alfabetização" Disponível em:

<<http://tatiana-alfabetizacao.blogspot.com.br/2008/08/folclore-ditados-populares.html>>.

Acesso em: 2 ago. 2013.

Ditados Populares

1) Escolha um ditado popular, escreva-o no caderno e, depois, faça uma ilustração dele.

Em terra de cego, quem tem um olho é rei.

Cobra que não anda não engole sapo.

Em lagoa com piranhas, jacaré nada de costas.

Não se corta o galho onde se está sentado.

Nunca falta um chinelo velho para um pé cansado.

O que será que estes ditados querem dizer?



2) Escreva o que você entende dos ditados:

 Ele entrou "pelo cano".	<hr/> <hr/> <hr/>
 Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.	<hr/> <hr/> <hr/>
 Fiquei com a "pulga atrás da orelha".	<hr/> <hr/> <hr/>

Fonte da imagem 3:

Sítio: "Blog Pedagógico". Disponível em:

<<http://pedagogiccos.blogspot.com.br/2012/08/atividades-sobre-ditados-populares.html>>.

Acesso em: 2 ago. 2013.

Resolva os exercícios:

1) Leia as frases abaixo e complete-as. Depois, verifique se escreveu ditados populares:

* Quem não tem cão, _____.

* Apressado, _____.

* Galinha que acompanha pato, _____.

* Em casa de ferreiro, _____.

* Mais vale um pássaro na mão, _____.

* Roupa suja, _____.

2) Os ditados populares a seguir foram embaralhados. Reescreva-os na ordem certa.

a) Filho de peixe, tanto bate até que fura.

- b) Água mole em pedra dura, não se olham os dentes.
- c) Em cavalo velho, peixinho é.
- d) Santo de casa tem 100 anos de perdão.
- e) Ladrão que rouba ladrão ri por último.
- f) Mais vale um pássaro na mão àquele que colhe tempestade
- g) Ri melhor quem não faz milagre.
- h) Quem semeia vento colhe dois pássaros voando.

Respostas:

- a) *Filho de peixe peixinho é.*
- b) *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*
- c) *Em cavalo dado não se olham os dentes.*
- d) *Santo de casa não faz milagre.*
- e) *Ladrão que rouba ladrão tem 100 anos de perdão.*
- f) *Mais vale um pássaro na mão que dois voando.*
- g) *Quem ri por ultimo ri melhor.*
- h) *Quem semeia vento colhe tempestade*

3) Digite ou escreva em tiras de papel ditados e/ou expressões populares. Em seguida, recorte palavra por palavra e distribua uma para cada aluno. Os alunos deverão encontrar os colegas para formarem corretamente o ditado ou expressão popular. Repita a atividade e peça para os alunos copiarem a frase que formaram.

Alguns exemplos:



Fonte: Imagem da própria autora.

5ª Atividade: Aproximadamente 60 minutos.

Professor, o lúdico deve permear os processos de ensino e de aprendizagem. Nesse sentido apresentaremos brincadeiras e jogos sobre os dizeres populares.

INTERPRETANDO DITADOS

Professor, você poderá permitir que os alunos escolham, aleatoriamente, ditados ou expressões populares ou se preferir, você poderá elencar alguns dizeres para cada aluno.

Organizados em trios, os alunos deverão preparar uma apresentação sobre os ditados e/ou expressões populares escolhidos. Dê algumas dicas para que se preparem.

Cada grupo será responsável por interpretar um ou dois ditados populares. Essa apresentação deverá focar a construção da significação que emergem do ditado.

Os grupos deverão:

- Interpretar os ditados escolhidos;
- Pesquisar com pais e familiares situações de vida que se aplicam aos ditados, ou seja, cada um dos ditados apresentados deverá possuir uma exemplificação positiva no cotidiano. Caso o aluno não consiga um exemplo que realmente aconteceu, poderá criar um que se adéque.

MÍMICAS

Organize a turma em dois grandes grupos e solicite que cada grupo prepare por meio de mímicas ditados e/ou expressões populares para o outro grupo adivinhar. Vence o grupo que adivinhar mais.

Terminada as mímicas dos grupos, o professor deve iniciar um debate com os alunos para apresentarem suas dificuldades e se conseguiram compreender qual dito popular seus colegas interpretaram. Recomenda-se que o professor formalize sobre ditados e expressões populares explicando que possuem um significado que é passado de geração em geração.

JOGO

Professor, reserve um momento e leve os alunos ao Laboratório de Informática ou oriente-os para utilizarem o laptop Classmate e acessarem na internet o programa Mozilla Firefox (Área de Trabalho > Navegador de Internet) o sítio a seguir para jogar o JOGO: COMO DIZ O DITADO.

Os alunos deverão ler a situação apresentada e logo após arrastarem o ditado ou expressão que se adéque a ela. São ao total, 10 situações cotidianas.



Fonte: Sítio: “Recreio. Jogo: Teste – Como diz o ditado”. Disponível em: <<http://www.recreio.com.br/licao-de-casa/teste-descubra-o-significado-de-ditados-populares>>. Acesso: 2 ago. 2013.

Acertando a resposta aparecerá uma explicação sobre a origem e o significado do ditado ou expressão popular.



Fonte: Sítio: “Recreio. Jogo: Teste – Como diz o ditado”. Disponível em: <<http://www.recreio.com.br/licao-de-casa/teste-descubra-o-significado-de-ditados-populares>>. Acesso: 2 ago. 2013.

Recursos Educacionais

Expressões populares [Sua língua] Vídeo

Ditos populares [Sua língua] Vídeo

Recursos Complementares

Sugestões para professores:

Sítio: "Revista Nova Escola. Sequência Didática: Plano de aula: De grão em grão...a história dos provérbios".Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/ensino-medio/plano-aula-grao-historia-proverbios-ditados-populares-647770.shtml>>. Acesso: 2 ago. 2013.

Avaliação

Professor, a avaliação deverá acontecer ao longo do ano letivo e, com base nela e nas atividades desenvolvidas diariamente, sugerimos que faça registros diários para cada aluno, de modo a poder acompanhar os avanços de cada um, com relação ao reconhecimento e ao uso dos ditados e/ou expressões populares trabalhado nessa aula, bem como os avanços no sistema de escrita alfabética. Dessa forma, é possível, analisar o rendimento dos alunos de modo a pensar nas soluções para que efetivamente eles aprendam. Avalie se os alunos conseguiram construir conhecimentos sobre as diferenças e os significados de ditado e expressão popular, bem como as dificuldades e êxitos apresentados durante a realização das atividades sugeridas. Observe sempre as hipóteses dos alunos, verifique se as atividades feitas por eles expressam avanços ou dificuldades, pois estas ajudarão no processo de formação do aluno

Disponível: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=51318>. Acesso em: 4 jan. 2015.

Sugestão 3

Atividade online

Série: Provérbios e Frases Populares

"Cognição com diversão potencializa a assimilação..."

Nível de Dificuldade: FÁCIL

Selecionar Nível:

Fácil

Médio

Difícil

AVISO IMPORTANTE:

Todos os desafios dessa série possuem 3 Níveis de Dificuldade distintos, conforme indicação ao lado. Para selecionar o nível desejado basta clicar na Opção Correspondente.

Leia com atenção a frase parcial e a complemento da maneira que julgar mais adequada...

Questão 1

"Água mole em pedra dura, tanto bate até..."

- a) Que a pedra fica polida.
- b) Que cria lodo.
- c) Que fura.
- d) Que a pedra some.
- e) Que a pedra vira areia.

Questão 2

"Casa de ferreiro, espeto..."

- a) De madeira em afiado.
- b) Longo.
- c) De ouro.
- d) De pau.
- e) De ferro.

Questão 3

"Mais vale um pássaro na mão, que..."

- a) Um na boca da cobra.
- b) Um gato selvagem.
- c) Dois na gaiola.
- d) Dois voando.
- e) Um no alto de uma árvore.

Questão 4

"Quem semeia vento..."

- a) Não tem o vento a resfriado.
- b) Não tem medo de ventania.
- c) Colhe tempestade.
- d) Não conhece o calor.
- e) Gosta de lugares frios.

Questão 5

"Diz-me com quem andas e te direi..."

- a) Onde tu deves ir.
- b) Qual o melhor caminho a seguir.
- c) Com quantos paus se faz uma canoa.
- d) Quem és.
- e) Ama o teu próximo.

Questão 6

"Em briga de marido e mulher, vizinho não..."

- a) Não pode ficar de fora.
- b) Pode ficar sem ouvir.
- c) Mete a colher.
- d) Consegue dormir sossegado.

- eve ficar sem conhecer a causa.

Questão 7

"Ama o teu próximo..."

- orque ele é rico.
- b) E receberás um grande presente surpresa.
- c) Senão o bicho vai pegar.
- d) Ou serás castigado.
- e) Como a ti mesmo.

Questão 8

"É mais fácil ridicularizar uma boa ação..."

- ue comer sem estar com fome.
- b) Que imitá-la.
- c) Pedir uma coisa emprestada.
- d) Negar alguma coisa.
- e) Contar uma mentira.

Para ver o resultado, clique no botão CONFERIR abaixo!

Conferir

Limpar

Sugestão 4

ALUNO: _____ Nº _____

PROFESSOR(A) _____ SÉRIE: _____ DATA: _____

PROVÉRBIOS

Os provérbios são ditos de sabedoria popular escritos com poucas palavras para transmitirem algum ensinamento.

Com ajuda do seu professor, leia os provérbios abaixo e discuta com seus colegas o que cada um deles quer dizer.

A BOM GATO, BOM RATO.

AS ROSAS CAEM OS ESPINHOS FICAM.

ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA TANTO BATE ATÉ QUE FURA

ANTES FANHOSO QUE SEM NARIZ.

BATENDO FERRO É QUE SE FICA FERREIRO.

HÁ SEMPRE UM CHINELO VELHO PARA UM PÉ DOENTE.

1. Circule no provérbio abaixo as palavras que estão rimando.

A BOM GATO, BOM RATO.

2. Marque um X nas figuras que rimam com as palavras que você circuló no provérbio acima.











ALUNO: _____ Nº _____

PROFESSOR(A) _____ SÉRIE _____ DATA: _____

3. Circule no provérbio cada palavra escrita.

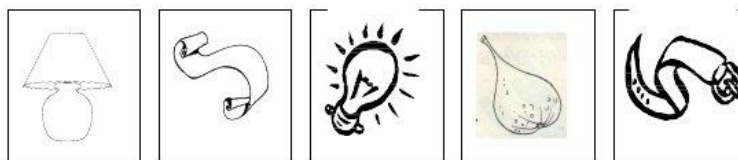
AS ROSAS CAEM OS ESPINHOS FICAM.

a) Quantas palavras você circulou? _____

b) Escreva a palavra que possui a maior quantidade de letras.

c) Escreva a palavra que possui 4 letras. _____

4. Leia novamente o provérbio “AS ROSAS CAEM OS ESPINHOS **FICAM**”. Pinte abaixo as figuras que possuem o mesmo **som inicial** da palavra em destaque no provérbio.



5. Circule no provérbio as palavras que possuem 4 letras e depois escreva-as abaixo.

ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA TANTO BATE ATÉ QUE FURA.

a) Escreva a palavra que possui a menor quantidade de letras.

b) Copie do provérbio as duas palavras que estão rimando.

ALUNO: _____ Nº _____

PROFESSOR(A) _____ SÉRIE: _____ DATA: _____

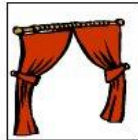
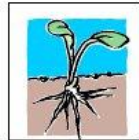
6. DESAFIO!!!

O provérbio abaixo foi escrito sem deixar espaço entre as palavras. Separe-as utilizando um traço e escreva o provérbio da forma correta.

ANTESFANHOSOQUESEM NARIZ.

a) Quantas palavras possuem este provérbio? _____

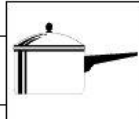
b) Ligue as figuras que rimam com a palavra:

NARIZ

7. Para cada palavra do provérbio abaixo pinte um quadradinho.

BATENDO FERRO É QUE SE FICA FERREIRO.

a) Quantas palavras possui este provérbio? _____

b) Pinte apenas as figuras que **iniciam** com o mesmo som da palavra em destaque.**FERREIRO**

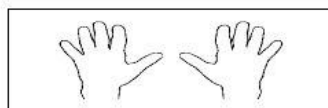
ALUNO: _____ Nº _____

PROFESSOR(A) _____ SÉRIE: _____ DATA: _____

8. Marque X na alternativa que explica o provérbio abaixo:

SER UM MÃO-ABERTA NÃO GOSTA DE GASTAR DINHEIRO TEM PROBLEMAS COM A MÃO NÃO TER DÓ DE GASTAR

9. Para cada palavra do provérbio pinte um dedo das mãos.

HÁ SEMPRE UM CHINELO VELHO PARA UM PÉ DOENTE.

a) Ligue cada figura ao seu nome.



PÉ



CHINELO



VELHO



DOENTE

b) Pinte as figuras que rimam com a última palavra do provérbio.



[ttp://varaldeatividades.blogspot.com](http://varaldeatividades.blogspot.com)
por Eleúzia Lins e Eliana Faganello

Disponível: <http://varaldeatividades.blogspot.com.br/2012/06/genero-proverbios-1.html>. Acesso em: 20 fev. 2015.


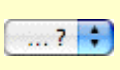

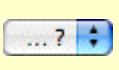
































Sugestão 5

Exercícios online

Disponível: <http://www-peda.ac-martinique.fr/portugais/ludo/proverbios/IndexProverbios.htm>. Acesso em: 20 fev. 2015.

Índice de exercícios, página 1
Clique nas imagenzinhas de cada coluna

[Passar à página 2](#)

Exercícios			Exercícios		
1. A água de Janeiro...			9. Gostos...		
2. A palavra...			10. Ladrão não rouba...		
3. Amigo...			11. Luta a onda...		
4. Às escuras...			12. Manda quem pode...		
5. Cedo deitar...			13. Muita gente junta...		
6. Depois de eu...			14. Na casa onde...		
7. Em Agosto...			15. Não há bela...		
8. Esconder um erro...			16. Não metas o nariz...		

[Continuar, página 2](#)

Sugestão 6

As fábulas e muitos provérbios (ditados populares, adágios) têm o propósito comunicativo (o objetivo, a finalidade) de servir como instrumento de aprendizagem, de ilustrar um tema (assunto) relacionado a algum vício (conduta imoral, defeito de caráter) ou alguma virtude, instruir e trazer uma lição de moral às pessoas. Complete o quadro abaixo a partir dos provérbios apresentados.

Provérbio (ditado popular) Você conhece outro sobre o mesmo tema?	Tema (pode ser descrito por várias palavras sinônimas)	Refere-se à pessoa... ou A pessoa que tem... é...	Em outras palavras, o que o provérbio quer ensinar ou destacar para nossa reflexão? Importante lembrar que as respostas abaixo permitem variações.
Quem tudo quer, nada tem.	Ambição	Ambiciosa	Tem gente que quer ter riqueza, poder, muitas coisas. Querendo aumentar muito o que tem, a pessoa pode fazer maus negócios e perder tudo.
Antes calar que mal falar. <i>Em boca fechada não entra mosquito.</i>	Comedimento Prudência Moderação Cautela	Comediã Prudente Moderada cautelosa	É melhor ficar quieto do que falar bobagem.
A boda e batizado, não vá sem ser convidado.	Intromissão	Intrusa ("penetra") Intrometida (xereta)	Não vá a festas sem ser convidado. Não se deve ir a festas sem ser convidado.
A língua malvada corta mais que espada.	Fofoca	Fofocueira	Falar mal dos outros, fere, ofende, machuca.
Barriga cheia não acredita em fome alheia.	Egoísmo Individualismo Insensibilidade Indiferença	Egoísta Individualista Insensível Indiferente	Quem não está passando por fome ou necessidade, pode não entender a fome e necessidade dos outros.
A galinha da vizinha põe mais ovos que a minha. <i>A grama do vizinho é mais verde do que a minha.</i>	Inveja Cobiça Sentimento de inferioridade	Invejosa Insegura	Há pessoas que pensam que as coisas dos outros são sempre melhores que as suas, por isso as invejam (cobiçam). Há pessoas inseguras, sempre se achando piores do que as outras.
Faça o bem e não olhe a quem.	Bondade Caridade Generosidade Piedade	Bondosa Caridosa Generosa Piedosa	Devemos sempre fazer o bem a qualquer pessoa.
Depois do mal feito, chorar não é proveito. <i>Não adianta chorar pelo leite derramado.</i>	Arrependimento Pesar	Arrependida Pesarosa	É preciso pensar bem antes de fazer algo para não se arrepender depois. O arrependimento não vai corrigir o erro.

<i>É melhor prevenir do que remediar.</i>					
Provérbio (ditado popular) Você conhece outro sobre o mesmo tema?	Tema (pode ser descrito por várias palavras sinônimas)	Refere-se à pessoa... ou A pessoa que tem... é...			
Não se deve pôr a carroça na frente dos bois. O apressado come cru e quente. A pressa é inimiga da perfeição.	Pressa Impaciência Imprudência Falta de cautela Ansiedade Afovação	Apressada Imprudente Impaciente Não cautelosa Ansiosa Afoçada			Em outras palavras, o que o provérbio quer ensinar ou destacar para nossa reflexão? Importante lembrar que as respostas abaixo permitem variações. É preciso pensar antes de fazer as coisas, ter calma, paciência... Quem não pensa antes de fazer alguma coisa ou não espera a hora certa, corre o risco de errar, de não fazer bem feito.
Quem com ferro fere com ferro será ferido. Assim como fizeres, de outro o esperes. Você colhe o que você planta.	Vingança	Vingativa			Pessoas que fazem o mal podem depois sofrer o mesmo mal que causaram.
De pequenino é que se torce o pepino.	Educação Disciplina	Educada Disciplinada			As crianças devem ser educadas desde pequenas.
De grão em grão a galinha enche o papo. De vagar se vai ao longe. Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. O seguro morreu de velho. Um homem prevenido vale por dois.	Perseverança Persistência	Perseverante Persistente			É importante não desistir, mesmo que o resultado venha devagar e aos poucos.
De cavalo dado não se olham os dentes.	Cautela Prevenção Segurança	Cautelosa Prevenida			As pessoas devem planejar o que querem fazer, devem prever os riscos, tomar medidas de segurança.
Casa de ferreiro, espeto de pau.	Gratidão	Agradecida Grata			Não se devem fazer exigências quando alguém nos dá um presente. Presentes devem ser aceitos com alegria, mesmo que não sejam do tipo mais sofisticado, caro ou moderno.
Cada macaco no seu galho. Cada um no seu quadrado.	Imprevisto Previdência Prejuízo	Improvvisadora (no sentido ruim) Prejuizosa			Muitas vezes, quem sabe fazer bem determinada coisa para vender ou na sua profissão, não faz na sua própria casa. Essa pessoa dá um jeitinho improvisado e aquilo fica lá para sempre. Cada pessoa tem que se comportar de acordo com as regras da situação ou sua função num determinado momento. As pessoas não devem se intrometer no espaço, ou nas ações, ou na função, ou nos direitos das outras pessoas.

Errar é humano.	Compreensão Tolerância	Compreensiva Tolerante	<i>É preciso reconhecer que todos podem errar em determinados momentos; é preciso apoiar quem comete um erro para que essa pessoa possa corrigi-lo. (Lembrar que erro é diferente de crime.)</i>
Quem ama o feio, bonito lhe parece. <i>Quem vê cara, não vê coração. O amor é cego.</i>	Amor	Amorosa Apaixonada	<i>A feiúra e a beleza são relativas, não existem por si sós; dependem dos olhos de quem as vê. Quem olha para algo ou alguém com carinho, compreensão, amor, vê beleza porque vê além das aparências.</i>
Quando a cabeça não pensa, o corpo padece.	Falta de Cautela Falta de Prudência Falta de Planejamento Falta de Organização Inconsequência	Não Cautelosa imprudente desorganizada inconsequente	<i>Quando não planejamos/organizamos o que vamos fazer, ou não pensamos nas consequências, sofremos depois.</i>

Observação: A compreensão dos ditados populares ou provérbios é difícil por envolver, muitas vezes, palavras, expressões ou situações desconhecidas dos alunos e, ainda, uma referência metafórica ao tema. Por isso, sugere-se que o exercício de compreensão dos ditados populares ou provérbios seja feito em duas etapas:

- 1) compreensão literal do ditado popular ou provérbio, para compreensão de todas as palavras e da situação mencionada;
- 2) a compreensão da metáfora, ou seja, de como aquela situação específica pode ser transposta para vida das pessoas, compreendida num sentido mais geral relacionada a situações das nossas vidas que guardam alguma semelhança com a situação do ditado ou provérbio.

Sugestão 7**SEQUÊNCIA DIDÁTICA 03****GÊNERO TEXTUAL “PROVÉRBIO”
(3º ano)**

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (UNIOESTE – Cascavel)
 POLEZE, Regina Cilene Zilio (Nova Aurora)
 SILVA, Eliane Vieira dos Santos (Nova Aurora)

1 APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO E SELEÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL**Professor(a):**

Não há nada mais atraente para os alunos do que trabalhar conteúdos que envolvem a ludicidade como, por exemplo, pedir que reflitam sobre o significado das rimas simples dos provérbios populares e que brinquem com o jogo de palavras e ideias presentes neles.

Trazer o conhecimento popular para a sala de aula contribui para transformá-la num espaço dinâmico, onde o saber do aluno, de sua família e da comunidade é valorizado. E trabalhar com os provérbios é, ainda, uma oportunidade de aproximar o aluno de material escrito, produzido a partir da tradição oral do povo.

O trabalho com “provérbios”, conforme propõe o Currículo Básico para a Escola Pública Municipal da Região Oeste do Paraná (AMOP, 2007), deverá ser introduzido no 2º ano, trabalhado e consolidado no 3º e retomado no 4º ano. Como se trata de um gênero de produção oral, o importante é resgatá-lo, possibilitando o entendimento de sua função social, ou seja, de que são textos usados em situações quando se quer aconselhar alguém de maneira informal.

A sabedoria popular armazenada nos provérbios representa, portanto, a memória de um povo, de um determinado momento histórico. A esse respeito, Sylvio Horta teceu as seguintes considerações:

Como foi guardada, transmitida essa experiência da vida? Rituais, livros sapienciais, provérbios, fábulas, anedotas etc. A partir da vida de cada um, teremos que encontrar de novo, dar um novo posto a essa sabedoria – bastante problemática – que é fundamental para nossas vidas, principalmente em nossa época, em que teimamos em reduzir tudo à realidade de coisas: o homem é reduzido ora à biologia, ora à economia, ora à psicologia, ora à sociologia (apud LAUAND, 1997, p. 101).

A relação entre provérbios e educação é evidente: “o provérbio oferece um conselho de sabedoria prática” (PAES, 1985, p. 51), por isso a importância de resgatar essa cultura popular, refletindo-a à luz da contemporaneidade, questionando-se: até que ponto é possível transferir para hoje aquilo que serviu há séculos?

Não se trata de ensinar o aluno a produzir provérbios. Ao contrário, esse é um gênero para leitura e reflexão. Portanto, se você atingir o objetivo de propiciar situações de reconhecimento do gênero e do contexto de produção, de leitura e de reflexão, já garantirá a sistematização do mesmo.

Mesmo assim, propomos que esse estudo seja socializado com a comunidade escolar, por meio da transposição de provérbios em cartolinas para serem distribuídas pela escola.

1.1 Iniciando o trabalho com o gênero

Ao iniciar a sequência didática (SD), sugerimos que você, professor(a), organize a sala (antes de os alunos entrarem) com vários cartazes contendo provérbios. Assim que iniciar a aula, peça que leiam esses cartazes, e pergunte-lhes o que entenderam com essa leitura.

Depois desse diálogo, pergunte se eles reconhecem o gênero ali exposto. Provavelmente, surgirão respostas variadas (frases de efeito, ditados populares e provérbios), uma vez que são gêneros que se aproximam, devido à sua estrutura organizacional. Explique o que são provérbios e faça um levantamento sobre quem os conhece. O objetivo desse trabalho é o de mostrar que todo provérbio traz uma mensagem ou um valor moral, um ensinamento, um aconselhamento, revelando uma compreensão de mundo em determinado momento histórico.

Aproveite a oportunidade para explorar, oralmente, a estrutura (o formato) do gênero: frases curtas, objetivas, linguagem conotativa (figurada) e sem autoria. O quadro abaixo traz mais informações sobre o gênero.

Aprofundando Conhecimentos

Provérbio: é uma criação anônima, isto é, sem autor nem tempo definidos porque não é criação de um indivíduo, mas da linguagem de uma comunidade. Como toda manifestação oral, o provérbio se repete continuamente, como se fosse eterno, parecendo que sempre existiu. Frase curta de origem popular, com ritmo e, em alguns, rima, apresenta um conceito sobre a realidade ou uma regra social ou moral. Ex.: *A união faz a força; Quem espera sempre alcança; Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura*. Todo provérbio revela uma mensagem, uma lição de vida, um ensinamento (NIEDERMAYER, 2006).

Ditado popular: também é uma criação anônima, popular, sem autor definido, que se tornou conhecida por ser repetida continuamente. Frase curta, de caráter prático, que expressa, de forma figurativa, uma ideia ou pensamento, diferenciando-se do provérbio apenas por não apresentar uma lição de vida, um ensinamento... É somente uma frase que ficou conhecida popularmente. Ex.: *Não conte com o ovo antes da galinha; sem eira nem beira*.

(pt.wikipedia.org/wiki/Ditado_popular)

Frases de efeito: são frases para ler/ouvir, refletir e comentar, pois causam impacto. Diferentemente dos provérbios e dos ditados populares, essas apresentam autoria, geralmente, pessoas famosas, portanto, podem ser situadas num contexto sócio-histórico-ideológico. Ex.: *Que ninguém se engane, só se consegue a simplicidade através de muito trabalho* (Clarice Lispector); *O importante não é viver, mas viver bem* (Platão).

(pt.wikipedia.org/wiki/Ditado_popular)

2 RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL

Aprofundando Conhecimentos

Professor(a):

Os provérbios ocorrem conforme as necessidades de sua época e uso, portanto podem ser inovados, ou caírem em desuso. Há provérbios muito frequentes na língua como: *"Tempo é dinheiro"*; outros, porém, possuem formas arcaicas que dificultam o entendimento de seu significado hoje: *"O bom vinho escusa pregação"*. Mas para um

provérbio ser inserido em um dicionário, ele tem que necessariamente ser frequente, assim como ocorre com qualquer fraseologismo.

A origem da palavra provérbio vem do latim *proverbium*. De acordo com Xatara, “o provérbio aparece pela primeira vez em textos do século XII, e o mais antigo estudo, assinado por Henri Estienne, data de 1579 – embora a mais antiga coleção de provérbios seja a do inglês John Heywood, de 1562” (XATARA e SUCCI, 2002, p. 13). Entretanto, a sua existência tem origem muito mais remota, e só não é atestada antes porque não puderam ser arquivados, ou porque pertenciam a uma tradição oral, ou porque se perderam tais documentações através do tempo. Sabe-se que faziam parte da filosofia de gregos, romanos, egípcios, presentes tanto no ocidente, como no oriente, perpetuando-se na Idade Média e chegando até nós.

Provavelmente, a origem da palavra seja até religiosa e não seria de se estranhar: ao se decompor “provérbio”, alguns autores acreditam que ele tenha derivado de pro (no lugar de) + verbo (palavra de Deus), ou seja, no lugar da palavra de Deus, já que nele sempre se encerra um conselho, uma admoestação.

Steinberg (1985) argumenta que o anonimato dificulta o reconhecimento exato da origem do provérbio, sendo essa dificuldade ainda maior em países de imigração como o nosso. Alguns provérbios podem ter tido origem em outros países e, com a miscigenação, ter-se enraizado e naturalizado na outra língua, tornando o reconhecimento de sua origem quase impossível.

Pode-se presumir, com essa lógica, que os provérbios, inicialmente religiosos, foram criados por autores conhecidos, mas que, no decorrer dos séculos, foram perdendo autoria e caindo no domínio público. Como diz o próprio provérbio: “A voz do povo é a voz de Deus”, que parece corroborar com a crença de que o pensamento é da coletividade, e não do indivíduo.

Fonte: http://www.revistaveredas.ufff.br/volumes/veredas_atematica_1_08/artigo3.pdf

2.1 Pesquisa sobre o gênero

Professor(a):

Agora que você já tem muitas informações sobre a sócio-história do provérbio, explore o conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero, questionando:

- Vocês sabem o que são provérbios?
- Além desses expostos nos cartazes (na sala de aula), que outros vocês conhecem?

Conforme os alunos forem lembrando de alguns provérbios, você poderá listá-los no quadro.

- Quem será que os criou, ou seja, onde está a autoria?

Nesse momento, fale da sócio-história do gênero, informando, aos alunos, que se trata de um gênero oral, cuja autoria se perdeu no tempo.

- Qual é a função social dos provérbios, ou seja, por que eles foram produzidos?

É importante, no reconhecimento da função social do gênero, refletir sobre a mensagem que cada provérbio quer deixar e, a partir daí, reconhecer, conjuntamente, a sua função social que é aconselhar, ensinar, orientar etc.

- Qual a estrutura de um provérbio?

Olhando para os provérbios expostos nos cartazes, e para aqueles listados no quadro, é possível identificar, junto com os alunos, a estrutura relativamente estável dos provérbios:

- frases curtas,
- sem autoria,
- linguagem conotativa (figurada),
- em alguns casos, presença de rimas,
- em alguns casos, presença de verbos no imperativo.

- Onde encontramos provérbios?

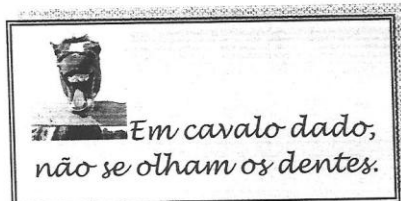
É importante lembrar que os provérbios são encontrados em livros, revistas, para-choques de caminhões, camisetas, gibis e também na fala das pessoas. Além disso, podemos encontrá-los no final de fábulas, em forma de "moral".

Depois dessa exploração, oriente seus alunos para que pesquisem – em livros, revistas, internet, com os pais – e copiem, em seus cadernos, alguns provérbios.

2.2 Leitura e reconhecimento de textos do gênero

Além dos provérbios pesquisados pelos alunos, leve também, alguns textos do gênero para a sala de aula. Eis algumas sugestões:

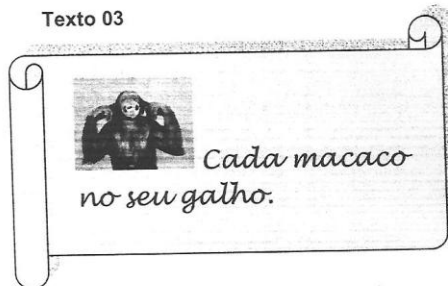
Texto 01



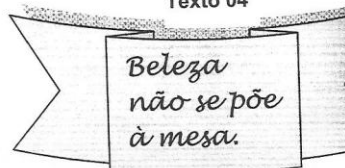
Texto 02



Texto 03



Texto 04



Texto 05



*Caiu na rede,
é peixe.*

Texto 06



*À noite, todos
os gatos são pardos.*

Texto 07



*Mais vale um pássaro na
mão, do que dois voando.*

- A- Oriente para que cada aluno leia oralmente cada provérbio. Observe, nesse momento, a entonação, o ritmo, a postura corporal, a altura da voz e a fluência. Lembre aos alunos que cada gênero exige uma entonação que lhe é própria.
- B- Provoque reflexões, orais ou escritas, sobre os textos lidos. Para isso, sugerimos algumas atividades:
- 1) Quem produziu esses textos?
 - 2) Por que eles não têm autoria?
 - 3) Como os provérbios chegaram até nós, nos dias de hoje?
 - 4) Por que foram produzidos?
 - 5) Para quem eles se destinam?
 - 6) Onde podemos encontrá-los?
 - 7) Converse, com seu(sua) professor(a) e seus colegas sobre a mensagem ou conselho que cada provérbio quer nos repassar. Discutam sobre a viabilidade de seguir, atualmente, tais aconselhamentos. É possível? Por quê?
 - 8) Seguindo o exemplo do Texto 01, apresentado no quadro seguinte, indique palavra(s) que poderia(m) sintetizar a temática de cada texto?

Textos	Temáticas
Texto 01	Recebimento de presentes e/ou doações.
Texto 02	
Texto 03	
Texto 04	
Texto 05	
Texto 06	
Texto 07	

- 9) Fazendo uma leitura sobre os provérbios, substitua as palavras destacadas por outras, fazendo a sua interpretação em relação a cada texto, assim como fizemos em relação ao Texto 01:

Texto 01:

Em cavalo dado, não se olham os dentes.

Em presentes recebidos, não se olham os preços.

Texto 02:

Cão que ladra, não morde.

_____, não _____.

Texto 03:

Cada macaco no seu galho.

Cada _____ no seu _____.

Texto 04:

Beleza não se põe à mesa.

_____ não se põe _____.

Texto 05:

Caiu na rede, é peixe.

Caiu _____ é _____.

Texto 06:

À noite, todos os gatos são pardos.

_____ todos os _____ são _____.

Texto 07:

Mais vale um pássaro na mão, do que dois voando.

Mais vale _____ do que _____.

Professor(a): você poderá aproveitar esta atividade para explorar, também, o que são informações essenciais e acessórias nos provérbios lidos e analisados.

2.3 Seleção de textos do gênero

Professor(a):

Essa etapa da SD é muito importante, pois se trata do momento em que serão analisados, com maior profundidade, textos selecionados. Para esse trabalho, sugerimos os textos abaixo, porém você poderá selecionar qualquer outro, conforme o seu interesse e o de seus alunos.

Texto 01

Devagar se vai ao longe.

Texto 02

De pequenino é que se torce o pepino.

Texto 03

*Em terra de cegos,
quem tem um olho
é rei.*

Texto 04

*Gato escaldado
tem medo de água
fria.*

Texto 05

*Não faças aos outros aquilo que
não queres que te façam.*

2.3.1 Leitura e análise dos provérbios

1. Vamos ler juntos os provérbios e pensar sobre possíveis sentidos? (explicação oral)
2. Releia o texto 01. Que sentido podemos atribuir para a palavra "devagar"? Assinale com um X a resposta correta:
 - () Modo de uma pessoa agir e/ou pensar.
 - () Modo de andar de uma pessoa.
 - () Modo de uma pessoa se deitar.
3. E a palavra "longe", pode ter qual sentido conotativo (figurado)?
 - () Distância
 - () Conquista
 - () Lugar
4. No texto 02, quando se diz que "De pequenino é que se torce o pepino", o que podemos entender por:
 - a) pequenino: _____
 - b) torce o pepino: _____
5. No texto 03, o que você entende por:
 - a) terra de cegos: _____
 - b) rei: _____
6. No texto 04, explique:
 - a) gato escaldado: _____
7. O texto 05 também nos traz uma lição de vida.
 - a) Como você traduz essa lição? _____
 - _____
 - b) Você concorda com isso? Por quê? _____
 - _____

3. ANÁLISE LINGÜÍSTICA

Professor(a):

A análise linguística ocorre quando refletimos sobre a organização estrutural e gramatical do texto, verificando as possibilidades de sentidos provocados por essa maneira de organizá-lo, sem perder de vista, no entanto, o gênero e o contexto de produção. Por

meio de atividades, o aluno terá a oportunidade de pensar sobre a funcionalidade da língua, tendo em vista um contexto real de uso. Trata-se de um estudo dos elementos gramaticais que organizam internamente o texto, atribuindo-lhe significações. Estudar a gramática sob essa perspectiva é tentar garantir a compreensão da aplicabilidade de determinados mecanismos linguísticos em função do gênero, do contexto de produção, do locutor, do interlocutor, enfim, de uma dada situação de interação.

Sendo assim, as atividades seguintes retomam os provérbios selecionados e provocam reflexões em relação às palavras que os compõem.

ATIVIDADES PARA OS ALUNOS

1) Releia o texto 01:

*Devagar se vai ao
longe.*

- a) A quem se dirige esse provérbio? _____
- b) Qual palavra do texto justifica sua resposta? _____
- c) Esse provérbio tem, como objetivo (assinale com um X a resposta correta):
 contar uma história.
 explicar uma palavra.
 defender uma ideia.
- d) Nesse caso, podemos dizer que, em relação à sua tipologia, o texto é predominantemente (assinale com um X a resposta correta):
 explicativo.
 narrativo.
 argumentativo.
- e) Há diferença em se dizer "ao longe" e apenas "longe"? Por quê? _____
- f) A palavra "devagar" significa (assinale com um X a alternativa correta):
 tempo (de duração da ação de ir).
 modo (como a ação de ir é realizada).
 lugar (em que a ação de ir é realizada).
- g) A que outra palavra do texto a palavra "devagar" está ligada, modificando-a? Responda assinalando a alternativa cuja palavra destacada está sendo modificada:
 Devagar se vai ao longe.
 Devagar se vai ao longe.
 Devagar se vai ao longe.
- h) Gramaticalmente, essa palavra é classificada como:
 substantivo
 verbo
 advérbio

Professor(a): se quiser, você pode aproveitar esse momento para explicar a função do advérbio. Segundo a Gramática Normativa (GN), "advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo. Além dessa função básica, certos advérbios modificam um adjetivo, um advérbio e até uma oração" (CUNHA & CINTA, 2003, p. 541-542). Nesse caso, especificamente, o advérbio "devagar" modifica o verbo "vai", indicando, ao leitor, como a ação se realiza.

- i) Você poderia dizer a mesma coisa, apenas mudando a ordem das palavras na frase? Tente fazer isso: _____
- _____
- j) Agora pense: altera o sentido do texto? Por quê? _____
- _____

2) Releia, agora, o texto 02:

De pequenino é que se torce o pepino.

- a) De acordo com o texto, quando "é que se torce o pepino"? _____
- _____
- b) A palavra "pequenino" tem origem em qual palavra? _____
- c) Encontre outra palavra que seja sinônimo de "pequenino" e substitua-a no provérbio e depois verifique se o sentido continua o mesmo. _____
- _____
- d) Nesse caso, ela está empregada, conforme explica a gramática, no grau:
 aumentativo diminutivo superlativo

Professor(a): trabalhamos, aqui, com a noção gramatical do substantivo no grau diminutivo e com a ideia de sinônimo. Se achar que é importante para seus alunos, recorra a uma gramática e explique, com mais detalhe, cada uma dessas funções do substantivo.

- e) Esse provérbio tem, como objetivo (assinale com um X a resposta correta):
 contar uma história.
 explicar um fato ou procedimento.
 descrever uma pessoa.
- f) Nesse caso, podemos dizer que, em relação à sua tipologia, o texto é predominantemente (assinale com um X a resposta correta):
 explicativo.
 narrativo.
 descritivo.

3) Voltemo-nos para o texto 03:

*Em terra de cegos,
quem tem um olho
é rei.*

- a) No texto, temos quatro palavras-chave que são denominadas, gramaticalmente, de substantivos, ou seja, "palavras com que designamos ou nomeamos as coisas ou os seres em geral" (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 178). Que palavras são essas? _____
- b) A palavra "terra" foi empregada com o sentido figurado (conotativo). Como você interpreta essa palavra dentro do contexto em que foi aplicada (no provérbio)? _____
- c) A palavra "cegos" foi empregada no sentido conotativo para referir-se a quem? _____
- d) A palavra "olho" foi empregada no sentido figurado (conotativo) para referir-se a quem? _____
- e) Da mesma forma, como você interpreta a palavra "rei"? _____
- f) A palavra "quem" está se referindo a quê? Assinale com um X a alternativa correta:
 Aos cegos.
 Ao rei.
 A qualquer pessoa que possa enxergar.
- g) Tente mudar a ordem da frase e depois reflita: altera o sentido do texto? Como? _____
- h) Esse provérbio tem, como objetivo (assinale com um X a resposta correta):
 contar uma história.
 explicar uma palavra.
 defender uma ideia.
- i) Nesse caso, podemos dizer que, em relação à sua tipologia, o texto é predominantemente (assinale com um X a resposta correta):
 explicativo.
 narrativo.
 argumentativo.

4) Agora, o texto a ser analisado linguisticamente é o 04:

*Gato escaldado
tem medo de água
fria.*

- a) Quem tem medo de água fria, segundo o texto? _____

- b) Você conhece o significado da palavra "escaldado"? Se souber, explique com suas palavras. Caso não saiba, recorra ao dicionário e copie a definição que corresponde ao sentido aplicado nesse texto. _____
- c) Por que um gato escaldado teria medo de água fria, segundo sua opinião? _____
- d) Quem seriam os "gatos escaldados" hoje? _____
- e) E, nesse caso, como você interpreta "medo de água fria"? _____
- f) Nesse texto, dois substantivos (nomes) são caracterizados. Indique as características atribuídas a:
- gato: _____
 - água: _____
- g) Que outras características você atribuiria a esses substantivos? Indique no espaço abaixo:
- gato: _____
 - água: _____
- h) Se você substituísse as palavras "escaldado" e "fria" por uma das características que você indicou para "gato" e "água" na atividade anterior, mudaria o sentido do texto? Por quê? _____
- i) Conforme a GN, as palavras que atribuem características ao substantivo, modificando-o, são denominadas de:
- () adjetivos () verbos () pronomes

Professor(a): aproveite a oportunidade e explique que "o adjetivo é, essencialmente, um modificador do substantivo" (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 245), servindo para caracterizá-lo.

5) Finalmente, vamos reler o texto 05:

Não faças aos outros aquilo que não queres que te façam.

- a) A quem esse texto se dirige? Copie palavras do texto que justifiquem sua resposta. _____
- b) A palavra "outros", no texto, se refere (assinale com um X a resposta correta):
- () a uma pessoa, em especial.
 - () a qualquer pessoa, sem especificá-la.
 - () a pessoas conhecidas do leitor.
- c) Da mesma forma, como você explica a palavra "aquilo"? _____

- d) Pensando na função social do gênero provérbio, observando o sinal de pontuação, é possível concluir que, da maneira como está escrito, o texto pode ser interpretado como:
- um pedido.
 - um conselho.
 - uma súplica.
- e) Que palavras do texto justificam a alternativa anterior? _____
- f) As palavras “faças” e “queres” dirigem-se a um sujeito. Que sujeito é esse? Assinale a alternativa correta:
- eu
 - você
 - tu
- g) Conforme a GN, essas palavras “faças” e “queres” são denominadas de:
- pronome
 - verbo
 - substantivo
- h) Você poderia escrever esse texto de outra forma, sem alterar o seu sentido? Tente fazer isso. _____
- i) A que conclusão você chegou: é possível escrever o texto de outra forma sem alterar o seu sentido? _____
- k) Esse provérbio tem, como objetivo (assinale com um X a resposta correta):
- contar uma história.
 - explicar uma palavra.
 - aconselhar e instruir/recomendar.
- l) Nesse caso, podemos dizer que, em relação à sua tipologia, o texto é predominantemente (assinale com um X a resposta correta):
- explicativo.
 - narrativo.
 - injuntivo.

4 PRODUÇÃO DE TEXTO

Professor(a):

Como dissemos no início dessa SD, o provérbio não é um gênero que o aluno tenha que saber produzir, mas sim ler e refletir sobre suas palavras, interpretando-as. Por isso, nesse momento da produção, sugerimos que você divida seus alunos em grupos e que cada grupo fique responsável por escolher um provérbio (aquele que mais gostou), transcrevendo-o numa cartolina e ilustrando-o posteriormente.

Verificar se copiaram corretamente o provérbio, se a transcrição para a cartolina ficou legível, se o tamanho da letra é adequado para esse suporte e se a ilustração é condizente com o provérbio.

5 CIRCULAÇÃO DO GÊNERO PROVÉRBIO

Como circulação do gênero, cada grupo fará a exposição do provérbio selecionado e ilustrado no pátio da escola. Para que a comunidade escolar entenda do que se trata essa exposição, sugerimos também que você, juntamente com os alunos, produza um texto coletivo, explicando a sócio-história do gênero provérbio. A Semana do Folclore é um ótimo momento para tal exposição.

BIBLIOGRAFIA

AMOP. Associação dos Municípios do Oeste do Paraná. **Seqüência didática**: uma proposta para o ensino da Língua Portuguesa nas séries iniciais. [Organizadora: Terezinha da Conceição Costa-Hübes]. Cascavel: Assoeste, 2007a. Caderno Pedagógico 01.

_____. Associação dos Municípios do Oeste do Paraná. **Seqüência didática**: uma proposta para o ensino da Língua Portuguesa nas séries iniciais. [Organizadora: Carmen Teresinha Baumgärtner e Terezinha da Conceição Costa-Hübes]. Cascavel: Assoeste, 2007b. Caderno Pedagógico 02.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro]. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004.

LAUAND, Luiz Jean. **Provérbios e educação moral – A Filosofia de Tomás de Aquino e a Pedagogia Árabe do Mathal**. São Paulo: Hottopos, 1997.

MACHADO, Anna Rachel; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino dos gêneros. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, vol.6, n. 3, p. 547-573, set./dez. 2006.

MAGIOLI, Tatiana Souza. **Topoi argumentativos nos provérbios e ditos populares**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/36/11.htm>. Acesso 14/10/2008.

NIEDERMAYER, Luci Pilett (org.). **Gêneros textuais**: uma definição dos gêneros listados. Santa Helena, 2007 (texto não publicado).

PAES, José Paulo. **Tradução: a ponte necessária**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PROJETO. **Provérbios para escolas de primeiro e segundo graus**. São Paulo: Mandruvá, 1998, texto eletrônico: <http://www.usp.br/fzea/zab/indice2.htm>.

STEINBERG, Martha. **1001 provérbios em contraste**. São Paulo: Ática, 1985.

VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmiento. **Coletânea de provérbios e outras expressões populares brasileiras de provérbio**. Disponível em: <http://www.deproverbio.com/DPbooks/VELLASCO/INTRODUCAO.html> Acesso 10-02-2009

XATARA, Claudia Maria; SUCCI, Thais Marini. **Revisitando o conceito de provérbio**. Disponível em: http://www.revistaveredas.uff.br/volumes/veredas_atematica_1_08/

<http://www.lifesabirch.org/proverbios/>

COSTA-HUBES, Terezinha da Conceição. **Seqüência didática**: uma proposta para o ensino da Língua Portuguesa nas séries iniciais.. Cascavel: - Associação Dos Municípios Do Oeste Do Paraná, AMOP, 2007. (Caderno Pedagógico 3).